

Diogo Bravo Dias da Costa

Arrumando a vida

Um estudo de caso de um arrumador de automóveis

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2012

Diogo Bravo Dias da Costa

Arrumando a vida

Um estudo de caso de um arrumador de automóveis

Universidade Fernando Pessoa

Porto, Julho de 2012

Arrumando a vida

Um estudo de caso de um arrumador de automóveis

Ass.: _____

(Diogo Bravo Dias da Costa)

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em Serviço Social, sob
orientação do Professor Doutor Luís Santos

Sumário

O presente trabalho, denominado “Arrumando a vida”, aborda a temática dos arrumadores de automóveis.

Através de uma metodologia qualitativa, e recorrendo a um estudo de caso, com o auxílio da técnica da entrevista em profundidade, semi-estruturada, pretendeu-se explorar a figura do arrumador de automóveis, a sua ligação com a cidade, com a sociedade e com o controlo social formal, os seus ritmos diários, a sua associação com a criminalidade e a sua auto-imagem como actor social.

O estudo tem como ponto de partida a análise do passado familiar, escolar e profissional do sujeito, destacando o seu núcleo familiar e suas ligações, o seu percurso escolar e respectivos contactos sociais e a sua primeira experiência profissional e, cronologicamente, o seu primeiro contacto com as drogas duras.

Consequente e progressivamente, o presente estudo retrata as vivências de um arrumador de automóveis em fases distintas da sua vida: a fase de toxicod dependência, em que consumia heroína e cocaína, e a fase de abstinência, na qual se encontra actualmente.

Através da análise dos resultados foi possível concluir que a actividade desenvolvida na fase de toxicod dependência é bastante diferente da actividade em abstinência, nomeadamente nas suas rotinas diárias, na relação com o controlo social formal, nas relações estabelecidas com o automobilista e na maneira com que o indivíduo aborda a actividade que desempenha.

Foi possível perceber a mudança de atitude tanto da parte do arrumador, como da parte do automobilista. A abstinência do indivíduo cria ligações de confiança com a população com a qual contacta, o que se vai traduzir numa relação de maior aproximação e, consequentemente, na transformação da percepção do arrumador como uma figura do medo, passando a ser uma figura de protecção contra a criminalidade.

Ao meu pai, por tudo...

Agradecimentos

À minha Mãe e ao meu Irmão pelo amor e confiança.

Ao Prof. Doutor Luís Santos pela sua sempre pronta disponibilidade, orientação e imenso saber transmitido ao longo de todo o curso.

À minha Prima Maria pela perseverança e por nunca ter deixado de acreditar.

À Ana Guimarães por todo o seu apoio e dedicação.

A todos os Amigos que me motivaram e estiveram sempre presentes.

Finalmente, ao “Rafa”, pela participação, disponibilidade e pelo à-vontade demonstrado desde o primeiro momento.

Índice de Anexos

Anexo A – Guião da Entrevista

Anexo B – Transcrição da Entrevista

Anexo C – Matriz conceptual relativo à 1.^a unidade de análise

Anexo D - Matriz conceptual relativo à 2.^a unidade de análise

Anexo E - Matriz conceptual relativo à 3.^a unidade de análise

Anexo F - Matriz conceptual relativo à 4.^a unidade de análise

Índice Geral

Sumário.....	V
Agradecimentos	VII
Índice de Anexos	VIII
Introdução.....	13
Parte Teórica.....	15
Capítulo I - Das famílias tradicionais às famílias multiproblemáticas.....	16
1.1. Introdução	16
1.2. Conceito de família	16
1.3. Perspectiva sociológica da família	17
1.4. Novas tipologias familiares.....	18
1.5. Famílias multiproblemáticas: Conceito e características	19
1.5.1. Origem do conceito	19
1.5.2. Pobreza e Exclusão Social	20
1.5.3. Definição de famílias multiproblemáticas	21
1.5.4. Características das famílias multiproblemáticas	22
1.5.4.1. Estrutura familiar	22
1.5.4.1.1. Estruturas típicas	23
1.5.4.1.2. Limites	24
1.5.4.1.3. Conjugalidade.....	24
1.5.4.1.4. Parentalidade	25
1.5.4.1.5. Fraternalidade	25
1.5.4.1.6. Resposta à crise	25

1.5.4.1.7. Ideologia	26
1.5.4.2. Funcionamento Familiar.....	26
1.5.4.2.1. Funções Familiares	26
1.5.4.2.2. Comunicação	27
1.5.4.2.3. Organização	27
1.5.4.2.4. História e ciclo de vida familiar	27
1.5.4.2.5. Economia familiar	28
1.5.4.2.6. Redes Sociais	28
1.5.4.2.7. Recursos e competências	29
1.5.5. Famílias multiproblemáticas e intervenção social	29
Capítulo II - A actividade do arrumador de automóveis.....	31
2.1. Introdução	31
2.2. O despontar da actividade	31
2.3. A figura do medo e da insegurança.....	33
2.4. Auto-imagem social do arrumador de automóveis	35
2.5. A actividade do arrumador de automóveis.....	36
2.5.1. Enquadramento legal.....	36
2.5.2. A actividade de arrumar automóveis como actividade do trabalho informal	38
2.5.3. Características da actividade	40
2.5.4. Relação com os automobilistas	41
2.5.5. Relação com o controlo social formal.....	42
2.5.6. O arrumador toxicodependente	43

Parte Empírica	45
Capítulo III – Metodologia	46
3.1. Introdução	46
3.2. Objectivos do estudo	46
3.3. Limites do projecto	47
3.4. Instrumentos e procedimentos.....	48
3.5. Caracterização sócio-demográfica do indivíduo	51
Capítulo IV - Apresentação e discussão dos resultados	53
4.1. Introdução	53
4.2. Os primeiros anos.....	53
4.2.1. Composição do núcleo familiar	53
4.2.2. Percurso escolar	55
4.2.3. Relações sociais	56
4.2.4. Toxicodependência e primeiro emprego.....	57
4.2.5. Reacções da família aos consumos	59
4.3. (Des)arrumando a vida na toxicodependência	60
4.3.1. Introdução	60
4.3.2. A primeira experiência como arrumador de automóveis	61
4.3.3. A actividade de arrumador – a vida na “mina”	61
4.3.4. O Porto Feliz	65
4.4. Arrumando a vida na abstinência.....	66
4.4.1. Abstinência e o programa de Toma Diária Assistida.....	66
4.4.2. A actividade arrumador – a vida no parque automóvel	67

4.5. O futuro	74
4.5.1. Introdução	74
4.5.2. Projectos de futuro	75
4.6. Discussão dos resultados.....	76
4.6.1. Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis.....	76
4.6.2. O arrumador de automóveis	79
4.6.3. Arrumador-toxicodependente e arrumador-abstinente	81
4.6.4. Perspectivas de futuro	85
Reflexões Finais	86
Referências Bibliográficas.....	89
Anexos	92

Introdução

O presente Projecto de Graduação aborda a actividade do arrumador de automóveis. Os poucos estudos disponíveis sobre este novo utilizador da cidade tornaram pertinente a elaboração deste estudo, que pretende analisar a actividade anteriormente mencionada, através da análise das configurações do próprio actor social.

O tema abordado foi escolhido pois pretendia-se obter informações detalhadas sobre a actividade do arrumador de automóveis e a sua relação com a sociedade. Sendo alvo de grande controvérsia pela actividade que desempenha, sempre suscitou ao autor grande curiosidade sobre a sua figura, principalmente pelas oscilações de interesse demonstradas pelo poder local, atingindo o auge do interesse colectivo com a criação do Projecto “Porto Feliz” e subsequente esquecimento aquando do término do projecto.

A curiosidade de conhecer o que está por detrás do contínuo vaivém de gestos, já muitas vezes inconscientes, a assinalar um lugar vazio foi o que motivou a elaboração deste trabalho.

O trabalho encontra-se organizado em duas partes distintas: a parte teórica e a parte empírica. Na primeira parte, enquadra-se a teoria relacionada com os objectivos do estudo, dividindo-a em dois capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Das Famílias Tradicionais às Famílias Multiproblemáticas*, abordamos o conceito de Família Problemática, enquadrando-a inicialmente no conceito de Família (numa perspectiva histórica e sociológica) para, posteriormente, efectuar a sua caracterização em todas as vertentes. Assim, foi possível analisar a história familiar do sujeito com base nos conceitos teóricos adquiridos.

No segundo capítulo, intitulado *A actividade do arrumador de automóveis*, apresenta-se a visão conceptual de alguns autores sobre esta actividade. Assim, foi possível descrever a sua associação com a insegurança e a criminalidade, a auto-imagem social dos arrumadores de automóveis e a actividade em si, considerando variáveis como as suas características e a relação com automobilistas e controlo social formal. Optou-se também por efectuar um enquadramento legal da actividade para uma melhor compreensão do fenómeno.

Na segunda parte, este projecto dedicou-se ao estudo empírico e foi também dividido em dois capítulos: o capítulo III, intitulado *Metodologia* e o capítulo IV, intitulado

Apresentação e Discussão dos Resultados. No capítulo III são mencionados os objectivos do estudo, os limites encontrados, os instrumentos e os procedimentos, bem como apresentada uma caracterização sócio-demográfica do indivíduo, objecto de estudo. No capítulo IV, é apresentado o caso e analisados os resultados obtidos através da entrevista realizada com o indivíduo que exerce a actividade de arrumador de automóveis.

Finalmente, são apresentadas as reflexões finais, focando os aspectos fundamentais apreendidos durante a elaboração deste projecto.

Parte Teórica

Capítulo I – Das famílias tradicionais às famílias multiproblemáticas

1.1. Introdução

Este capítulo pretende abordar o conceito de família multiproblemática, debruçando-se sobre todas as suas vertentes. Assim, inicialmente, descreveu-se a noção de família segundo a perspectiva de diversos autores, bem como a perspectiva sociológica sobre o conceito e as novas tipologias familiares. De seguida, o estudo tomou uma perspectiva mais centrada no conceito de família multiproblemática, explicando a sua origem, a sua relação com o conceito de exclusão social e as suas características. Por último, abordou-se a intervenção social neste tipo de famílias.

1.2. Conceito de Família

Tal como a sociedade, também o conceito de família tem sofrido várias alterações ao longo da história, sobretudo após a Revolução Industrial, a partir da qual se instalou o conceito de família contemporânea. Murdock (1959, cit. in Lakatos e Marconi, 2006, p. 171) fornece uma definição clássica do conceito, exprimindo família como “(...) o grupo social caracterizado por residência em comum, cooperação económica e reprodução”. Esta definição do autor enquadra-se na designação de família tradicional, formada por mãe e pai onde, normalmente, o progenitor é caracterizado como o responsável pelo sustento familiar e a progenitora por todas as tarefas domésticas e pelos filhos. Este tipo de família ainda pode ser verificado nas estruturas familiares mais clássicas mas com as alterações da sociedade, já não se retrata na maioria das formas familiares do presente.

Giddens (2004, p. 175), por sua vez, relaciona o conceito de família com um “grupo de pessoas unidas directamente pelo parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças”. Este autor enfatiza os laços de parentesco entre os elementos, bem como as responsabilidades dos adultos na educação, protecção e prestação de cuidados às crianças.

Já Palácios e Rodrigo (1998, p. 33) definem família como uma:

“(...) união de pessoas que compartilham um projecto vital de existência em comum, o qual se quer duradouro, sendo nele que se geram fortes sentimentos de pertença a esse grupo, existe um compromisso pessoal entre os seus membros e estabelecem-se intensas relações de intimidade, reciprocidade e dependência.”

Esta definição é bastante complexa, destacando sobretudo os sentimentos estabelecidos e a questão de compromissos de desenvolvimento e socialização entre os respectivos membros da família.

1.3. Perspectiva Sociológica de Família

“A família é definida como um sistema social pequeno e interdependente, dentro do qual podem ser encontrados subsistemas ainda menores, dependendo do tamanho da família e da definição de papéis. Sendo ainda a família uma força social que tem influência na determinação do comportamento humano, na formação da personalidade” (Buscaglia, 2006, p. 78).

A família é um aglomerado de relações sociais entre os vários membros, que exercem influência significativa entre si. A família funciona como o primeiro núcleo de socialização que facilita e promove o desenvolvimentos dos envolvidos. Para a criança, a família deverá ter como função a satisfação de todas as suas necessidades físicas, afectivas e sociais, no seio da qual estabelece a sua primeira interacção com a sociedade e desenvolve as suas atitudes e vivências com vista ao seu desenvolvimento. A família tem uma função formativa e determinativa no desenvolvimento afecto-cognitivo da criança. Para os adultos, além de assumirem a responsabilidade pela criança, a família é um contexto de de desenvolvimento e realização pessoal.

Quando se considera esta dupla função de desenvolvimento atribuída ao adulto, são atribuídas também à família uma série de funções, segundo Palácios e Rodrigo (1998):

- 1- Construção de pessoas adultas com um certo nível de auto-estima e um determinado sentido de si mesmos, e que experimentam um determinado nível de bem-estar psicológico na vida quotidiana face a potenciais conflitos;
- 2- Preparação para enfrentar desafios e assumir responsabilidades e compromissos que orientam a acção dos adultos para a produção e realização pessoais, bem como para a sua projecção no meio social;

- 3- Encontro de gerações onde os adultos ampliam os seus horizontes vitais efectuando a ligação entre gerações ascendentes e descendentes;
- 4- Apoio social nas diferentes etapas que o adulto enfrentará como, por exemplo, a busca de trabalho, de parceiro, de casa, de novas relações sociais, nascimento de descendentes, etc..

Possuindo um dinamismo próprio que lhe confere a sua individualidade e a sua autonomia, a família interioriza influências externas da comunidade e da sociedade, mas também está sujeita a forças internas possuindo uma capacidade auto-organizativa que lhe dá coerência e consistência.

Com todas as transformações sofridas pela sociedade no decorrer dos últimos tempos, também a família enquanto estrutura evolutiva e dinâmica sofreu grandes alterações, surgindo novas tipologias familiares, consequência do próprio desenvolvimento dos seus membros, pelas alterações nas suas relações e pelos acontecimentos vividos no seio familiar.

1.4. Novas tipologias familiares

De acordo com a vertente estrutural de família, esta assume diversas variações, podendo ser nuclear, alargada, monoparental, reconstruída ou unitária (Saraceno e Naldini, 2003):

- a) **Família nuclear:** caracteriza-se por uma união singular entre adultos e um só nível de descendência (pais e filhos), não se manifestando a presença de linhas colaterais, como tios ou primos, nem saltos geracionais (avós e netos);
- b) **Família alargada:** é composta por várias gerações, incluindo frequentemente a família nuclear, o(s) avó(s) e, por vezes linhas colaterais, como tios ou primos. Frequentemente este tipo de família é constituído por dependência de um dos membros ou por dificuldades financeiras;
- c) **Família monoparental:** é constituída por apenas um dos progenitores com o(s) filho(s), sendo a morte de um dos progenitores, o divórcio e a separação os

motivos mais frequentemente apontados para a constituição deste tipo de família;

- d) **Família reconstruída:** refere-se à situação familiar em que pelo menos um dos progenitores provém de um casamento anterior, podendo transportar para a nova família filhos da anterior relação;
- e) **Família unitária:** é composta por uma única pessoa, que vive só ou em habitação de estranhos, podendo tornar-se num tipo de família bastante vulnerável se não for estabelecida uma boa rede de suporte social.

Também por motivos de coabitação, solidariedade entre indivíduos que convivem e cooperação, outras tipologias podem ser enunciadas, embora algumas careçam de reconhecimento legal:

- Famílias constituídas por avós e netos ou tios e sobrinhos;
- Famílias monoparentais em que houve retorno à família de origem com apagamento das fronteiras entre as diversas gerações;
- Famílias de acolhimento;
- Casais de homossexuais.

1.5. Famílias Multiproblemáticas: Conceito e características

“Os membros destas famílias acusam escassez de recursos ao nível de inteligência emocional (Goleman, 1997, cit in Sousa, 2005): dificilmente gerem as suas emoções, vivendo simplesmente cada momento; desconhecem as suas emoções e em consequência as emoções dos outros, reagindo sem compreender ou contextualizar. (...) A estrutura destas famílias é marcada pela indefinição e instabilidade, arrastando fortes inconvenientes organizacionais em múltiplas frentes: desde a definição de tarefas e funções até às regras de relacionamento”(Sousa, 2005, pp. 13-14).

1.5.1. Origem do conceito

O conceito de famílias problemáticas tem origem na década de cinquenta do século XX, concebido por investigadores e profissionais da área da acção social, identificando

famílias de baixo estatuto socioeconómico, no limiar da pobreza, não tendo o objectivo de esmiuçar relações interpessoais, sociais ou familiares. Este conceito teve origem nas transformações da sociedade industrial: as famílias passaram de uma vivência comunitária, de partilha de tarefas, tempo e espaços, a uma vivência de isolamento, caracterizada por uma movimentação diária dos indivíduos, em função dos ritmos acelerados do emprego. Consequência desta evolução, também o papel do Estado sofreu alterações: associado ao desenvolvimento industrial surge o Estado Providência, apoiado em ideais e obrigações de solidariedade, invadindo no seu espaço íntimo as famílias mais pobres e carentes, que, segundo os profissionais, não cumpriam as suas tarefas familiares, com o objectivo de lhes proporcionar o seu apoio (Sousa, 2005).

1.5.2. Pobreza e Exclusão Social

É frequente a associação entre famílias multiproblemáticas e pobreza e baixo-estatuto socioeconómico. Segundo Sousa et al. (2007), esta ligação é, na realidade, bastante incorrecta, pois as famílias problemáticas podem ser encontradas em qualquer estrato social, cultural e económico. Esta associação errónea deve-se ao facto de as famílias pobres constituírem um núcleo quantitativamente relevante, dando origem a um maior número de estudos e intervenções por parte de técnicos, bem como uma maior visibilidade por parte da comunidade. Quando a disfuncionalidade ou várias problemáticas em conjunto (e.g., alcoolismo, depressão) ocorrem em famílias com elevados níveis sociais (tanto a nível económico com o a nível escolar), a evidência para o exterior é menor e as expectativas positivas são superiores.

Na visão de Bruto da Costa (2007), a pobreza assume-se como uma forma de exclusão social, consequência da exclusão da pessoa pobre de alguns dos sistemas sociais básicos em relação aos quais se definiu a exclusão social. Assim, o conceito de “exclusão” implica um contexto de referência, do qual se é ou se está excluído, e o termo “social” refere-se à sua relação com a sociedade, ou seja, no relacionamento com um conjunto de sistemas sociais básicos, que se poderão agrupar em cinco domínios, a saber: social, económico, institucional, territorial e referências simbólicas.

A exclusão social coexiste e ganha significado na ligação com a inclusão social, relacionando-se ambos através de trocas simétricas e complementares:

- a) A inclusão num sistema associa-se à inclusão noutro(s) sistema(s) (e.g., a inclusão num grupo de delinquentes associa-se à inclusão no sistema judicial);
- b) A exclusão num sistema alia-se à exclusão noutro(s) sistema(s) (e.g., sujeitos retirados do sistema escolar facilmente são excluídos do mercado normal de trabalho);
- c) A inclusão num sistema liga-se à exclusão doutro(s) sistema(s) (e.g., a inclusão em grupos de toxicódependentes leva à exclusão do sistema escolar);
- d) A exclusão num sistema une-se à inclusão noutro(s) sistema(s) (e.g., a exclusão do sistema escolar em idades precoces promove a inclusão em sistemas paralelos de emprego) (Sousa, 2005);

Assim, existem padrões de compensação em que a exclusão ou marginalização de um sistema é compensada pela inclusão noutro(s) sistema(s), resultando em que nenhum indivíduo seja excluído de todos os sistemas.

As famílias multiproblemáticas, pela sua falta de autonomia, vão sendo incluídas nos sistemas de apoio da comunidade e vão sendo excluídas dum sistema familiar autónomo e, simultaneamente, ao serem excluídas dos meios de vida considerados socialmente aceitáveis, são incluídos nos sistemas menos aceitáveis (Sousa, 2005).

1.5.3. Definição de Famílias Multiproblemáticas

Segundo Weizman (citado por Sousa, 2005), as famílias multiproblemáticas distinguem-se pela presença de um ou mais sintomas sérios e graves de forte intensidade (e.g., violência, abuso de substâncias, incesto) durante um longo período de tempo. O stresse que desenvolvem não é meramente relacionado com a situação que motivou a intervenção, relaciona-se com a sua história mórbida, repleta de exemplos de tratamentos falhados, desenvolvimento de sintomas nos seus membros, crises familiares múltiplas, instabilidade profissional e funcionamento interpessoal seriamente afectado (Sousa, 2005).

Na família multiproblemática o sintoma familiar, nomeadamente a tendência para o caos e desorganização, sobrepõe sempre os sintomas individuais (Linares cit. in Sousa, 2005). Segundo Sousa (2005), em cada uma destas famílias é possível, sem dificuldade, enumerar um conjunto de problemas sociais como maus tratos, alcoolismo, prostituição,

delinquência, insucesso escolar, depressões, psicoses, etc., que se poderão encontrar associados a problemas de saúde como doenças crónicas e/ou deficiências.

Dadas as características específicas das famílias multiproblemáticas, Cancrini et al. (cit in Sousa, 2005) operacionalizaram o conceito tendo em conta os seguintes critérios:

- Presença simultânea de comportamentos problemáticos estruturados, estáveis no tempo, em pelo menos dois elementos do mesmo sistema familiar, e suficientemente graves para justificarem uma intervenção externa;
- Grave insuficiência por parte dos pais, no desenvolvimento das actividades funcionais e afectivas necessárias para assegurar um adequado desenvolvimento da vida familiar;
- Reforço recíproco entre os dois primeiros aspectos;
- Fragilidade dos limites, inerente à forte presença de técnicos e outras figuras externas que, dessa forma, substituem parcialmente os membros;
- Estruturação de uma relação de dependência crónica da família face aos serviços sociais, constituindo-se um equilíbrio sistémico;
- Desenvolvimento de comportamentos sintomáticos pouco usuais nos indivíduos, tais como as toxicodependências de tipo D (sociopática).

1.5.4. Características das Famílias Multiproblemáticas

As famílias multiproblemáticas são únicas e especiais em termos da sua estrutura e funcionamento. Assim, torna-se pertinente analisar a estrutura e o funcionamento destas famílias para uma melhor compreensão do fenómeno.

1.5.4.1. Estrutura Familiar

A estrutura familiar refere-se “à rede invisível de necessidades funcionais que organiza o modo como os membros da família interagem” (Minuchin citado por Alarcão, 2002, p. 54). Tendo em conta a conceptualização das famílias multiproblemáticas, de seguida proceder-se-á a uma breve análise dos seguintes tópicos: estruturas típicas, conjugalidade, parentalidade, fraternidade, resposta à crise e ideologia.

1.5.4.1.1. Estruturas típicas

Cancrini et al. (cit. in Sousa, 2005, p. 21) identificam as estruturas mais típicas das famílias multiproblemáticas, famílias que frequentemente sofrem, na sua estrutura, repetidas rupturas e reconstituições: “*pai periférico*”, “*casal instável*”, “*mulher só*” e “*família petrificada*”.

A estrutura “*pai periférico*” caracteriza-se pela presença de uma figura parental desocupada ou subocupada (em termos de emprego), com baixo nível de instrução e competências, apresentando um papel secundário quer em termos económico quer em termos emocionais. Frequentemente ausenta-se por largos períodos temporais, por circunstâncias profissionais ou problemas com a justiça, debilitando a relação com os filhos e restante grupo familiar. É descrito aos serviços sociais, pela mãe, como violento, alcoólico, infiel e incapaz, sendo uma surpresa para os técnicos quando se apresenta e tem a oportunidade de demonstrar ser uma figura menos instável do que o sugerido. Os motivos da perifericidade prendem-se com a falta de responsabilidades e/ou desconfiança em relação às próprias capacidades.

Por sua vez, a estrutura “*casal instável*” retrata casos de casamentos ou relações esporádicas entre pessoas jovens, que não possuem a capacidade de se organizarem e constituírem uma família autónoma. A relação é, normalmente, pouco duradoura, permanecendo apenas, como prova, os filhos. Finalizada a relação, são muito frequentes os conflitos legais, com o intuito da obtenção da custódia do(s) filho(s), a reorganização familiar conflui numa família extensa centralizada na figura da avó (quase sempre a materna). Nestas circunstâncias, vive-se o risco de a avó assumir o papel de mãe da(o) sua(eu) filha(o) e do(s) neto(s), designando-se esta estrutura como “*avó ausente*”.

A estrutura “*mulher só*” relaciona-se com famílias compostas por uma mulher de estatuto social e cultural modesto que cria sozinha os filhos de vários pares, fruto de relações instáveis. Esta estrutura tem mais expressão em mulheres que viveram em instituições ou com a vida estruturada em torno da prostituição ou outras actividades marginais. Frequentemente, o Tribunal de Família e Menores assume a responsabilidade pelas crianças, pois mesmo o vínculo às crianças não consegue alterar a desorganização familiar.

Finalmente, a estrutura “*família petrificada*” emerge na sequência de um episódio traumático e imprevisto (e.g., morte de um filho, intervenção do tribunal, despedimento dos progenitores), o que provoca uma brusca modificação no sistema familiar e interfere nos papéis dos membros, petrificando-os. Em consequência, desenrola-se um círculo vicioso em que à incapacidade funcional se unem a desorganização e a intervenção descoordenada dos serviços. Nestes casos a procedência social e nível cultural são, vulgarmente, menos débeis e as potencialidades de ultrapassar a conjuntura desfavorável, mais fortes (Sousa, 2005, pp. 21-23).

1.5.4.1.2. Limites

Os limites que as famílias multiproblemáticas estabelecem entre os vários subsistemas e no seu relacionamento com o exterior traduzem-se pela grande distância entre os membros e pelas fronteiras pouco definidas ou excessivamente permeáveis. No seio familiar, a hierarquia caótica traduz-se na distância no relacionamento entre os membros e na facilitação das saídas. Contudo, a escassa nutrição emocional traduz-se numa instável autonomia dos membros. Na relação com o exterior, o contexto envolvente penetra fácil e intensamente no sistema familiar, que adopta uma tendência para a sua diluição no exterior (Colapinto, 1995 cit. in Sousa et al., 2007).

1.5.4.1.3. Conjugalidade

A conjuntura da difusão dos limites com a instabilidade afectiva dos membros, provoca situações de desarmonia intensa que se traduzem no permanente conflito entre os elementos do subsistema conjugal. A instabilidade no sistema conjugal impede o amadurecimento das relações e provoca uma dupla vivência: ou existem desaguisados constantes ou vivem oscilantes entre momentos de grande paixão seguidos de períodos de agressividade. Também um ou ambos os membros do casal podem apresentar perturbações ao nível da doença mental, raramente revelando capacidades executivas adequadas e sentindo-se oprimidos pelas tarefas da vida familiar (Weizman, 1985 cit. in Sousa et al., 2007).

1.5.4.1.4. Parentalidade

Pelo facto da conjugalidade estar associada à parentalidade, pois habitualmente os seus elementos são coincidentes, a inconstância conjugal arrasta a deterioração da função parental. Consequentemente, os filhos sofrem uma deficiente socialização, demonstrando ausência de protecção face ao exterior e de normalização (falta de conhecimentos das normas culturais), motivando potenciais conflitos com o meio. Esta falta de estruturas de socialização traduz-se em dificuldades na integração nos sistemas externos (e.g., a escola) por parte dos adolescentes e jovens adultos, sendo patologias vulgares as do tipo socio ou psicopático, conjugadas com delinquência, toxicodpendência, alcoolismo ou inadaptação escolar. A função parental sofre também desgaste devido à sua dispersão por várias figuras, como por exemplo, a figura materna ser desempenha pela mãe, pela avó ou pela irmã, podendo provocar mesmo a ausência de referências na vida do indivíduo, pois possuir muitas figuras potencialmente parentais não significa “ter pais” (Sousa, 2005).

1.5.4.1.5. Fraternidade

As famílias multiproblemáticas são, frequentemente, constituídas por vários filhos, fruto de ligações diferentes e, por vezes, esporádicas. É no subsistema fraternal que se treinam as relações entre iguais, sendo estas relações caracterizadas por extremos de grande proximidade, agressividade ou total afastamento. Porém, em casos de conflito contra terceiros, os irmãos tendem a agrupar-se, voltando a adoptar a relação de extremos, após o seu término (Sousa et al. 2007).

1.5.4.1.6. Resposta à crise

As famílias multiproblemáticas deparam-se com bastantes dificuldades quando invocadas a enfrentar crises e resolver problemas, devido à falta de apoio mútuo e padrões de alianças enviesados que provocam estados afectivos negativos nos membros (Minuchin cit. in Sousa, 2005). Também devido aos desmembramento das relações os processos de negociação, resolução de problemas e conflitos raramente são eficazes.

1.5.4.1.7 Ideologia

Em termos de ideologia familiar, as famílias multiproblemáticas encontram-se bastante próximas da marginalidade, evidenciando solidariedade instável perante os homólogos e desconfiança e receio perante o poder estabelecido. Assim, poderão facilmente passar de actos de apoio extremo a actos de traição na sua relação com as pessoas mais próximas, e ser indiferentes perante as leis e normas sociais, não se preocupando com o reconhecimento legal das situações (Cancrini et al cit. in Sousa, 2005).

1.5.4.2. Funcionamento Familiar

O conceito de funcionamento familiar pode ser descrito como o padrão das relações que os membros de uma família estabelecem entre si (Sousa, 2005). Como as famílias sofrem uma variação na consistência destes padrões ao longo do tempo, através do funcionamento familiar pode verificar-se a sua relação com as leis, a relação das atitudes praticadas com o bem-estar da família, a relação dos comportamentos adoptados com o *status* da família, e se o funcionamento social é favorecido ou anulado. Assim, importa ter em conta as seguintes dimensões: funções familiares, comunicação, organização, história e ciclo de vida familiar, redes sociais e recursos e competências.

1.5.4.2.1. Funções familiares

Nas famílias multiproblemáticas parecem escassear os objectivos familiares, sendo as energias gastas em conflitos imediatos, conjunturas de emergência e sobrevivência (Weizman, cit. in Sousa et al., 2007). Daqui resulta um funcionamento familiar pouco satisfatório tanto a nível organizacional (e.g., economia, habitação, educação, saúde, protecção) como relacional (e.g., gestão de conflitos, nutrição emocional, intimidade) (Alarcão, cit. in Sousa, 2005). As famílias problemáticas caracterizam-se pela sua desorganização hierárquica, que motiva a alternância entre passividade e autoridade rígida, pela grande intensidade e escasso controlo na expressão de emoções e pela quase ausência de ritos familiares, pois as emoções são tão intensas quanto desorganizadas no plano individual, não tendo impacto no grupo.

1.5.4.2.2. Comunicação

A comunicação é uma das principais dimensões familiares, pois torna possível aos membros exprimirem as suas carências, desejos e preocupações. Nas famílias multiproblemáticas assumem como características o caos comunicacional, a pobreza emocional das mensagens e a falta de directividade e clareza (Epstein et al cit. in Sousa, 2005). Em termos de troca de informação factual, a que permite satisfazer funções familiares comuns, na família multiproblemática reina a troca limitada ou dificultada de informações entre os membros, enquanto que na troca de informação afectiva, a informação relacionada com a partilha de emoções, tem destaque a extremização de comportamentos afectivos que vão da proximidade à ausência total, a inexistência de empatia derivada à falta de impacto das emoções individuais no grupo, a culpabilidade, a negatividade e a crítica constante (Sousa, 2005).

1.5.4.2.3. Organização

Segundo Sousa (2005), a organização familiar é o espaço onde convergem as identidades dos membros e, nas famílias multiproblemáticas, é o espelho do estilo de comunicação predominante: caótica ou desagregada, dispersa e centrífuga. Nas habitações é frequente a falta de delimitação dos espaços, de horários e rituais comuns. Caracteriza-se por ser um lugar despido de privacidade, intimidade e valor relacional.

1.5.4.2.4. História e ciclo de vida familiar

Por vezes, reconstruindo a história da família são desvendadas emigrações recentes dos ascendentes (pais e/ou avós), institucionalizações prolongadas ou mesmo procedência de famílias multiproblemáticas. Existe um enredo anterior que torna o contexto familiar para quem o vive e profundamente estranho para quem nunca o vivenciou (Weizman, 1985 cit. in Sousa et al., 2007).

As particularidades do ciclo de vida familiar destas famílias têm sido desenvolvidas tomando como referência a vida da mulher, devido à sua responsabilização, ainda em tenra idade, pela educação de irmãos mais novos e pelas tarefas domésticas,

contrastando com a periferidade, agressividade e inconsistência das biografias masculinas.

1.5.4.2.5. Economia familiar

Outra característica das famílias problemáticas, segundo Sousa (2005), é a raridade de uma carreira profissional. Os empregos não concedem um significado especial às vidas dos membros, estes apenas trabalham pelo salários, pelos contactos sociais e para se manterem activos. Demonstram dificuldades em gerir os seus orçamentos e mantêm uma relação muito próxima com os serviços sociais, seus subsídios e apoios, mantendo, por vezes, dividendos de actividades ilegais que tentam ocultar dos técnicos sociais (Alarcão, 2000; Linares, 1997; cit in Sousa et al., 2007).

1.5.4.2.6. Redes Sociais

As principais potencialidades das redes informais dos membros destas famílias são: os fortes laços familiares, os amigos como um recurso a ser activado, o apoio emocional como uma ponte para outros apoios. A família surge como a principal fonte de apoio, podendo esta relação ser perspectivada de um prisma positivo e outro negativo:

- Positivo: a família apresenta-se como o sector com níveis de proximidade mais elevados;
- Negativo: os membros da família não possuem competências sociais e por consequência mantêm uma rede centrada na família.

Os amigos como segundo sector de apoio também podem ser perspectivados de várias formas: assumem um papel protector e reparador ou como também são membros de famílias multiproblemáticas e/ou vivem em situações precárias, não constituem um contributo novo para a rede. O apoio emocional, sendo a principal forma de apoio disponibilizada pela rede, correlaciona-se positiva e significativamente com as outras formas de apoio, pois quem se encontra disponível para apoiar emocionalmente também se encontra disponível para outros tipos de apoio (Sousa et al., 2007).

1.5.4.2.7. Recursos e competências

Devido aos problemas que se manifestam nas famílias multiproblemáticas e que se sobrepõem e ofuscam os aspectos mais positivos, torna-se difícil para os técnicos identificarem os seus recursos e competências. Apesar do panorama não se mostrar muito positivo, as competências e recursos existem. O sistema de apoio externo, traduzido pela vontade de apoio e a solidariedade da comunidade, vizinhos, conhecidos ou amigos, podem constituir mecanismos protectores e reparadores. O apoio interno que poderá ser encontrado, por exemplo, na desarmonia entre pais que cria mecanismos de protecção em relação aos filhos (e.g., a mãe entra em conflito com o marido devido à sua agressividade para com os filhos), também se pode transformar num mecanismo reparador. Segundo Sousa (2005), ainda existem outros factores menos frequentes que constituem potencialidades de evolução positiva destas famílias como a existência de algum elemento com emprego fixo, um rendimento fixo e razoável no agregado ou uma habitação com condições adequadas.

1.5.5. Famílias Multiproblemáticas e Intervenção Social

Estando inseridas em contexto comunitário, as famílias multiproblemáticas interagem com as instituições e serviços de apoio presentes na comunidade. Esta interacção é tão mais valiosa, quanto maior for o grau de colaboração, entre os profissionais e as famílias:

- Os profissionais disponibilizam os conhecimentos da sua área formativa e de experiência e mobilizam os recursos necessários e disponíveis;
- a família disponibiliza o conhecimento sobre si própria e cada um dos seus membros.

O conhecimento disponibilizado pela família demonstrar-se-á vital para o conhecimento da sua realidade, facilitando o diagnóstico social e a compreensão dos fenómenos.

Fulcral será o envolvimento de profissionais de diversas áreas (e.g., serviço social, psicologia, psiquiatria, enfermagem, medicina), bem como as instituições de apoio disponíveis na comunidade (e.g., Tribunais, Segurança Social, Hospitais, Centros de

Formação Profissional), numa lógica de equipa multidisciplinar, de modo a poder-se assistir a multiplicidade de problemáticas que caracterizam estas famílias. Benoit, citado por Sousa (2005), refere que o trabalho conjunto de técnico de diversas áreas originou a designação de famílias “multiassistidas”, enfatizando a presença de diferentes apoios provenientes de diversos serviços, pela mão de vários técnicos em função da especialidade e presença institucional, ajustada a cada uma das múltiplas contrariedades patenteadas pela família.

A intervenção social terá que ser construída em todas as vertentes da família, tomando sempre em consideração o contexto no qual se inserem, envolvendo todos os membros da estrutura familiar na resolução das multiproblemáticas, pois a individualização dos processos apenas causará um maior isolamento no seio familiar bem como uma falta de compreensão real dos mecanismos familiares. Também a transferência das funções familiares para os serviços sociais traduz-se no aumento do sentimento de impotência, por parte das famílias, em fornecer respostas adequadas às dificuldades que enfrentam, provocando a falta de autonomia e do desenvolvimento de aptidões (Sousa, 2005).

Capítulo II – A actividade do arrumador de automóveis

2.1. Introdução

Neste capítulo será abordada a actividade do arrumador de automóveis. Inicialmente, fornece-se uma resenha histórica dos motivos que levaram ao despontar da actividade, relacionada com o “*boom*” dos consumos de estupefacientes no final dos anos oitenta e início dos anos noventa do século XX e com o aparecimento de novas actividades marginais, como forma de obtenção rápida de dinheiro. Posteriormente, será apresentada uma perspectiva sobre a questão da visualização do arrumador de automóveis como figura do medo e insegurança, na óptica do cidadão comum, enquanto figura ligada à toxicodependência. A auto-imagem e a percepção do impacto da sua actividade nas opiniões dos automobilistas constitui o ponto de análise seguinte, focando-se o tema seguinte na actividade do arrumador de automóveis. Neste ponto será proposta uma visão da actividade do arrumador como actividade de trabalho informal, serão descritas as características que compõem a sua actividade, a relação com os automobilistas e a relação com o controlo social formal. Por último, será feita uma análise à figura do arrumador de automóveis em fase de toxicodependência.

2.2. O despontar da actividade

Em Portugal, os anos sessenta e setenta traduziram-se pela partida de muitos jovens para terras longínquas, em consequência das guerras ultramarinas. Inseridos em novos ambientes e assimilando novos costumes, e por força das pressões psicológicas e traumáticas a que estavam sujeitos, muitos jovens iniciaram-se no consumo de estupefacientes, mais propriamente de liamba (Poiares, 1998)

Com a queda do regime ditatorial a 25 de Abril de 1974, deu-se o retorno a Portugal destes bravos soldados e de muitas famílias retornadas dos países ultramarinos que tinham por hábito o consumo desta substância (Poiares, 1998). Com o país recém liberto de um regime repressivo, com necessidade de experimentação e liberdade, mas mergulhado numa crise económico-social, onde pontificava o desemprego, a vulgarização do consumo de liamba e haxixe cedo se tornou uma realidade.

Passando de uma perspectiva criminalizadora em relação ao consumo de estupefacientes, nos início dos anos setenta, para uma análise do fenómeno de uma perspectiva psicossocial a partir de 1976, foram criadas estruturas de combate ao tráfico e consumo de drogas, como o Centro de Investigação Judiciária da Droga (CIJD) e o Centro de Estudos da Juventude (CEJ) (Dias, 2007).

No início dos anos oitenta e com a necessidade de se compreender e actuar directamente sobre este fenómeno em expansão nacional e global, o governo português desenvolveu uma parceria de actuação conjunta entre várias estruturas: os Centros de Estudos da Profilaxia da Droga (na área da redução da procura, através da prevenção e do tratamento com intervenção), o Centro de Investigação e Controle da Droga (na área do domínio do tráfico ilícito de estupefacientes) e o Gabinete Coordenador do Combate à Droga (na área do combate ao tráfico e ao consumo ilícito de drogas) (Dias, 2007).

Com o crescimento do consumo de heroína (que superaria o de haxixe), tornou-se vital uma adaptação das políticas existentes e uma intervenção mais eficaz em termos de redução de riscos e de minimização de danos, pois novos problemas sociais viriam agregados ao consumo desta droga, especialmente aqueles relacionados com a infecção por VIH que rapidamente se estendeu aos toxicodependentes devido à partilha de instrumentos utilizados nos consumos por via endovenosa. Assim, optou-se por uma visão sociológica e institucional em relação ao fenómeno da droga: o toxicodependente passou a ser encarado como um cidadão doente e que, pelo seu estilo de vida, coloca problemas de saúde pública pelo que deve ser motivado para o tratamento. Assumiu-se assim, uma visão biopsicossocial do fenómeno (Dias, 2007).

Na mesma altura, foi concebido o Plano Nacional de Luta contra a droga que, em 1987, originaria o Projecto VIDA (Plano integrado de combate ao tráfico ilícito e uso indevido de estupefacientes e de substâncias psicotrópicas). No mesmo ano, e com o fenómeno dos consumos da droga a tornar-se cada vez mais visível ao cidadão comum através da mediatização pela comunicação social e motivo de debate e preocupação nacional, foi criado o primeiro Centro de Apoio a Toxicodependentes (que, mais tarde, seria denominado Centro de Atendimento a Toxicodependentes ou CAT e, actualmente, Centro de Respostas Integrado ou CRI) em Lisboa, pelo Ministério da Saúde. Em 1989, eram criados mais dois, um no Porto e outro em Faro (Cardoso de Sousa e Abrão).

No início dos anos noventa, e com o progressivo aumento do consumo de substâncias psicoactivas consideradas pesadas e respectivo reconhecimento e reacção social da problemática, o fenómeno da droga proporcionou a emergência de novas figuras: o toxicómano juvenil e o traficante, o toxicodependente (que também se desdobrava em figuras como o heroinómano ou a prostituta-toxicodependente) ou traficante-consumidor (Fernandes e Araújo, 2012). Através de uma maior exposição do fenómeno da droga através dos meios de comunicação social e das estruturas de combate ao consumo e tráfico de droga, rapidamente se criou a associação do conceito de toxicodependente a uma nova figura que emergia nas duas principais cidades portuguesas: o arrumador de automóveis.

2.3. A figura do medo e da insegurança

O arrumador de automóveis depressa se tornou o elo de ligação entre a figura do toxicodependente e o comum cidadão, o que rapidamente originou ao arrumador de automóveis a atribuição de representações sociais como o toxicodependente, o excluído e o marginal. Estas configurações tiveram efeitos concretos no sentimento de insegurança, já que o toxicodependente era correlacionado com o desviante protótipo do crescimento da criminalidade e da intranquilidade na cidade pós-industrial (e.g., Quintas, 1997; Fernandes, 2004; Machado e Manita, 2009; Machado, 2004 cit in Matias e Fernandes, 2009).

Motivado por este aumento de visibilidade e sentimento de insegurança associado à figura do arrumador, foi criado na cidade do Porto, através da sua autarquia, em finais da década de noventa o programa “Há Porto Contigo”, que visava a intervenção social no domínio do combate à exclusão social (Fernandes e Araújo, 2012). Mais tarde, em 2002, foi criado o projecto “Porto Feliz”, cujo principal objectivo era retirar das ruas da cidade do Porto os arrumadores de automóveis, procedendo depois à sua reinserção social através da sua inclusão em actividades ocupacionais comunitárias ou através da concessão de um emprego (Peixoto, 2008). Como objectivos específicos, a Câmara Municipal do Porto distinguia, a nível comunitário, diminuir as zonas de exclusão social, nomeadamente as unidades territoriais dos arrumadores, dos sem-abrigo e os espaços urbanos geradores de exclusão social. Em relação ao plano individual, os objectivos eram restituir uma adequada condição de vida aos actores sociais excluídos,

nomeadamente aos toxicodependentes, aos delinquentes, aos marginais em geral (Câmara Municipal do Porto, 2012). Mais uma vez a Câmara Municipal deixava bem claro que o Projecto envolvia três vertentes principais: a intervenção sócio-sanitária, o reforço da segurança e a sensibilização da opinião pública. O projecto teve o seu término em 2006, por falta de financiamento governamental.

Assim, era publicamente assumido que a figura do arrumador estava indubitavelmente relacionada com a toxicodependência e, conseqüentemente, com a insegurança.

Vários estudos realizados em Portugal (e.g., Machado e Manita, 2009; Machado, 2004 cit in Matias e Fernandes, 2009) apresentaram resultados que indicam que os cidadãos percebem um maior risco do que aquele que parece existir na realidade. Foram realizados diversos estudos sobre a relação não linear nem causal entre criminalidade e sentimento de insegurança, e os resultados obtidos identificam que o medo não resulta apenas do crime e da desordem. Carvalho (2003, p. 35 cit. in Matias e Fernandes, 2009) revela que num estudo efectuado, Sally Engle Merry obteve resultados no sentido de que o “medo do crime expressa e legitima o medo do estranho e do desconhecido”, produzindo ansiedades e receios, resultado de uma realidade repleta de novidades, preocupações e incertezas.

Fonseca (1998, cit. in Matias e Fernandes, 2009) concluiu que a criminalidade e o medo, fortemente associados à insegurança, surgem relacionados com a droga e seus actores sociais. Segundo o mesmo autor e outros que realizaram estudos na área do crime e insegurança (e.g., Machado e Manita, 2000; Machado, 2004; Machado e Manita, 2009; cit. in Matias e Fernandes, 2009), a droga é o factor mais frequentemente apontado como causa da insegurança e os toxicodependentes as pessoas mais fortemente referidas como estando ligadas a esse conceito. Estes autores caracterizaram o discurso do medo, revelando que este tem por base um medo permanente mas não estável, sendo agravado por certas condicionantes como, por exemplo, a noite e a solidão. Nestes estudos, foi possível caracterizar que, pelo facto de o crime ser aleatório, imprevisível, inevitável e planeado, torna-se mais ameaçador e temível e que a droga é, por um lado, característica de destaque nos ofensores e, por outro lado, consequência dos problemas sociais. A figura do arrumador de automóveis, muito associada à figura do toxicodependente, é vista como uma figura de menor medo o que, na interpretação de Matias e Fernandes (2009), se deve à interacção entre o arrumador de automóveis e o

cidadão que, na sua percepção, mantém um maior controlo da situação (devido ao facto de efectuar a escolha de fornecer ou não uma gratificação ao arrumador) e à constatação de que, na eventualidade de algum crime efectuado pelo arrumador, esse ser efectuado contra a viatura e não contra o indivíduo.

2.4. Auto-imagem social dos arrumadores de automóveis

Em termos de auto-imagem dos actores sociais, imagem que o indivíduo percepção que os outros construíram sobre si ou sobre pares do mesmo grupo social, Matias e Fernandes concluíram, após análise dos dados obtidos no seu estudo, que “estes sujeitos entendem que socialmente são vistos como criminosos, quer na sua qualidade de toxicodependente quer na qualidade de toxicodependente arrumador” (Matias & Fernandes, 2009, p. 15). Na figura de toxicodependentes percebem que são vistos como uma figura da ameaça de uma forma generalizada, muito através da relação droga-crime, mas como arrumadores consideram que são percebidos com uma ameaça para as viaturas, revelando uma criminalidade de oportunidade, devida ao aproveitamento de factores contextuais que tornam as circunstâncias apelativas e propícias à prática de crimes (Matias e Fernandes, 2009).

O estudo de Matias e Fernandes revela que os arrumadores de automóveis reconhecem que a sociedade assume uma imagem degradada sobre si (e.g., “imagem suja, rota, degradada; “escumalha da sociedade”), advindo daí um pouco a percepção exagerada entre a toxicodependência e o crime, através da exacerbação das práticas do consumidor de drogas (Matias e Fernandes, 2009, p. 16). Contudo, nos estudos efectuados por Matias e Fernandes e Fernandes e Araújo, os autores conseguiram desvendar duas realidades opostas em relação à higiene pessoal dos arrumadores:

- Os que não se deslocam para o local de actividade antes de cuidar minimamente da sua apresentação;
- Os que se apresentam com um aspecto descuidado, sujo ou indicador de más condições de vida.

São frequentes os conflitos entre ambos, pois enquanto os que primam pela higiene pessoal criticam os outros por darem má imagem à actividade, estes defendem-se argumentando que se trata de uma estratégia eficaz para obter ajuda.

Os casos apresentados no estudo de Matias e Fernandes (2009) consideram que os automobilistas percebem que o destino das gratificações são a aquisição de estupefacientes e são motivados pela percepção de que se os indivíduos pedirem não roubam, sendo esta gratificação efectuada pelo medo de represálias contra as suas viaturas, criando-se assim uma gestão do risco através da recompensa pecuniária.

No mesmo estudo, os indivíduos consideram que com o decorrer do tempo e com a habituação à presença do mesmo indivíduo no mesmo local, as pessoas vão conhecendo as intenções do arrumador de automóveis, granjeando daqui uma transformação da percepção em relação à figura do actor social, passando de uma figura do medo para uma figura não intimidatória, transformando-se até numa figura de protecção aos veículos.

2.5. Actividade do arrumador de automóveis

2.5.1. Enquadramento Legal

O Decreto-Lei n.º 310/2002 de 18 de Dezembro, atribui às Câmaras Municipais a competência, que até à data pertencia ao governo civil, em matérias de licenciamento e fiscalização de diversas actividades, com o objectivo de reforçar a descentralização administrativa, destacando os consequentes benefícios: uma maior aproximação entre os órgãos de poder local e a população e uma maior celeridade e eficácia administrativa. Assim, são englobadas no mesmo diploma as actividades de guarda-nocturno, arrumador de automóveis, venda ambulante de lotarias, exploração de máquinas de diversão, realização de leilões, venda de bilhetes para espectáculos, realização de fogueiras ou queimadas, entre outras. O diploma explicita, no seu artigo 14.º, que a atribuição de licença de arrumador de automóveis é da exclusiva competência das Câmaras Municipais. A licença apenas pode ser conferida a indivíduos maiores de dezoito anos, e é acompanhada pela emissão de um cartão identificativo plastificado e com dispositivo de fixação, sendo obrigatória a sua exibição permanente, no exercício da actividade. Ao arrumador de automóveis é atribuída uma determinada área de actuação, que consta no seu cartão identificativo, na qual o indivíduo tem o dever de, segundo o diploma, “zelar pela integridade das viaturas estacionadas e alertar as autoridades em caso de ocorrência que a ponha em risco”. O diploma, no seu artigo 16.º, define as

regras da actividade, proibindo o arrumador de automóveis de solicitar qualquer tipo de contrapartida pela actividade, “apenas podendo ser aceites as contribuições voluntárias com que os automobilistas, espontaneamente, desejem gratificar o arrumador”. Também a proibição de importunar os automobilistas com a venda de artigos e oferta de outros serviços não solicitados, como a lavagem dos automóveis, é mencionada no Decreto-Lei n.º 310/2002 de 18 de Dezembro.

A Câmara Municipal do Porto, no seu Código Regulamentar do Município do Porto publicado em Diário da República (Câmara Municipal do Porto, 2008), especifica as características da actividade, referindo que as zonas de actividade carecem da sua deliberação sobre a permissão mas que, Juntas de Freguesia, Associações de Comerciantes e Associações de Moradores, podem requerer à autarquia a criação do serviço para uma zona que considerem necessária. Também em eventos desportivos, sociais, políticos ou culturais, poderá ser autorizado o exercício pontual da actividade, mediante taxa camarária.

A autarquia portuense define que o pedido de licença é efectuado mediante a apresentação de documento identificativo e certidão de registo criminal, bem como o pagamento de uma taxa anual no valor de 19,42€ (Câmara Municipal do Porto, 2012).

A Câmara Municipal do Porto, através do seu código regulamentar, define que aos arrumadores licenciados poderá ser fornecida formação cívica adequada e um uniforme necessário para a actividade, bem como uma senha diária de refeição numa das cantinas municipais.

Em termos de deveres, exige-se ao arrumador o exercício da actividade exclusivamente no local constante na licença, a exibição permanente do cartão de identificação, o uso de urbanidade e apurmo, a identificação e exibição da licença quando solicitados pelos agentes de controlo bem como a não cedência do cartão de arrumador a outrem.

O mesmo código refere que a actividade de arrumador de automóveis é remunerada pelas gratificações voluntárias de quem beneficia do serviço mas que, em casos excepcionais, a autarquia poderá proceder a uma retribuição para esta actividade.

Segundo a legislação, é considerada contra-ordenação o exercício da actividade sem licença ou fora do local por ela indicada, ou em casos de falta de cumprimentos das regras estabelecidas, e punível com coima de 60€ a 300€.

2.5.2. A actividade de arrumar automóveis como actividade do trabalho informal

Embora a actividade de arrumador de automóveis se encontre devidamente legislada, o certo é que a maior parte dos indivíduos a exercerem actividade não se encontram devidamente licenciados.

Pais, no seu estudo sobre a actividade em Lisboa (Pais, 2001), constatou que entre o universo de arrumadores em actividade se poderiam distinguir dois grupos, os credenciados e os não credenciados. Dentro do grupo dos credenciados, existem as categorias de legalizados e de oficializados. Os arrumadores credenciados legalizados possuem licenças camarárias e ostentam um cartão de identificação, um chapéu com uma chapa numerada e um apito. Os credenciados oficializados, embora não possuindo licença, afirmam ter o aval dos arrumadores legalizados e dos responsáveis dos edifícios confinados ao parque onde exercem (e.g., hotéis, bancos, companhias de seguros), não prescindindo também do uso de um chapéu com chapa identificativa. Por sua vez, os arrumadores não credenciados reconhecem-se por serem jovens e pelo epíteto contra eles utilizados, de “drogados” (Pais, 2001). Em 2004, em Lisboa, foram concedidas cerca de sessenta licenças. Em Coimbra, o licenciamento teve início em 2003, e actualmente apenas é possível distinguir através dos seus dísticos cerca de seis licenciados, embora a Câmara Municipal estime que o número de arrumadores ronde os trinta e seis. Faro, por sua vez, iniciou a regulamentação da actividade em 2011, atribuindo dezassete licenças, que a comunicação social refere não cobrirem nem metade da população do universo de arrumadores da cidade (Pinto, 2011). No Porto, segundo informações veiculadas pela comunicação social, não existe um único arrumador licenciado pela Câmara Municipal (Pinto, 2011).

Apesar de poucos arrumadores de automóveis se encontrarem licenciados, as autarquias legitimam a sua tarefa como uma actividade, podendo-se então falar numa actividade de trabalho informal.

Já Pais esclarece a actividade de arrumador de automóveis enquanto trabalho:

“A investigação realizada mostra, contudo, que os jovens toxicodependentes que arrumam carros têm, de um modo geral, uma ética de trabalho baseada no brio profissional. Aliás, essa ética é desenvolvida com espírito de missão. Nas entrevistas realizadas, são muito os depoimentos que denotam um elevado sentido de profissionalismo, de zelo, civismo, sentido de cumprimento do dever” (Pais, 2001, p. 316).

Também Fernandes e Araújo, no seu estudo sobre os arrumadores de automóveis na cidade de Guimarães, verificaram que os arrumadores se autopercepcionavam como prestadores de um serviço ao automobilista, adoptando comportamentos de quem executa um trabalho. Os autores afirmam que “o arrumador inscreve a sua presença numa espécie de trabalho informal”(Fernandes e Araújo, 2012, p. 13) e que o facto de exercerem um serviço que não foi solicitado pelo cliente, aos seus olhos, não lhe retira o carácter de trabalho.

Embora os conceitos de actividade e economia informais sejam bastante ambíguos, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) fornece a sua definição:

“A expressão "economia informal" refere-se a todas as actividades económicas de trabalhadores e unidades económicas que não são abrangidas, em virtude da legislação ou da prática, por disposições formais. Estas actividades não entram no âmbito de aplicação da legislação, o que significa que estes trabalhadores e unidades operam à margem da lei; ou então não são abrangidos na prática, o que significa que a legislação não lhes é aplicada, embora operem no âmbito da lei; ou, ainda, a legislação não é respeitada por ser inadequada, gravosa ou por impor encargos excessivos” (Organização Internacional do Trabalho, 2005, p. 7).

A OIT também considera que, na economia informal, estão abrangidos os trabalhadores que, de outra forma, não teriam trabalho nem rendimentos e que os indivíduos entram na economia não por escolha mas por necessidade (Organização internacional do Trabalho, 2005). A mesma organização caracteriza os indivíduos que se inserem na economia informal como provenientes de situações de desemprego, sub-emprego ou pobreza, não necessitando de qualificações nem grandes meios técnicos ou financeiros para exercerem actividade. Os trabalhadores da economia informal não são reconhecidos nem declarados, não beneficiam da legislação laboral nem de protecção social e não estando, geralmente, organizados não usufruem de representação colectiva junto das autoridades. A actividade da economia informal caracteriza-se pela indefinição dos locais de trabalho, por condições de trabalho que não garantem saúde nem segurança, fracos níveis de qualificação, rendimentos baixo e irregulares e longas horas de trabalho (Organização internacional do Trabalho, 2005).

2.5.3. Características da actividade

Segundo Matias e Fernandes, embora os arrumadores tenham a noção que a actividade que desempenham é ilegal, justificam-na com a necessidade diária de angariação de dinheiro e com a ideia de que é preferível exercerem do que optarem pela criminalidade (Matias e Fernandes, 2009). Os indivíduos embora percepcionem que estão dependentes das ajudas dos outros sentem que, pela tarefa que desempenham, os automobilistas lhe devem dar uma gratificação, sendo que os actos de “forretismo”, podem ser merecedores de uma justa punição (Matias e Fernandes, 2009. p. 19; Pais, 2001, p. 313).

Os seus rendimentos são muito variáveis, dependendo da localização onde exercem, do facto de haver ou não parquímetros, dos ritmos de certas actividades que trazem mais automobilistas ao local, das condições meteorológicas e, obviamente, da competência do arrumador e da sua capacidade relacional (Fernandes e Araújo, 2012).

O arrumador de automóveis, pela sua actividade, torna-se um profundo conhecedor dos ritmos quotidianos da cidade, possuindo a destreza para identificar os horários e os dias em que podem lucrar mais, bem como os automobilistas que potencialmente os podem gratificar com um valor mais elevado (Fernandes e Araújo, 2012).

A distribuição dos arrumadores nos parques automóveis não é casual nem aleatória. Cada espaço representa um valor diferente, pois uns rendem mais do que outros, o que motiva que cada arrumador exerça um controlo sobre o seu território, de modo a que outros não se apropriem dele. Esta apropriação pode ocorrer numa lógica de “primeiro a chegar, primeiro a usar” (Fernandes e Araújo, 2012, p. 26), exacerbando uma lógica de concorrência entre os arrumadores: se algum demonstra absentismo prolongado no local, outro arrumador pode-se sentir com poderes para ocupar o seu lugar. Também a vontade de estabelecer relações com pessoas habituais no local faz com que os arrumadores sejam quase sempre os mesmos nos mesmos sítios, numa lógica de que a confiança traz gratificações. Assim, os arrumadores assumem uma postura proactiva na sua actividade: estão atentos aos lugares vazios, angariam e interagem com os automobilistas e exercem domínio sobre o seu território (Fernandes e Araújo, 2012).

Pais descreveu, no seu estudo, que os arrumadores entrevistados assumiram existir nos parques de automóveis uma hierarquia profissional, gerida de acordo com a antiguidade no local. Assim, são os arrumadores mais antigos locais que têm o “poder” para decidir

se um novo arrumador pode ocupar um espaço que tenha sido deixado por outro, normalmente por motivos de prisão ou overdose. Normalmente, os “novatos” iniciam-se num parque automóvel que seja considerado de menor valor, pelo seu potencial, podendo depois almejar a passagem para outro local, num sistema de *rankings*, ocupando a “mina” o topo da classificação, sendo o sítio de mais difícil acesso aos designados “para-quedaistas”, os arrumadores que iniciam actividade (Pais, 2001).

Sendo que o dinheiro angariado na actividade e o seu vínculo social que os retira da invisibilidade e isolamento são as vantagens apontadas pelos arrumadores, no extremo oposto encontram-se as condições severas do “ambiente de trabalho” (e.g., dias frios e chuvosos) e a ausência de protecção social no desempenho da actividade (Fernandes e Araújo, 2012).

2.5.4. Relação com os automobilistas

Como já foi referido neste estudo, a presença constante de um arrumador no mesmo local, vai criando nos automobilistas uma certa habituação à sua presença. Esta habituação à figura do mesmo arrumador no mesmo local também tem consequências ao nível das reacções sociais dos utilizadores da cidade em relação ao arrumador de automóveis. A habituação e também, por vezes, a construção de uma relação com o sujeito, transforma o que antes eram reacções de afastamento físico (“afastar”, “desprezar”, “não falar”) em reacções de aproximação positiva (“falar”, “ter respeito e admiração”, “não se afastar”), derivada do reconhecimento do actor enquanto figura não intimidatória. Menos frequentemente, ocorrem situações de aproximação negativa por parte dos outros (e.g., “falar mal”, “ser malcriado”, “ameaçar”, “agredir”) (Matias e Fernandes, 2009). Através das frequentes interacções entre os arrumadores e os automobilistas, vai-se construindo uma relação que, por vezes, pode ir mais além do serviço prestado. Fernandes e Araújo (2012) consideram que o arrumador tornou-se num especialista no relacionamento face a face, personalizando um espaço que, de outro modo, seria um mero local de passagem ou de circulação de automóveis. Esta interacção é forçada pelo arrumador de automóveis, com o intuito de obter uma gratificação por parte do automobilista, mas também contribui para quebrar o anonimato e a indiferença, estabelecendo, por vezes, uma relação de confiança. É esta confiança que permite o vínculo social, interrompendo muitas situações de isolamento e

invisibilidade (Fernandes e Araújo, 2012). Esta relação de confiança pode-se manifestar sobre a forma de solidariedade, com gratificações em certas alturas específicas do ano ou por compaixão, ou sobre a forma de uma maior liberdade dada ao arrumador para gerir o parque automóvel, controlando o tempo dos parquímetros e retirando o bilhete pelos automobilistas que, posteriormente, o recompensam.

Mas este relacionamento com o automobilista nem sempre foi pacífico, por vezes estabeleciam-se tensões entre os dois grupos. Inicialmente, o estilo de abordagem da maioria dos arrumadores era confrontativo, podendo-se tornar hostil nas situações de negação de gratificação, ocorrendo muitas vezes, o que Pais define como “riscos de naifa” (Pais, 2001, p.314), um risco no carro ou um pneu furado, como comportamento de retaliação à não correspondência das expectativas de gratificação (Matias e Fernandes, 2009, p. 18). Na opinião do autor, os “riscos de naifa” impõem uma ordem na coercibilidade de pagamento por um trabalho voluntário de guarda, transformando assim os parques automóveis numa espécie de “estrutura social, cuja integração é mediada pelo conflito” (Pais, 2001, p. 314). Actualmente, através de estudos efectuados (e.g., Pais, 2001; Matias e Fernandes, 2009), parece aparente que a relação entre automobilista e arrumador sofreu alterações: por um lado, o cidadão habituou-se à sua presença, e a noção de insegurança relacionada com a figura do toxicodependente foi-se alterando, e por outro, o arrumador alterou a sua postura em relação à abordagem, denotando que uma relação de cordialidade com o automobilista seria mais benéfica para a sua actividade. No seu estudo, Pais (2001) revelou que todos os arrumadores que entrevistou afirmaram que não exerciam qualquer tipo de represália em relação aos condutores que não os gratificavam mas, por outro lado, também confidenciaram conhecer colegas de actividade que não se regiam pelos mesmos padrões, aproveitando os períodos longos em que os carros se encontram estacionados, para os assaltar. Contudo, o autor afirma que estes são os malfeitores, os que fogem à regra geral de boa conduta.

2.5.5. Relação com o controlo social formal

Os arrumadores e os agentes da Polícia Municipal desenvolvem a sua actividade no mesmo sector, a regulamentação do estacionamento urbano. Com base nesta partilha, os arrumadores assumem uma postura de retracção perante os agentes da autoridade. No

estudo sobre os arrumadores da cidade de Guimarães, Araújo e Fernandes denotaram nos arrumadores de automóveis um sentimento de desconfiança perante as instâncias e as figuras do controlo social, atribuindo-lhes a responsabilidade da quebra de normas, quando, pela sua posição, as deveriam defender, nomeando algumas situações de agressão física (Fernandes e Araújo, 2012).

Esta violência sobre indivíduos ou grupos marginalizados é uma das consequências do estigma social. A marginalização dos arrumadores, que os lança na invisibilidade, também torna invisível a violência contra eles exercida (Araújo e Fernandes, 2012).

2.5.6. O arrumador toxicodependente

O arrumador toxicodependente carrega em si todo o estereótipo do arrumador, aos olhos do senso comum: jovem, gadelhudo, vagabundo, sem abrigo, drogado. Assim, os arrumadores toxicodependentes vêem-lhes ser reduzida as suas possibilidades de cidadania. O outro, enquanto membro da sociedade estabelecida, configura uma teoria do estigma (Pais, 2001), que Goffman (1988, p. 8) define como:

“(…) uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original.”

Assim, segundo Pais, “racionaliza-se, deste modo, uma animosidade que se baseia numa cadeia extensa de atributos negativos associados ao estigma. Surgem então as tais imagens e metáforas referidas ao estigma do jovem arrumador (...) assim se dando a produção simbólica da sua marginalidade” (Pais, 2001, p. 311).

O principal motivo para escolha da actividade de arrumador de automóveis, por parte de um toxicodependente, é a falta de dinheiro para sustentar o seu hábito de consumo. A actividade representa uma flexibilidade laboral que lhes permite conjugar com os consumos: ausência de padrões, de horários estabelecidos e de um local interior de exercício de actividade (Pais, 2001).

Na sua actividade, o arrumador toxicodependente gere o seu dia em função dos consumos: mal consegue angariar o suficiente para uma dose, deixa o parque de

estacionamento para comprar droga, voltando apenas após o consumo para nova colecta, precavendo a ressaca. Vive uma lógica de “arrumar-consumir-arrumar”, a droga é a razão do seu dia-a-dia, o quotidiano é medido pelos tempos de consumo e todo o dinheiro colectado é gasto nos consumos (Pais, 2001).

Quando se relacionam consumos, existe solidariedade grupal entre os arrumadores toxicodependentes, é frequente que apenas um se desloque ao local de compra e, posteriormente, divida com os colegas. No estudo efectuado com os arrumadores de Lisboa, Pais realça a consciência que os indivíduos têm do dinheiro que angariam e gastam nos consumos, bem como a percepção da sua exploração pelos traficantes (Pais, 2001).

Para os arrumadores toxicodependentes, os parques automóveis são espaços de filiação, de mobilização de suportes relacionais e afectivos que realçam vivências precárias e tentativas de fuga a esta realidade, tornando-se assim um espaço de exclusão e inclusão (Pais, 2001).

Parte Empírica

Capítulo III - Metodologia

3.1. Introdução

Neste capítulo será apresentada a metodologia aplicada no nosso estudo, enumerando os respectivos objectivos gerais e objectivos específicos. Será justificada a escolha pelo tema do projecto, bem como as limitações encontradas na sua elaboração. Serão demonstrados também os processos utilizados para recolha e tratamento de dados, assim como os instrumentos utilizados e procedimentos efectuados. No final do capítulo é referida a caracterização sócio-demográfica do indivíduo, objecto deste estudo de caso.

3.2. Objectivos do estudo

A actividade do arrumador de automóveis é o ponto central deste estudo. A partir deste conceito, os objectivos prendem-se com a obtenção de conhecimentos sobre esta actividade junto do próprio actor social, em dois momentos da sua história de vida, mais concretamente, o momento da toxicodependência e o da abstinência, de modo a compreendermos melhor esta realidade e todas as relações complexas que daí derivam.

Assim, foram definidos os seguintes objectivos:

Objectivo geral:

- a) Aferir conhecimentos sobre a actividade do arrumador de automóveis em dois momentos distintos da vida do participante: a toxicodependência e a abstinência

Objectivos específicos:

- a) Dissecar o seu passado familiar, as relações sociais na infância e adolescência e o seu percurso escolar;
- b) Explorar a sua ligação com o consumo de drogas;
- c) Caracterizar a actividade de um arrumador de automóveis toxicodependente tendo em conta a sua opinião sobre diversas variáveis, como a relação com a insegurança e a criminalidade, a relação com o automobilista e a percepção da

imagem que os automobilistas têm do actor social, a percepção da sua própria imagem e a relação com os mecanismos do controlo social formal;

- d) Caracterizar a actividade de um arrumador de automóveis abstinente tendo em conta a sua opinião sobre diversas variáveis, como a relação com a insegurança e a criminalidade, a relação com o automobilista e a percepção da imagem que os automobilistas têm do actor social, a percepção da sua própria imagem e a relação com os mecanismos do controlo social formal;
- e) Averiguar a existência ou inexistência de projectos de futuro, da parte do indivíduo.

Pretende-se, assim, obter conhecimentos sobre esta actividade e transmitir a opinião do actor social sobre os temas que mais o afectam, fazendo-o ressurgir da invisibilidade a que tem sido renegado após o término do Projecto Porto Feliz.

3.3. Limites do projecto

Uma das grandes limitações à execução deste projecto foi a adequação aos horários, por vezes pouco claros, de Rafa (nome fictício). Foi dada prioridade aos fins-de-semana para se contornar esta limitação, pois concordou-se desde o primeiro momento que os contactos com Rafa e a entrevista nunca seriam efectuados no horário em que este exerce a sua actividade.

Outro obstáculo foi a ausência do sujeito por diversos dias no parque automóvel, pois segundo o próprio, nos dias de menos movimento na universidade, por vezes nem sai de casa, só se deslocando ao parque quando necessita de dinheiro para o dia-a-dia, sendo esse horário incerto.

O maior obstáculo, porém, prendeu-se com o facto de a bibliografia sobre a actividade dos arrumadores de automóveis ser bastante escassa, pois embora o seu surgimento tenha tido um grande impacto na sociedade portuguesa, nomeadamente nas grandes superfícies urbanas, não se traduz numa problemática a nível mundial, pois esta actividade surge apenas em determinadas zonas geográficas como a Península Ibérica e a América do Sul.

3.4. Instrumentos e procedimentos

Para a elaboração deste estudo optou-se por uma metodologia qualitativa, pois o objectivo era o estudo das opiniões, hábitos, representações e valores do sujeito, privilegiando o conteúdo em detrimento da representação numérica e análise estatística presente no método quantitativo. Deu-se prioridade à subjectividade, criando assim um relacionamento mais flexível e extenso com o entrevistado. Pelo seu carácter indutivo e descritivo, foi possível desenvolver e relacionar conceitos fornecidos por outros autores.

No âmbito da recolha de informação foi realizada uma entrevista com o objectivo de reunir toda a informação e configurações do indivíduo acerca dos conceitos sobre os quais este estudo se pretende debruçar. O tipo de entrevista seleccionado foi a entrevista semi-estruturada, aplicada na forma semi-directiva, pois permite ao entrevistador ter alguma liberdade para desenvolver cada situação na direcção que considere adequada, apesar de possuir os tópicos previamente definidos. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão.

Assim, foi elaborado um guião de entrevista (Anexo A), concebido para recolher informações sobre o indivíduo na fase anterior à sua actividade de arrumador, sobre a sua actividade em duas fases opostas da sua vida – o arrumador-toxicodependente e o arrumador-abstinente – e sobre as suas perspectivas de futuro e projectos de vida.

O guião utilizado é constituído por quatro unidades de análise:

- 1) *Background* familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis;
- 2) O arrumador-toxicodependente e a actividade na “mina”;
- 3) O arrumador-abstinente e a actividade no parque automóvel;
- 4) Perspectivas de futuro.

Através da primeira unidade de análise, pretendeu-se obter informações acerca dos motivos que levaram à necessidade do indivíduo optar pela actividade de arrumador de automóveis. Assim, foram formuladas questões que permitiram obter conhecimento sobre as características da sua família e as relações entre o sujeito e os seus familiares, nos períodos da sua infância e adolescência. Posteriormente, abordou-se o percurso escolar do indivíduo e a sua relação com a escola, bem como a socialização com colegas e vizinhos. De seguida, pretendeu-se apurar conhecimento sobre o primeiro contacto

com o mundo laboral. Ainda nesta unidade de análise, foram abordadas as primeiras experiências de consumo de drogas, os seus motivos e a reacção dos familiares em relação a esta problemática.

Na segunda unidade de análise, pretendeu-se obter informações acerca da actividade de um arrumador de automóveis toxicodependente, num dos locais mais movimentados da cidade do Porto e no qual os arrumadores mais lucram com a sua actividade, as designadas “minas”. Assim, as questões foram orientadas para a obtenção de conhecimento acerca da sua rotina diária, influência do consumo de droga na sua actividade, relação com os automobilistas e percepção da imagem que estes têm de si e também da relação com os agentes de controlo social formal. Por fim, pretendeu conhecer-se a realidade da sua adesão ao projecto Porto Feliz, onde efectuou o primeiro tratamento de desintoxicação, bem como a sua opinião sobre o mesmo.

Na terceira unidade de análise, pretendeu-se obter informações sobre a sua actividade actual como arrumador de automóveis em fase de abstinência, num parque automóvel. Consequentemente, o guião foi estruturado de forma a visar questões que permitiram a obtenção de conhecimentos sobre as suas rotinas diárias actuais, a sua relação com os automobilistas e a percepção da imagem que estes têm de si, a relação com as figuras de controlo social formal, as vantagens e desvantagens da actividade que exerce, bem como a sua opinião sobre a imagem negativa da sua actividade e a relação da figura do arrumador de automóveis com conceitos como a criminalidade e a toxicodependência.

Na quarta e última unidade de análise, pretendeu-se conhecer os seus projectos futuros a curto e longo prazo.

O facto de já ter sido um arrumador-toxicodependente foi um factor decisivo para a escolha do objecto de estudo, pois tornou possível estabelecer as diferenças entre a realidade de um arrumador-toxicodependente e a sua realidade actual, a de arrumador-abstinente.

O primeiro contacto foi natural. Rafa já tinha sido contactado por uma pessoa com a qual já mantinha uma relação de confiança. Apresentados, e explicado em que consistia e quais os objectivos deste estudo, predispôs-se imediatamente a colaborar. Referiu que poderia ser combinado qualquer horário para a entrevista, desde que não coincidissem com as horas em que se encontra no parque automóvel. Ficou combinado que nos

encontraríamos a um sábado de manhã, para uma conversa inicial, pois como o fim-de-semana é pouco movimentado naquela zona, Rafa normalmente não se desloca até ao parque automóvel. Esta conversa inicial foi muito útil para o entrevistador tomar conhecimento de algumas opiniões gerais do entrevistado sobre alguns dos temas que foram aprofundados na entrevista mas, sobretudo, para ser estabelecida uma relação de confiança. Rafa selou o acordo com um aperto de mão firme e com um agradecimento, talvez motivado pelo interesse de alguém na sua pessoa e na sua actividade. Sempre se mostrou colaborante, nunca teve receio de falar de nada. Mesmo quando eram abordados os temas mais sensíveis da sua vida, sempre teve uma palavra a dizer ou uma emoção a demonstrar.

A entrevista teve a duração de cerca de uma hora e quarenta minutos e foi realizada num café próximo da habitação do entrevistado, por sugestão do próprio. Para a realização da entrevista, recorreu-se à utilização de um gravador de áudio, com o consentimento prévio do entrevistado.

Anteriormente, tinham sido efectuados vários contactos informais com o indivíduo em estudo para se estabelecerem os primeiros contactos com a sua realidade pessoal e social.

Relativamente ao tratamento da informação obtida através da entrevista, adoptou-se o modelo das três componentes do modelo interactivo da análise dos dados numa investigação qualitativa, segundo Miles e Huberman (1984, cit. in Lessard-Hébert et al., 1990, p.108). Este modelo baseia-se em três componentes:

- 1) a redução dos dados;
- 2) a apresentação e organização dos dados;
- 3) a interpretação/verificação das conclusões.

Segundo os autores, a redução dos dados visa a selecção, contração, simplificação, abstracção e transformação do material recolhido, que poderá ser efectuada em três fases da investigação: antes, durante ou após a recolha de dados. Neste estudo, procedeu-se, logo à partida, a uma redução do universo amostral, pois o pretendido era averiguar as condições da actividade de um arrumador de automóveis em duas fases distintas da sua vida: a fase de toxicodependência e a fase de abstinência. Igualmente, numa fase prévia à recolha dos dados, foram estabelecidas as unidades de análise, que

permitiram redigir o guião e, à partida, estruturar a informação pretendida. Por último, na fase posterior à recolha, procedeu-se à selecção da informação recolhida através da entrevista, de modo a que pudesse ser correspondida com as unidades de análise.

A organização dos dados é definida como «a estruturação de um conjunto de informações que vai permitir tirar conclusões e tomar decisões» (Miles e Huberman, 1984 cit. in Lessar-Hébert et al., 1990, p. 118), permitindo ao investigador uma representação dos dados num espaço reduzido, facilitando a comparação entre diferentes conjuntos de dados, auxiliando a planificação de outras análises e garantindo a utilização directa dos dados no relatório final. Neste estudo procedeu-se à organização e apresentação de dados através de matrizes dos feixes conceptuais, agrupando as variáveis de acordo com as unidades de análise, para uma análise e discussão de resultados mais rigorosa. As matrizes conceptuais são compostas por unidades de registo (formais e semânticas) e unidades de contexto (Vala, 2003). A unidade de registo formal é composta por uma frase, um termo ou uma expressão utilizadas pelo indivíduo durante a entrevista, enquanto que a unidade de registo semântica contém a interpretação ou uma ideia retirada a partir do discurso utilizado pelo entrevistado. Por sua vez, a unidade de contexto é formada por expressões ou frases referidas pelo sujeito durante a entrevista (Vala, 2003).

Por último, conjugando o quadro conceptual com os resultados obtidos no estudo, procedeu-se à análise do conteúdo, que nos permitiu «extrair significados a partir de uma apresentação-síntese dos dados» (Lessar-Hébert et al., 1990 p. 122), de modo a que a interpretação possa ser criadora, «através da elaboração de explicações e de novas questões que transcendem a segura dos resultados» (Van der Maren, 1987, pp. 48 cit. in Lessar-Hébert et al., 1990, p. 123).

3.5. Caracterização sócio-demográfica do indivíduo

Rafa (nome fictício) nasceu há trinta e três anos na cidade do Porto. Vive num bairro social na zona oriental da cidade, e o seu agregado familiar é constituído pela avó paterna, o pai e o tio. Os rendimentos do agregado familiar são constituídos pela reforma e pensão de sobrevivência da avó, pelo Rendimento Social de Inserção que o tio aufer, pelo dinheiro que o pai angaria como ajudante de feirante e pelas

gratificações que Rafa colecta na sua actividade. As suas habilitações literárias são o oitavo ano de escolaridade, pois não completou o nono ano na sua totalidade.

O seu primeiro contacto com as drogas, nomeadamente haxixe, surgiu aos catorze anos, e aos dezassete iniciou os consumos de heroína e cocaína.

O seu primeiro contacto com o mundo laboral foi quando, após abandono escolar, se tornou assistente de camionista, numa grande superfície, com uma duração relativamente curta, de cerca de um ano e meio.

Iniciou a sua actividade como arrumador de automóveis por volta dos vinte e um anos, tendo começado num parque automóvel localizado junto de uma universidade mas, transitando pouco tempo depois para o Hospital de São João, onde esteve cerca de quatro anos.

Posteriormente aderiu ao projecto Porto Feliz, onde efectuou um tratamento de desintoxicação e foi seguido por uma equipa multidisciplinar. Graças ao Programa conseguiu voltar ao mundo laboral, numa empresa de reciclagem, mas novamente a experiência foi curta, cerca de oito meses, devido a uma doença súbita que o afectou.

Actualmente, encontra-se novamente no parque automóvel junto da universidade, há cerca de oito anos. Desde a sua saída do projecto Porto Feliz que teve diversas recaídas mas, de momento, encontra-se abstinente há um ano, frequentando o programa de toma sob observação directa, de metadona, no Centro de Terapêutica Combinada, do Hospital Joaquim Urbano. De momento, é acompanhado por uma equipa multidisciplinar, constituída por enfermeira, assistente social, psicóloga, médica e psiquiatra.

Capítulo IV – Apresentação e discussão dos resultados

4.1. Introdução

Este capítulo visa apresentar e discutir os resultados obtidos neste projecto. Assim, optou-se por, inicialmente, efectuar a apresentação dos resultados obtidos através da entrevista realizada ao indivíduo e, posteriormente, proceder a uma profunda análise sobre esses mesmo resultados, conjugando os conceitos já apresentados com os obtidos.

4.2. Os primeiros anos

4.2.1. Composição do núcleo familiar

Rafa nasceu há trinta e três anos na cidade do Porto. A sua estrutura familiar durante a infância não foi como todas as crianças com as quais ele convivia: os seus pais separaram-se quando ele tinha apenas dez meses de idade. O seu pai, com 19 anos, foi detido enquanto a sua mãe estava grávida, e foi-lhe sentenciada uma pena de “*mais ou menos, quatro anos e meio*”, por “*tráfico de droga*”, nomeadamente “*heroína e cocaína*”. Segundo Rafa, a detenção do seu pai afectou imenso a relação com a sua mãe e foi o principal motivo para a separação:

“(...) e a minha mãe...quando ele saiu não continuou a vida com ele... Pronto, foi a prisão dele, foi a causa.”

Rafa refere que aos dez meses de idade, a sua mãe o deixou ao cuidado dos seus avós paternos, pois “*tinha 15 anos na altura, e não tinha condições*”. Assim, o agregado familiar de Rafa rapidamente deu uma reviravolta. Passou de viver com os seus pais, a viver com os seus avós paternos, o seu irmão, um tio e, posteriormente, o seu pai. Os avós paternos passaram a ser o centro do seu mundo, os seus pais substitutos, e assumirem todas as responsabilidades relacionadas com o Rafa:

“(...) a minha base familiar eram os meus avós, eles é que eram o meu suporte [...] o meu encarregado de educação na escola e tudo”

A avó “*era empregada doméstica*” e quando Rafa tinha 3 anos de idade, deixou de trabalhar definitivamente para tomar conta dele:

“O meu avô preferiu que ela viesse para casa do que continuasse a trabalhar.”

O seu avô *“era serralheiro mecânico de 1ª. Trabalhava numa fábrica.”* e *“não ganhava mal”*.

A relação entre o Rafa e os avós tornou-se muito especial, *“era uma relação ótima”* e a avó viu-se confrontada com um novo papel na família, era *“mais do que uma mãe”* para o Rafa, enquanto que o avó se tornou na figura autoritária na vida de Rafa, mas sempre com um carinho muito especial:

“ (...) o meu avô, pronto, era mais ríspido mas.... sempre meu amigo ao máximo”.

A ligação aos seus pais biológicos foi sempre um pouco conturbada, durante a sua infância e adolescência. O seu pai esteve detido durante os seus primeiros anos da sua vida, e novamente durante a sua adolescência e embora Rafa não soubesse, na altura, o motivo da prisão do seu progenitor, já existiam fracturas evidentes na sua relação:

“Apesar de morarmos na mesma casa, era uma relação de distância”.

O seu tio, enveredara pelo mesmo caminho que o seu pai. Traficante de droga, de *“heroína e cocaína”*, também ele esteve detido por largo período de tempo.

Só anos mais tarde, Rafa se apercebeu do motivo da ausência do seu pai durante a infância:

“ (...) com os anos, fui-me apercebendo de situações e pronto, e... cheguei a essa conclusão que não era difícil... de chegar”.

Esporadicamente, Rafa passava o fim-de-semana com a sua mãe, quinzenalmente *“ou de mês a mês”*, *“por indisponibilidade dela... a maior parte das vezes”*. Durante o fim-de-semana passeavam na praia e em jardins, mas para Rafa este tempo não era o suficiente para fortalecer uma ligação que se tinha perdido:

“ (...) não havia assim uma ligação muito forte. Gostava de a ver mas não havia aquela ligação de mãe e filho”.

As comparações entre as figuras de suporte familiar na sua vida poderiam ser muitas, mas Rafa não tem qualquer tipo de dúvidas ao afirmar que a sua mãe *“ (...) não era muito... um suporte... um bom suporte... os meus avós eram”*.

Com o seu irmão, de vinte e cinco anos, Rafa sempre assumiu uma postura protectora:

“ (...) tentei sempre que ele visse... o lado certo e o lado errado para não cometer os mesmos erros que cometeu o pai, que cometi eu... E ele... não podia cometer esses erros...”

Tiveram *“sempre uma relação muito próxima”*, que se mantém até à presente data.

A nível social, na sua infância, Rafa traça as suas memórias mais antigas:

“ (...) o que eu me lembro bem da infância... eram os meus amigos. Deles lembro-me.. é das melhores memórias que eu tenho e das que me lembro mais vezes... é dos meus amigos de infância”.

Rafa destaca que a sua infância se molda pelos momentos alegres de convívio e brincadeira com os amigos de infância e sobretudo pela companhia do seu suporte familiar reestruturado, os seus avós:

“ (...) sempre que estava junto com os meus avós para mim era um motivo de felicidade”

Estes momentos de felicidade, porém, foram assombrados pela crise familiar que viveu, e pelas actividades ilegais a que o seu pai e o seu tio se dedicavam, como relata Rafa quando caracteriza a sua infância:

“ (...) uma infância... um bocado perturbada, sempre com os fantasmas da minha família, o meu pai e o meu tio, por causa da droga”.

4.2.2. Percurso Escolar

Também o seu percurso escolar é marcado pelas fortes amizades estabelecidas, como relembra Rafa:

“Fiz muitos amigos, mesmo. Que ainda hoje alguns, pronto, são meus amigos, independentemente... da vida que eu levei... alguns ainda... ainda consigo estar com eles, conversar com eles... e... ter uma certa amizade por eles”.

Rafa seguiu o seu percurso escolar normalmente até ao oitavo ano de escolaridade, que teve que repetir, por não ter obtido aprovação em todas as disciplinas. Repetido o oitavo ano, prosseguiu para o nono ano de escolaridade, que não chegou a completar:

“ (...) no nono chumbei, e não fui mais para a escola...[...] Chumbei por faltas.”.

As suas disciplinas favoritas eram História, Educação Física e Educação Visual e Tecnológica, para a qual Rafa mencionou, numa conversa informal, que tinha uma certa

predisposição natural e que se tivesse praticado mais poderia ter desenvolvido a sua habilidade para o desenho. Por outro lado, refere que a Matemática, as Ciências da Natureza e a Físico-Química eram as disciplinas que mais o desagradavam:

“As que eu menos gostava era a Matemática, Ciência, Físico-Químicas, isso já... não ia a essas aulas”.

A relação com os seus professores era um pouco conturbada, como explica:

“(...) havia professores que era na boa e havia outros que eu... flipava com ele à força toda”.

“(...) volta e meia, vinha suspenso”

Esta difícil relação com os professores, marcada por episódio de indisciplina, deveu-se sobretudo à fase de rebeldia adolescente pela qual passava, como afirma:

“(...) tinha a mania que era... lá está, era puto! Às vezes para me armar, outras vezes para... por ser do contra... para, sei lá... era chavalão”.

O seu percurso escolar traduziu-se por fases de absentismo, o que não quer dizer que Rafa não estivesse na escola:

“(...) eu tinha capacidades, não gostava era das aulas. Ia para a escola, não ia às aulas...”

Considerava-se um miúdo ainda, sem qualquer prospecção de futuro, e sem o mínimo interesse nas matérias leccionadas. Fazendo uma análise retrospectiva, Rafa consegue estabelecer um distanciamento crítico eficiente, e apontar os seus próprios erros, reconhecendo que se se tivesse aplicado nos estudos, o seu percurso de vida poderia ter tomado um rumo completamente diferente:

“(...) devia ter pensado de outra forma, não é? Hoje podia... podia estar na situação que estou na mesma, mas... podia não estar, não é? Sei lá... sabes que os estudos é uma coisa importante! Agora tenho essa consciência, na altura queria lá saber...”

“(...) podia ter sido mais bem aproveitado [...] E, lá está, se eu... fosse um aluno que gostasse da escola, provavelmente podia ter feito mais.”

4.2.3. Relações sociais

Rafa morava num bairro social, no mesmo sítio onde ainda hoje habita aliás. Também na vizinhança estabeleceu um círculo de amigos que ainda hoje mantém e valoriza:

“ (...) tenho alguns, por quem eu tenho ainda amizade e sei que eles têm amizade por mim...”

Segundo o próprio, a proximidade actual com os seus amigos de infância só não é maior porque Rafa se afastou deles em determinada fase da sua vida, por opção própria.

Os seu hobbies eram as idas à discoteca, onde gostava de dançar, e o desporto, nomeadamente o futebol. Foi praticante da modalidade entre os seus nove e o final dos dezassete anos, em clubes como o Futebol Clube Infesta e o Sport Progresso. Na altura em que começou *“com catorze anos a fumar haxixe”*, na sua opinião era perfeitamente compatível a prática desportiva com o consumo da substância, mas quando se iniciou no consumo de heroína por via fumada, tudo se alterou.

4.2.4. Toxicodependência e primeiro emprego

O consumo de heroína teve início por volta dos dezassete anos, timidamente e como o próprio refere *“muito às escondidas”* e coincidiu com o último ano da prática do futebol, no qual Rafa compatibilizou o consumo da droga com a prática desportiva:

“Foi um ano. Depois acabou esse ano de futebol e, no ano a seguir, já não... já não apareci, já não... já não queria mais jogar a bola... queria era droga!”

A sua primeira experiência pessoal com a heroína surgiu no final dos seus dezasseis anos, quando estava praticamente a completar dezassete anos. Iniciou o consumo, por curiosidade, por ver os seus amigos a consumirem e querer experimentar aquilo de que os seus amigos tanto falavam:

“Foi com amigos. Amigos que já consumiam e eu... a ver algumas vezes eles a consumir, por curiosidade, pedir para experimentar, e pronto... e gostar, e continuar...”

Começou por consumir heroína fumada, mas passados cerca de seis meses também já consumia cocaína fumada:

“Primeiro foi com a heroína, e depois mais tarde com a “coca”. Mas coisa pouca! Ao fim de meio ano, ou quê, experimentei e... e pronto, e... comecei a consumir as duas.”

No entanto, vinca que a cocaína só era comprada “*quando havia um dinheirito a mais*”, pois o seu corpo pedia sempre que desse prioridade à heroína, pois esta é que lhe proporcionava a ressaca física.

No início, e durante cerca de seis meses, os consumos eram muito esporádicos, fumava apenas de mês a mês. De seguida e durante cerca de dois ou três meses, a frequência passou a ser semanal, mas quando conseguia arranjar mais algum dinheiro, este já tinha o seu destino traçado: a heroína.

“ (...) sempre que começava a arranjar dinheiro... mil paus... já... já não pensava em comprar tabaco, em ir beber uma cerveja, ou isto ou aquilo... Com uns mil paus, já era para ir dar um fumo... de heroína.”

Ao fim de um ano do início dos consumos, Rafa já fumava diariamente heroína e passados dois anos começou a consumir heroína por via intravenosa.

A compra não era fácil, pois tinha bastante receio que os seus familiares descobrissem, por isso, no início, recorria a pessoas conhecidas e de confiança que lhe comprassem:

“ (...) eu não me queria expôr porque eles conheciam o meu pai, o meu tio... e eu tinha medo que lhes dissessem e os meus avós ficassem a saber”

Terminado o percurso escolar, e por iniciativa própria, após alguma pressão familiar, Rafa partiu à procura do seu primeiro emprego:

“Eu não queria estudar mais, se não queria estudar mais, então eles disseram “Então vais ter que ir trabalhar!”. E eu encarei isso na boa e fui trabalhar...”

Um tio seu trabalhava como camionista numa grande superfície e conseguiu uma vaga para Rafa como seu ajudante. A relação com o seu patrão e com os restantes empregados era boa mas, mais uma vez, a heroína voltou a sair vencedora desta disputa, e não houve compatibilidade possível entre o emprego e os consumos. As ausências começaram a tornar-se frequentes e a sua apresentação começou a modificar-se visto que Rafa consumia logo de manhã, antes de se deslocar para o emprego:

“Eu se não tivesse a minha dose de manhã cedo para ir trabalhar, não ia trabalhar... tinha que ter a minha dose... logo de manhã...”

Analisando a sua primeira experiência laboral, Rafa considera que o consumo de droga afectava directamente a sua performance no emprego e que foi a causa principal para que, ao fim de um ano e meio, ter decidido deixar de trabalhar:

“ (...) eu é que... é que me vim embora de lá, porque já andava agarrado à heroína e... e não dava para conciliar as duas coisas... comecei a faltar muitas vezes, comecei a... ir trabalhar... ganzado [...] e as pessoas começaram-se a aperceber [...] e eu, pronto, optei por deixar de ir...”

Na altura, o seu consumo de heroína e, por vezes, cocaína era, no mínimo, bidiário, uma vez de manhã antes do emprego e outra quando chegava a casa, ao fim da tarde.

Desempregado, passou a auferir do subsídio de desemprego, recebendo mensalmente cerca de oitenta contos (quatrocentos euros), ao invés do seu salário anterior que era de cento e trinta contos (seiscentos e cinquenta euros). Confessa que teve que ser bastante regrado, pois os consumos diários tinham que ser obrigatoriamente cumpridos:

“Podia pagar em dez contos [cinquenta euros] no primeiro dia e fazer uma festa, mas depois... sabia que... que tinha que tirar a ressaca diariamente e gastava dez euritos por dia e ia passando”.

4.2.5. Reacções familiares aos consumos

Os seus avós começaram a ficar desconfiados de que algo se passava com Rafa, mas segundo o próprio, não tinham a certeza do que se passava na vida do neto:

“ (...) o meu avô muitas vezes dizia: “tu vens com uns olhos... vens com esses olhos todos vermelhos...”. Mas, pronto... mas, nunca... eu estou convencido que eles pensavam: “É um charro...”, e pronto... e, até aí... não se importavam”.

A confirmação surgiu pelas palavras do seu tio, com o qual trabalhara, quando Rafa já tinha cerca de vinte anos de existência e três de consumos de heroína. O choque foi tremendo, e a desilusão e a preocupação instalaram-se no seio familiar: os avós tentaram chamá-lo à razão fazendo-o ver que aquele não era o caminho a seguir, enumerando todos os perigos que daí advinham, mas para Rafa “já era um bocado tarde” e que “já estava mesmo a começar... a ficar agarrado mesmo até ao pescoço”, pois a necessidade de consumos já era diária e já não tinha forças para “dar um “basta!” definitivo”. Rafa confessa que o seu avó “até ficou doente”, pois “foi uma desilusão enorme para eles... acho que foi maior até do que a dos próprios filhos... a vida por que eu enveredei...”.

Também os seus pais sofreram muito e tentaram aconselhá-lo: a sua mãe “*ficou tristíssima*” e o seu pai, que a par do seu avô foi a primeira pessoa a tomar conhecimento desta realidade, tentou esclarecê-lo e alertá-lo para os perigos de uma vida de consumos, mas Rafa considera que “*já não havia muito a fazer*”, a sua dependência já absorvia todas as suas forças e que, se não partisse da sua própria vontade em deixar os consumos, pouco ou nada os seus familiares poderiam ter feito na altura.

4.3. (Des)Arrumando a vida na toxicodependência

4.3.1. Introdução

O dinheiro que auferia do subsídio era exclusivamente gasto em heroína, cocaína e, mais raramente, haxixe. Os meses pareciam cada vez mais longos e o dinheiro começou a rair e a ser gasto logo na primeira metade do mês, tendo que recorrer a um pedido de dinheiro aos seus avós nos restantes dias, até novo cheque da Segurança Social chegar à sua caixa de correio. Ao fim de nove meses, o período de atribuição do subsídio de desemprego expirou e Rafa viu-se confrontado com nova decisão de mudança no seu percurso, pois teve a auto-percepção de que estava viciado em heroína e que teria que fazer algo para manter o seu vício:

“Quando acabou é que eu... me vi naquilo que estava realmente metido e... e disse “Tenho que arranjar dinheiro de alguma forma! É obrigatório!”

O primeiro passo que tomou foi ir para junto do seu pai, que “*vendia droga*”, numa casa de um bairro social perto da sua moradia. Junto a seu pai, poderia alimentar o seu vício diário gratuitamente, “*Em vez de andar aí a... a fazer-me à vida, a roubar ou...*”.

Passado cerca de um ano, nova tragédia se abateu sobre a família: o seu pai foi novamente detido por acusações de tráfico de droga. Desta vez, a pena foi mais pesada, cerca de seis anos, o que levou Rafa a ponderar novamente o seu futuro, e a ter que perspectivar uma nova maneira de angariar dinheiro para sustentar a sua toxicodependência.

4.3.2. A primeira experiência como arrumador

Com vinte e um anos, Rafa com necessidade de obter dinheiro rapidamente, começou por pedir na rua, mas o pouco dinheiro que conseguia angariar não era o suficiente para os seus consumos. Assim, com o fantasma da ressaca a espreitar a sua oportunidade, e a necessidade de angariar dinheiro de uma forma fácil e rápida, dedicou-se a arrumar automóveis. Viu potencial num parque automóvel localizado junto de uma Universidade onde, na altura, não estava nenhum arrumador. No início, conseguia facturar vinte euros diariamente, o suficiente para “matar o seu vício”. Além da faceta monetária desta actividade, outra coisa motivava Rafa para se afastar de outras actividades ilícitas:

“ (...) eu... tinha... tinha o exemplo do meu tio que andava sempre a roubar, estava sempre preso... e eu tinha medo... da prisão, meu. Era uma coisa que me criava um certo medo... enquanto que uma pessoa a roubar pode ter uma sorte, vir uma “fezada” boa... e desbunda... “n”... mas sabia que tinha sempre para o meu dia-a-dia e eu preferia ter aquele certo do que andar aí sujeito a ir parar a Custóias”.

Os fantasmas familiares continuavam a assombrá-lo, mas o medo de ser detido e seguir as pisadas de seu pai eram o principal ponto de ligação de Rafa com a realidade.

4.3.3. A actividade de arrumador – a vida na “mina”

Esteve no parque automóvel cerca de um ano escolar, até que um conhecido seu lhe mostrou as potencialidades de outro local, o Hospital São João, que era, na altura, considerado “uma mina”, isto é, um dos locais da cidade onde os arrumadores de automóveis conseguiam angariar mais dinheiro.

“foi uma pessoa que arrumava lá também carros que me disse: “Pá, vai para ali que aquilo está sempre... a entrar e a sair pessoal... e aquilo ali é uma mina.”

Segundo Rafa, na altura, já existiam dezenas de arrumadores de automóveis naquele local, mas aos poucos foi ganhando o seu espaço. Começou por “ir aproveitar as deixas dos outros”, aproveitando as horas de consumos dos outros arrumadores, para tomar os seus lugares e aproveitar o tempo em que estes estavam ausentes. Assim, conseguia “angariar trinta euros, trinta e cinco por dia... seis contos... a fazer as deixas dos outros”. Isto durou cerca de um ano, até que a sua grande oportunidade chegou quando um dos arrumadores foi detido pela Polícia e Rafa tomou imediatamente o seu lugar:

“E eu, como andava ali [...] nas traseiras do Hospital, aquele lugar foi logo para mim, que eu não deixei logo... “Não, este é meu!”

Os lucros rapidamente aumentaram e Rafa conseguia angariar bastante dinheiro, por dia:

“Ali no Hospital ganhava sessenta euros por dia, setenta... era conforme.”

Rafa deslocava-se todos os dias da semana para o Hospital de São João, onde permanecia da parte da manhã, à tarde, mas com a crescente necessidade de consumir, acrescentou “horas extra” ao seu já prolongado horário, deslocando-se para uma Marisqueira situada nas imediações, no horário de almoço e jantar e aos fins-de-semana, afim de conseguir colectar ainda mais dinheiro, zelando pelas viaturas dos clientes do restaurante.

Mas tudo o que ganhava era gasto na compra de heroína, no Bairro São João de Deus, um dos grandes bairros sociais da cidade do Porto e o maior “supermercado” de droga da cidade:

“Tinha manhãs de chegar ali às sete da manhã, às nove horas estar a ir-me embora com trinta euros.... para o São João de Deus... [...] Era chapa ganha, chapa batida! [...] Todo na droga... todo!”

Olhando para o seu passando, considera que as grandes desvantagens do seu estilo de vida na altura, eram “o dinheiro que era ganho, era todo mal gasto”, a sua saúde que se deteriorava a cada consumo e o facto de estar a enriquecer os traficantes.

Não só as suas rotinas diárias como toda a sua vida eram estabelecidas pelas necessidades de consumo, a sua grande prioridade na altura:

“O meu dia... a minha vida moldava-se àquilo... era... eu vivia para aquilo, simplesmente... sem... sem hipótese”

Os seus horários diários eram rigorosos, pois as necessidades de consumo assim o ditavam:

“ (...) punha-me a pé às sete da manhã, dava um caldo, ia para o meu posto de trabalho, estava lá até aquilo encher, aquilo enchia, ia consumir ao Bairro... vinha... ficava ali a fazer as vagas... chegava por volta da hora do almoço... onze e meia, mais ou menos, ia lá novamente, vinha outra vez para o restaurante, ficava no restaurante, ia outra vez, vinha ao fim da tarde... ia

outra vez para o restaurante... e à noite, ia outra vez... e era esse... era assim o meu dia-a-dia! Chegava à meia-noite e vinha para casa, para a cama.”.

Com a crescente necessidade de aumentar a quantidade de consumo, por vezes as refeições eram ignoradas e Rafa “*muitas vezes, nem comia... andava lá fora, fazia uma sandes e... comia uma sandes, bebia uma cerveja e andava... o dia todo*”. Apenas o jantar estava garantido, pois quando se encontrava no parque da Marisqueira, os funcionários forneciam-lhe a refeição, numa embalagem de alumínio. Assim era a atarefada rotina diária de um jovem arrumador de automóveis, marcado pela toxicodependência.

Resignado a uma vida de toxicodependência confessa que, por vezes, tinha que enveredar por actividades ilícitas quando o dinheiro escasseava e a ressaca começava a tomar conta do seu corpo e da sua mente. Aborda a situação como se a sua vida dependesse do dinheiro para o consumo, e não possuía outra alternativa, era uma força superior que se apoderava dele:

“Não sou nenhum santo... também cometi os meus pecados [...] Eu foi mesmo em algumas necessidades, em algumas horas de aperto [...] foram poucas, muito poucas... mas cheguei a cometer algumas...”

Rafa relata que efectuou alguns furtos a viaturas, residências e estabelecimentos comerciais, e que estas actividades eram sempre praticadas com um parceiro de crime:

“Um espia, o outro faz o trabalho”

Mas o medo da prisão sempre estava presente e nunca optou pelo caminho da criminalidade, “*como outras pessoas que fizeram depois daquilo uma prática... de vida*”.

Analisando a actividade de arrumador de automóveis, Rafa refere que a sua relação com os seus colegas arrumadores era pacífica, mas que chegou a assistir a situações de confronto provocadas por usurpações de espaço destinadas a outros arrumadores:

“ (...) soube de alguns casos de... terem que.. andar à pedrada para... para conquistar o lugar... para terem o lugar deles, porque... por vezes, vinham gajos de fora que... que sabiam que aquilo que dava... e que também queriam”.

Não existiam estruturas de poder ou hierarquias entre arrumadores de automóveis porque os espaços destinados a cada arrumador estavam bem definidos, e “*cada um*

fazia a sua vida”. Só a tentativa de ocupação de um lugar indevido por outro arrumador poderia gerar algum tipo de quezília.

A sua relação com os automobilistas que frequentavam aquele espaço era ambígua, pois tanto era abordado por pessoas que compreendiam a sua situação e concordavam com a actividade, como por outras que o insultavam e recusavam-se a dar-lhe qualquer tipo de gratificação:

“ (...) chegaram-me a dizer que éramos um mal necessário... chegaram-me a dizer que mais valia aquilo do que andar a roubar... [...] Tenho outros que [diziam que] era uma praga... aquilo... a Polícia não devia deixar arrumar [...] era uma praga, era uma chaga da sociedade.”

Confessa que também em certas alturas sofreu um preconceito vincado contra si e contra a sua actividade:

“ (...) cheguei a ter situações... de me mandarem trabalhar, de... chamarem-me “chulo””

Mas a maioria das pessoas *“dava, e dava boas gorjetas porque só vão ali uma vez por ano... um exame de rotina”*. Rafa acredita que a gratificação não era dada pelo tipo de serviço prestado, mas sim porque os automobilistas *“tinham medo que lhes fizesse alguma coisa ao carro”*.

Assim, Rafa tinha uma relação de distanciamento e indiferença com os automobilistas, pois apenas pretendia que estes lhe oferecessem uma gratificação, e à luz de alguns conflitos afirma:

“ (...) para mim era-me indiferente... desde que não me faltassem ao respeito... estava-me a “cagar” para eles.”

Por outro lado, a relação com os funcionários da marisqueira onde, por vezes, se encontrava a arrumar automóveis, situava-se no pólo oposto. Começou a desenvolver-se uma relação de confiança entre as duas partes, em que os funcionários pediam a Rafa para este lhes fazer alguns favores, nomeadamente *“ir buscar moedas”*, enquanto que o gratificavam com uma refeição à noite, para o seu jantar. Esta relação de confiança tornou-se ainda mais favorável para Rafa, pois eram os próprios donos do restaurante que pretendiam que ele ali permanecesse no horário das refeições, *“para o parque estar seguro, para os clientes continuarem a lá ir... e saberem que não havia problema com o carro... que ali também havia muitos assaltos”*.

A relação com as forças de autoridade, porém, eram bastante conflituosas. Como se tratava de uma zona da cidade com grande afluência de pessoas, também era uma zona com grande visibilidade de arrumadores e toxicodependentes. Assim, e com directivas instruídas pela Câmara Municipal, esta zona foi numa das quais a presença policial se tornou mais constante e repressiva para os arrumadores, no sentido de os dispersar e fazer desistir de exercerem ali a sua actividade.

“Levavam-nos para a esquadra, tiravam-nos o dinheiro, confiscava o dinheiro... davam-nos lá “secas” de seis horas... ao fim de seis horas, mandavam-nos embora.”

Segundo relata Rafa, na esquadra policial, eram despojados de todo o dinheiro que tinham colectado a arrumar automóveis e obrigados a doá-lo à Igreja, depositando-o na caixa de esmolas pertencente a uma capela em frente à esquadra, ou mesmo forçados a comprar bolachas ou chocolates nas máquinas de venda automática da esquadra, para se alimentarem:

“ (...) eles tinham máquinas de chocolates e de cappuccinos e de... e tiravam chocolates e bolachas e davam-nos para a gente comer: “Come, anda lá, ao menos comes!””

4.3.4. O Porto Feliz

Após quatro anos no mesmo local, e devido à constante pressão policial, não pensou sequer duas vezes quando uma técnica do projecto “Porto Feliz” se dirigiu a ele e lhe propôs a integração no programa de desintoxicação e reabilitação social. Começou por ser sujeito a um internamento de dez dias, a fim de ser levada a cabo uma desintoxicação. Depois da alta médica refere que teve acompanhamento psicológico e iniciou o tratamento com medicação antagonista. Deslocava-se todos os dias da parte da manhã para tomar a medicação e da parte da tarde, convivia com os outros utentes, praticando desporto e deslocando-se até à praia, quando possível. Também o almoço era fornecido, mas muitas vezes Rafa preferia deslocar-se a casa, de modo a conviver com os familiares. Passados dois anos de inserção no projecto, seguiu-se uma oferta de emprego, através do Instituto de Emprego e Formação Profissional, inserida no projecto. Assim, Rafa começou a trabalhar na LIPOR, empresa da área da gestão de resíduos, na vertente da reciclagem, auferindo o salário mínimo nacional vigente na altura. Mas, passados cerca de oito meses, Rafa teve novo percalço no seu percurso de

vida: foi-lhe diagnosticado um cancro de pele e teve que deixar de trabalhar e passar a auferir baixa médica. Nesta altura, também passou a ser seguida no Hospital de Joaquim Urbano e integrado no programa do Centro de Terapêutica Combinada, onde começou a tomar metadona.

A sua opinião sobre o projecto “Porto Feliz”, baseada nos cerca de três anos que integrou o projecto, é muito positiva: o facto de terem oferecido oportunidades de inclusão aos arrumadores e habitação a pessoas sem-abrigo faz com que Rafa considere que o projecto “*era um bom projecto*”, e que não vê qualquer desvantagem ou ponto negativo a apontar, considerando até que “*tinha pernas para andar*” e que, foi com bastante pena sua que viu o súbito término do projecto.

Terminada a baixa médica, voltou ao subsídio de desemprego, pois os tratamentos médicos, e sobretudo a quimioterapia, não permitiram a Rafa voltar a desempenhar a sua função. Passados dois meses de abandonar o projecto “Porto Feliz”, os velhos hábitos voltaram: deixou de tomar a metadona e começou novamente a consumir heroína.

Com a recaída veio novamente a necessidade de angariar dinheiro rápido para poder saciar as suas necessidades de adição, tendo voltado para o primeiro local onde se iniciou como arrumador de automóveis, um parque automóvel perto de uma universidade portuense. Os seus consumos prolongaram-se desde que terminou o projecto “Porto Feliz”, em que Rafa tinha cerca de vinte e cinco anos, até ao ano transacto em que completou trinta e dois anos, contanto apenas com uma fase de abstinência curta, quando tinha vinte e seis anos.

4.4. Arrumando a vida na abstinência

4.4.1. Abstinência e o programa de toma diária de metadona

Actualmente, encontra-se novamente inserido no programa de toma diária de metadona no Centro de Terapêutica Combinada (CTC), do Hospital Joaquim Urbano. Encontra-se em abstenção há cerca de um ano. No CTC é acompanhado por uma equipa multidisciplinar, constituída por enfermeira, técnica de Serviço Social, psicóloga, médica e psiquiatra. Rafa considera que o programa do CTC é um “*bom projecto*”,

valorizando a convivência com os outros utentes e a mais-valia que isso proporciona em termos de abstinência, pois “*uns podem puxar pelos outros*”, considerando mesmo que o trabalho efectuado pelos profissionais do CTC é fundamental para a cidade do Porto, discordando profundamente das contínuas notícias que referem um eventual encerramento do Hospital Joaquim Urbano.

4.4.2. A actividade de arrumador – a vida no parque automóvel

O seu dia-a-dia é muito regrado, outra situação seria impensável para um indivíduo em abstinência. Todas as manhãs se desloca ao Hospital Joaquim Urbano onde faz a toma diária assistida de metadona por volta das nove da manhã e onde convive com os restantes utente até cerca das onze e meia. De seguida desloca-se, na maior parte das vezes de transporte público pois tem apoio por parte do CTC na aquisição do passe dos STCP, até ao “Coração da Cidade”, instituição que fornece refeições a pessoas carenciadas, onde o almoço normalmente é constituído por fruta, pão, sopa, iogurtes e, por vezes, alguns bolos. Refere que optou por almoçar fora de casa, porque a avó já tem uma idade avançada e Rafa não a pretende sobrecarregar com qualquer tipo de esforço. Já o jantar é efectuado em casa, à base de sandes, feitas com algum pão que Rafa traz da instituição onde almoça ou comprado pela avó, sopa e eventualmente alguma fruta ou um bolo também providenciados pelo “Coração da Cidade”. Rafa refere que, em tempos passados, já chegou a jantar no refeitório da Igreja do Marquês, onde a refeição era constituída por uma sopa e duas sandes que, normalmente, levava para comer em sua casa, mas que abandonou esta prática porque a avó fazia o jantar e preferia passar algum tempo a conviver com ela e com o seu avô. Aos fins-de-semana todas as refeições são feitas na sua habitação.

Após o almoço, cada dia da semana, desloca-se até ao parque automóvel onde se encontra actualmente a exercer a actividade de arrumador de automóveis, permanecendo no mesmo até cerca das dezanove horas, altura em que retorna a casa. Rafa só se dedica a arrumar automóveis da parte da tarde e aos dias da semana, porque de manhã desloca-se diariamente para a toma da metadona e convive com os seus amigos, e aos fins-de-semana considera que a pouca afluência de funcionários, professores e estudantes da universidade não justifica a sua presença.

Actualmente, Rafa consegue auferir “*uma média de vinte euros*” diários, valor muito abaixo do que auferia quando se encontrava no Hospital São João. As principais razões são a actual situação económica em que se encontra o país:

“ (...) isto está mau! Está mesmo mau! Se está mau para toda a gente, para mim também vai estar mau! E, as pessoas... baixaram na contribuição, outras deixaram de dar, outras nunca deram por isso não é agora que vão dar.”.

O dinheiro angariado actualmente tem como destino a contribuição para as despesas do agregado familiar e as suas despesas diárias:

“ (...) agora dou ajuda à minha avó para pagar as contas de casa... [...] que agora ela é viúva... aluguer... telefone... tvcabo... as contas [...] de casa... dou-lhe uma ajuda, compro o meu tabaco, fumo a minha ganza... [...] para o meu café...”.

Actualmente, o haxixe é a única substância que consome, fazendo-o com uma regularidade diária.

Na sua perspectiva, a relação com os automobilistas que frequentam o parque automóvel é boa. Rafa pretende que os automobilistas o vejam como uma figura protectora das suas viaturas, que se encontra naquele local “*para zelar pelo... pela viatura deles*”, e não “*como uma pessoa que só está ali para lhes “chular” o dinheiro, como alguns pensam.*”. Aliás, no caso de algo acontecer às suas viaturas, Rafa assegura que os automobilistas se poderão dirigir a si no intuito de resolverem a sua situação:

“Eu estou ali, se acontecer alguma coisa, eles podem vir ter comigo... que se eu vir, se eu estiver ali presente, eles não vão ficar mal”.

Em relação às contribuições que os automobilistas lhe dão e que, de momento, são o seu único sustento, Rafa refere que “*se quiserem... contribuir [...] eu acho que... que não lhes ficava mal*”, mas que se não houver contribuição também “*não é por isso que o carro deles não vai ficar seguro.*”.

A movimentação no parque automóvel depende sobretudo do calendário escolar, mas também dos horários dos moradores que habitam nos prédios contíguos. Como se trata de um parque automóvel de dimensões reduzidas as presenças no parque são quase sempre as mesmas ao longo do ano o que, na opinião de Rafa, não é muito benéfico pois normalmente as pessoas não podem contribuir monetariamente todos os dias. Por outro

lado, pode manter um espécie de contrato informal com alguns “clientes fixos”, que em vez de contribuírem diariamente, fazem-no semanalmente ou mensalmente:

“ (...) tinha lá pessoas que me davam um euro por dia que começaram a dar-me cinco euros por semana, dois euros e meio por semana que não podem dar tanto... outros a darem-me dez euros por mês... outros a darem-me cinco euros por mês... outros a darem-me um euro e meio por semana... tenho alguns casos assim...”

Em termos financeiros, Rafa refere que tem uma certa preferência por estes clientes, em detrimento de outros que apenas o gratificam pontualmente com moedas de baixo valor ou, por vezes, um cigarro.

Pontualmente, também as gratificações são efectuadas sob a forma de géneros alimentares, que Rafa nunca recusa:

“ (...) por vezes, acontece alguns automobilistas dizerem-me “Olhe não tenho dinheiro, mas trago-lhe alguma coisa do bar, se quiser, para comer!”. E eu nunca digo que não, digo sempre que sim!”

Na sua opinião crê que já conseguiu estabelecer uma relação de extrema confiança com os automobilistas e principalmente com os moradores dos prédios onde o parque automóvel se insere, relação essa que pretende manter:

“Se eu não tiver uma boa relação com eles, à priori, não andava ali... que eles corriam-me dali... com os moradores acho que é a melhor relação que eu podia ter”.

Analisando a actividade que desempenha, Rafa é bem realista e considera que sente “*obrigação de zelar pelo bem-estar do carro*”, pois a sua função não consiste em auxiliar os automobilistas a estacionarem as suas viaturas, pois nas suas palavras:

“As pessoas quando põem ali o carro não é para eu ajudá-las a estacionar o carro, que elas sabem estacionar o carro perfeitamente, não é? Se eu não estiver ali... o carro é estacionado na mesma”

No cumprimento da sua actividade refere que o principal é seguir sempre os seus valores pessoais, que o ajudam a desenvolver uma relação de confiança com os automobilistas, nomeadamente a simpatia e a humildade, princípios pelo qual se rege. Considera que ser ele próprio o beneficia no relacionamento com os outros e que as conversas que mantém com as pessoas no parque automóvel tanto poderiam decorrer no parque automóvel como na mesa de um café. Fazendo uma auto-análise, considera que

tem a perfeita noção que não agrada a toda a gente, o que não lhe causa muito transtorno, mas que prefere sempre ser ele próprio.

Apenas uma técnica é utilizada na sua actividade, a persistência. Segundo Rafa, pela sua própria experiência a persistência leva ao estabelecimento de uma relação de confiança através da habituação à presença do arrumador, e passado algum tempo o automobilista perde a sua desconfiança e o seu medo em relação à figura daquele arrumador e começa a gratificá-lo pela sua actividade.

As reacções das pessoas são geralmente favoráveis, e Rafa considera que é visto fundamentalmente como um prestador de um serviço, “*como o homem que olha pelo carro deles*”. Salvo uma ou outra ocasião, em que as pessoas dão a volta mal entram no parque automóvel por verem um arrumador e não especialmente o Rafa, normalmente o Rafa é bem recebido pelas pessoas no parque automóvel:

“Algumas são reacções porreiras... boas por me verem, diariamente... por me verem bem... tenho boas reacções... tenho outros que chegam ali, vêem-me dão a volta e vão para cima [...] penso que não é por ser eu, penso que é por ser um arrumador que está ali... simplesmente, não param ali.”

Consequentemente, na sua opinião, a gratificação oferecida pelos automobilistas deve-se sobretudo ao serviço de protecção efectuado por Rafa e, por vezes também, “*por compaixão, por pena*” e em actos de solidariedade, situação que se deve ao facto de as pessoas que estacionam no parque automóvel serem “*clientes diários, de meses, de anos alguns!*”. Apenas em raras ocasiões sente que a gratificação é feita na base do medo de algum acto de vandalismo contra o automóvel, pelos chamados “*clientes de ocasião*”.

Considerando a sua actividade como arrumador de automóveis, Rafa considera que a figura do arrumador ainda está bastante associada à toxicodependência e à criminalidade no pensamento da sociedade mas, por experiência pessoal, sabe que esta imagem apenas será modificada pela abertura de ambas as partes e da criação de laços de confiança que, ao longo do tempo, com alguma simpatia e amizade, transformará a imagem do arrumador-toxicodependente-criminoso no arrumador-protector.

Porém, na sua opinião, o seu estado de abstinência contribui em muito para a criação de laços pessoais e pela imagem que as pessoas têm de si, pois a toxicodependência trai a imagem que gosta de manter, de aprumo pessoal e higiene, que muito valoriza:

“ (...) se eu estiver associado a drogas, eles acabam por perceber... que eu estou associado às drogas... se não for o caso, eu acho que eles também conseguem atingir... que não é o caso... uma coisa é eu andar lá sujo, a definhar, magro... todo... todo “comido”, outra coisa é andar bem, limpo, bem vestido.”

A apresentação e higiene pessoais são aspectos que muito valoriza, pois como lida com pessoas, e depende, apesar de prestar um serviço, da generosidade destas, *“a higiene, o trato [...] é meio caminho andado.”* Confidencia que já assistiu a situações em que os automobilistas sentiram um certo medo em encostar a sua mão à do arrumador, na altura de lhe dar a gratificação, pois este encontrava-se com as mãos sujas.

Em termos de concorrência ao seu lugar, indica que não se pode desleixar muito pois, na sua opinião, não existe solidariedade entre os arrumadores de automóveis, mas sim uma lógica de aproveitamento das oportunidades:

“ (...) solidariedade não há nenhuma, aquilo... se puderem comer, comem-te o lugar [...]eu se deixar de aparecer no meu local de trabalho uma semana... posso ter a certeza que quando lá for, já tenho lá um concorrente à minha altura”.

Nos períodos das férias universitárias, o parque automóvel não tem muito movimento e o dia-a-dia de Rafa é estruturado de maneira diferente, basicamente o seu percurso diário *“é casa-metadona, metadona-casa!”*: de manhã continua a frequentar o CTC no programa da toma diária de metadona, mas à tarde raramente se desloca ao parque automóvel, apenas umas horas semanais para angariar dinheiro para o dia-a-dia, permanecendo preferencialmente em casa. Nestes períodos de pouco movimento automóvel no parque, as gratificações têm propósitos diferentes: são atribuídas principalmente pelos moradores, conhecidos e mesmo seus vizinhos que passam no parque e lhe dão dinheiro sobretudo *“por compaixão [...] por uma certa amizade que têm por mim... uma certa pena.”* Rafa procura estas pessoas no parque automóvel sobretudo para pagar as suas despesas diárias com tabaco, café e haxixe. Por vezes, também solicita também uma ajuda monetária à sua avó, mas refere que nem sempre é possível.

O facto de ter que pedir “ajuda monetária” às pessoas nestas alturas é a razão que faz com que Rafa não se desloque diariamente ao parque automóvel, nos períodos das férias universitárias, pois compreende que se solicitasse uma moeda todos os dias a um mesmo morador iria ser mal recebido:

“ (...) daí o facto de eu não ir todos os dias para lá [...] estás a ver eu a chegar à beira de um morador e a pedir-lhe um euro todos os dias... o gajo mandava-me foder... “Ouve lá, vai trabalhar!””.

Não manifesta qualquer intenção de mudar o seu local de actividade durante o período de férias pois além de valorizar muito a relação de confiança que já conseguiu estabelecer com as pessoas com as quais contacta diariamente, denota um grande respeito pela delimitação de territórios de cada arrumador de automóveis:

“ (...) eu para me mudar para outro sítio, tinha que me mudar para um sítio que desse muito dinheiro... e os sítios que dão dinheiro... já estão ocupados... e o que eu não gosto para mim também não gosto para os outros, também não ia daqui para a praia, chegar lá e armar confusão... com uma pessoas que está lá há anos... como eu também não gostava que viessem para aqui... e criassem esse tipo de conflito...”.

Em relação a actos de vandalismo contra viaturas por forma de retaliação ao facto de não ter recebido gratificação, afirma que nunca cometeu nenhum mas que conhece bastantes casos, alguns até em que os automobilistas se prestaram a gratificar monetariamente o arrumador:

“ (...) sei de casos de pessoas [...] nem é preciso não dar moeda, é preciso ver alguma coisa no carro, que chame a atenção, mesmo que o homem ou a mulher tenha dado moeda, vai na mesma.”.

Na sua opinião, estes actos de alguns arrumadores são condenáveis pois *“é o pior que pode haver”*. Explica que as pessoas confiam as suas viaturas ao arrumador e que tais actos criminosos ou de vandalismo são considerados *“cuspir no prato que comes”*, uma falta de respeito.

Actualmente a sua relação com os agentes da autoridade sofreu grandes alterações: os polícias incluem frequentemente o parque automóvel nas suas rondas, mas adoptam uma postura de averiguação da ordem pública e de respeito pela presença do Rafa. Mas também Rafa confessa que teve que se adaptar a esta constante presença policial porque *“eles têm a faca e o queijo na mão”*, e considera que para manter uma boa relação com a Polícia há que *“nunca lhes faltar ao respeito”*, *“manter sempre a nossa postura”*, *“manter uma certa distância, também para não haver da parte deles muita confiança.”* e, sobretudo não *“ser muito espertos... que a esperteza não nos leva a lado nenhum, é a esperteza saloia”*. Considera que também a postura da Polícia se modificou bastante,

que os agentes se tornaram mais compreensivos, sobretudo quando se trata de lidar com indivíduos toxicodependentes:

“ (...) eu quando consumia drogas, nos princípios, se a Polícia me apanhasse a consumir, tirava-me a droga, “botava” fora... hoje em dia... se te apanhar a consumir já tem consciência de que aquilo faz falta e que não... não podem fazer isso e não fazem isso... a maioria...”

Também em relação à sua actividade no parque automóvel Rafa considera que os agentes demonstram-se bastante permissivos *“desde que [...] esteja tudo... dentro da legalidade, não haja roubos, não haja queixas de automobilistas que eu sou malcriado, que eu falto ao respeito”* e também derivado ao facto de não ser uma zona tão movimentada, como o era o Hospital São João.

Rafa nunca pensou em solicitar uma licença camarária para arrumar automóveis. Apesar de concordar que teria benefícios, nomeadamente no facto de o seu nome estar associado a uma certa zona e não poder ser ocupado por outro arrumador, tem a errada pré-concepção que teria que efectuar descontos para a Segurança Social. Quando lhe foi explicado que não teria que o fazer, Rafa mencionou que nunca tinha pensado muito bem no assunto porque nunca tinha sido pressionado pelas autoridades nesse sentido, mas que se tal acontecesse certamente o faria:

“ (...) é assim, se eles me chateassem hoje, amanhã, depois... me passassem multa... eu aí pensava duas vezes e dizia “Não, foda-se, antes de perder aqui o lugar vou tratar das coisas...”, mas como eles nunca pressionaram muito nesse sentido de “Legaliza-te!”, “ Tens que te legalizar!”, “Vais para a esquadra!”, “ Se amanhã vier aqui, e se estiveres...”... eu aí andava da minha perna e tratava das coisas”.

Porém, confrontado com a questão sobre os efeitos de um controlo policial mais rigoroso em relação às actividades dos arrumadores de automóveis, mostra-se bastante dividido: embora acreditando que muitos dos arrumadores se licenciariam, acredita também que outros arranjariam *“outro modo de vida para arranjar dinheiro”*, aumentando certamente os índices de criminalidade.

O facto de, por várias vezes, se ter referido à actividade de arrumador de automóveis como uma profissão é mera questão linguística. Fazendo uma análise serena à actividade que desempenha Rafa considera que se trata de *“um desenrasque”*, pois na sua percepção *“é a única maneira que eu vejo... lícita para eu ganhar dinheiro, não*

muito, mas para o meu dia-a-dia”. Aponta que continua a optar por esta actividade pelo facto de *“não ter trabalho... o passado... e [ser] uma forma de arranjar dinheiro fácil.”*.

É muito expedito na hora de nomear os principais benefícios da actividade que desempenha: *“o não ter que prestar contas, o não ter que fazer descontos...”*, mas também a ausência de horários rigorosos *“se não quiseres ir às sete, vais às oito... não tens o patrão a chatear-te a cabeça [...] tens aquele horário que sabes que dá mais, e pronto, estás lá naquela hora.”*.

Em termos de desvantagens menciona *“o não ter uma reforma, o não ter uma baixa, não ter um... nada, um fundo de desemprego...”*. Também as condições meteorológicas a que está sujeito por trabalhar num parque automóvel descoberto são consideradas, mas são contornadas com a utilização de vestuário e acessórios:

“ (...) eu, quando vem o Inverno, tenho um impermeável, umas galochas, e estou ali na boa... [...] no Verão, ponho um chapéu na cabeça, para o calor...”

4.5. O Futuro

4.5.1. Introdução

Actualmente, e com a morte do seu avô há cerca de quatro meses, o seu agregado familiar é composto por si, pela avó, pelo pai e pelo tio.

A sua relação com o seu pai melhorou, pelo facto de este se encontrar abstinente há cerca de cinco anos e se encontrar integrado num programa de toma de metadona, mas segundo Rafa, *“no fundo não é uma relação de pai para filho, como não era antigamente”*. Actualmente, o pai é ajudante de vendas em feiras, trabalhando cerca de três vezes por semana.

O seu tio encontra-se a auferir o Rendimento Social de Inserção, encontrando-se desempregado há cerca de dois anos.

As despesas do agregado são pagas conjuntamente, com o dinheiro proveniente da reforma e pensão de sobrevivência da avó, com o dinheiro que o Rafa angaria a arrumar automóveis, com o dinheiro do Rendimento Social de Inserção do tio e com o que o pai de Rafa consegue juntar na sua actividade.

Mantém contacto regular com o seu irmão que já tem uma filha e, actualmente, vive fora da cidade mas que os visita quinzenalmente, para grande satisfação de Rafa.

4.5.2. Projectos de futuro

Rafa não é um indivíduo de muitas previsões em relação ao seu futuro, vive numa lógica de dia-a-dia e a sua principal prioridade é não voltar a cometer os erros do seu passado:

“Neste momento, não tenho planos! É o meu dia-a-dia, deixar-me andar bem, abstinente... e levar um dia de cada vez, não tenho, não faço grandes planos...”

Porém, e sempre preocupado com a sua auto-imagem e o impacto que tem na sua actividade, define como objectivo imediato efectuar um tratamento dentário:

“Pôr uma prótese dentária... é a minha grande prioridade de futuro... o resto... depois vai-se ver...”

Não tem grandes prospecções de voltar a estudar ou enveredar pela formação profissional, pois afirma que apenas se se tratassem de cursos remunerados. Mas confessa que, se tivesse possibilidade de frequentar um curso universitário seria, sem qualquer hesitação, o de Desporto.

Toda a gente tem sonhos e Rafa não é diferente: o seu sonho é viajar, *“conhecer países,[...] fazer uns bons cruzeiros, [...]este ano ir para aqui, daqui a uns meses ir para outro lado... conhecer esta cidade, aquela cultura, aquela gastronomia.”*

Com uma vida repleta de momentos difíceis, Rafa não hesita um segundo em nomear o momento mais negativo na sua vida, a morte do seu avô. Conseguiu ultrapassar o momento graças ao apoio da sua avó, apesar da grande tristeza que enfrentava. Foi um momento de grande importância e também um teste à sua força de vontade em termos de abstinência de drogas., conseguindo ultrapassar essa fase negativa sem nova recaída.

Na sua opinião, a morte do seu avó foi muito mais sentida que a da sua mãe, que cometeu suicídio por motivos indeterminados há cerca de sete anos:

“Também me custou, mas... não foi como o meu avô... também me custou bastante, era minha mãe, e eu gostava dela, mas... foi diferente, foi diferente... foram sentimentos diferentes”

Agora que se encontra abstinente de drogas duras há cerca de um ano, Rafa reflecte ponderadamente sobre uma história de vida alternativa, uma que não incluía a sua toxicod dependência e respectivos gastos associados:

“Tinha uma boa casa... um bom carro... e se calhar, quem sabe, ter feito metade das viagens que eu gostava de ter feito... até digo metade, já nem digo todas... para não ser um sonho mesmo daqueles cor-de-rosa... para ser um sonho assim, azul-bebé...”

Em retrospectiva, Rafa sente-se um pouco culpado pelo estilo de vida que adoptou e pelo impacto que isso teve na sua família, por isso não é de estranhar o orgulho que sente no facto de ter conseguido ultrapassar os consumos e se encontrar abstinente há cerca de um ano. A heroína sempre foi o seu grande pecado, de uma maneira ou de outra sempre procurou a companhia de Rafa. Por conhecer tão bem a sua fraqueza, Rafa como que olha constantemente por cima do seu ombro, para se lembrar que o pecado mora mesmo ali ao lado, e que só com a sua força de vontade conseguirá superar o obstáculo:

“ (...) a minha opinião é que é muito boa, mas é uma grande destruidora... destrói tudo! O nome que ela tem, heroína, é muito falso... é a nossa heroína, mas também é a nossa desgraça”.

4.6. Discussão dos resultados

4.6.1. Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Através da análise da entrevista efectuada, podemos constatar que o sujeito esteve, desde muito cedo sujeito a situações de ruptura e conflito, caracterizando-se a sua família como uma família multiproblemática.

Na perspectiva de Weizman (citado por Sousa, 2005), este tipo de família distingue-se pela presença de um ou mais sintomas sérios e graves de forte intensidade durante um longo período de tempo. No caso explorado por este estudo, podemos identificar desde logo a situação do pai do indivíduo que se dedicava ao tráfico de estupefacientes, tendo sido detido por duas vezes, uma das quais antes do nascimento do nosso entrevistado. Também o seu tio, pertencente ao mesmo agregado familiar, percorreu os mesmos passos, traficando drogas e associando-se à criminalidade.

Devido ao facto de a sua mãe, desde muito cedo, se ter separado do seu pai e o ter deixado aos cuidados dos avós, assumindo estes o papel de figura paternal em relação ao neto, podemos considerar que estamos na presença de uma estrutura familiar denominada por Cancrini et al. (cit. in Sousa, 2005, p. 21) como “avó ausente”. A relação desta estrutura familiar com a vivida por Rafa é evidente: relação entre dois indivíduos muito jovens que não têm capacidade de formar uma família autónoma, que neste caso se traduziu pela jovem idade da progenitora e pela detenção do progenitor, permanecendo apenas como prova, os filhos. Também a família se reorganizou em torno da figura da avó, que Rafa considera ser a sua figura maternal ao referir que “é mais do que uma mãe”. Porém, também a sua família apresenta características da estrutura de “pai periférico”, devido à ausência do progenitor por largos períodos de tempo, devido às suas detenções, causando uma ruptura no relacionamento com o filho, que considera que a relação nunca foi como se de um pai e um filho se tratassem.

Esta distância de relacionamento entre Rafa e o seu pai também se explica na questão dos limites que as famílias multiproblemáticas estabelecem entre os vários subsistemas, escasseando a nutrição emocional do progenitor em relação ao indivíduo (Colapinto, 1995 cit. in Sousa et al., 2007). O mesmo acontece em relação à progenitora que, devido à sua ausência, não construiu um vínculo com o indivíduo, mantendo uma relação distante e ocasional.

Em termos de parentalidade, a função parental foi desgastada em relação ao progenitor e à progenitora, tendo esta função sido transmitida para os avós, que Rafa considera que foram “a sua base familiar”, mantendo uma relação definida como óptima com eles.

Na relação com o seu irmão, Rafa adopta uma postura de extremo proteccionismo, assumindo a relação muito próxima e a adopção de medidas para que o irmão não adoptasse comportamentos desviantes.

Em termos de ideologia familiar, podemos constatar a indiferença perante as leis e normas sociais, através da actividade ilegal de tráfico de droga, a que o progenitor e o tio do indivíduo se dedicavam, e respectivas detenções.

Em termos de funcionamento familiar, a desorganização hierárquica também se encontra presente nesta família, através do comportamento passivo do progenitor e do comportamento autoritário assumido pelo avô, que Rafa caracteriza como sendo ríspido.

Em relação à comunicação na família multiproblemática, a descoberta da toxicodependência de Rafa pela família, pode ser um exemplo desta característica: enquanto os seus avós e mãe adoptaram uma postura emocional, tendo o avó inclusive adoecido, o seu pai adoptou uma postura de esclarecimento em relação aos consumos, demonstrando dificuldade de partilha de emoções, possivelmente pela actividade que desempenhava e conhecimento da problemática que também partilhava.

Reconstruindo a história de vida desta família problemática, facilmente são reconhecíveis os casos de institucionalização prolongada, com as detenções do progenitor e do tio do indivíduo, caracterizando uma história multiproblemática anterior ao nascimento do indivíduo.

Na família de Rafa, a economia familiar suportava-se sobretudo nos rendimentos do avô, verificando-se situações relativas a Rafa e ao seu tio, em que beneficiaram de apoios sociais pecuniários.

Enquanto figuras da rede social, podemos discernir que os amigos de Rafa podem ser perspectivados como sendo figuras que assumem um papel reparador. Este papel traduz-se no facto de o sujeito se referir sempre com muito carinho aos seus amigos, sendo o convívio entre eles a primeira e mais significativa memória de infância do sujeito. A prática de desporto, o sentimento de pertença a um grupo e a prática de actividades que manifesta serem do seu interesse (ir à discoteca, dançar) assumem também um papel reparador nos processos.

A nível de competências, esta família caracteriza-se pela forte ligação entre avós e neto que se sobrepôs, como foi possível constatar, à relação entre os progenitores e o indivíduo.

O percurso escolar do sujeito caracteriza-se pelo insucesso escolar mas, sobretudo, pelo absentismo. O indivíduo valoriza os processos de socialização no território da escola, mas o desinteresse pelas matérias leccionadas tem consequências no absentismo e falta de aproveitamento escolar. Embora afirme ter uma relação conflituosa com alguns professores, também afirma que, se tivesse sido mais motivado, teria possibilidades de ter prosseguido os estudos.

Em consequência do insucesso escolar, a entrada no mundo laboral dá-se através de um trabalho considerado pouco qualificado. O indivíduo mantém uma relação estável com a

profissão, mas os primeiros consumos de substâncias psicoactivas levam-no a desistir do emprego. A toxicodependência do indivíduo teve efectiva preponderância no seu primeiro percurso profissional, pois a dependência do consumo matinal determinava a sua presença ou o seu absentismo.

As primeiras experiências de consumo surgiram através da curiosidade que mantinha ao ver os seus amigos a consumir, demonstrando aqui a influência dos seus pares no seu relacionamento com a sociedade. Os amigos também serviram de entreposto na compra de estupefacientes, postura adoptada devido ao medo da descoberta da sua toxicodependência pela sua família, atitude que revela o respeito pela família e a necessidade de manter o vínculo familiar e não criar nova ruptura.

A necessidade de consumo traduziu-se por uma ligação mais profunda com o pai, que era traficante, junto do qual permaneceu mais de um ano, consumindo gratuitamente. Esta ligação pode ser considerada uma relação meramente instrumental, pois era motivada apenas pela necessidade de consumo, não tendo a relação emocional entre pai e filho sido alterada significativamente, como foi possível constatar.

Síntese

Através deste estudo foi possível aferir que a família do indivíduo se enquadra no conceito de famílias multiproblemáticas, com uma história de permanentes conflitos e situações de ruptura. A organização familiar foi reestruturada com o assumir das figuras paternas pelos avós, mas o défice emocional com os progenitores e a presença de problemas sociais como a toxicodependência, a reclusão e a criminalidade tiveram influência na vida do indivíduo. Os comportamentos de absentismo, tanto escolares como profissionais, o insucesso escolar e a adopção de comportamentos desviantes, podem ser compreendidos como um reflexo dos efeitos das problemáticas na socialização primária, no desenvolvimento e nos valores do indivíduo.

4.6.2. O arrumador de automóveis

Com base na análise da entrevista, a escolha da actividade de arrumador deu-se pela necessidade de consumo, motivo histórico já abordado pelo qual a maior parte dos

arrumadores iniciou actividade nos anos noventa. A necessidade de enveredar por este tipo de actividade vem de encontro aos motivos que levam um indivíduo a optar pelo exercício de uma actividade do trabalho informal, como sugerido pela OIT (Organização Internacional do Trabalho, 2005).

Neste caso, também se verificou a influência familiar: o entrevistado ainda ponderou dedicar-se a actividades criminosas para angariar dinheiro mas foi o exemplo do tio, que adoptava esses comportamentos e já tinha sido detido, que o levou a escolher a actividade de arrumar.

O início da actividade de arrumador deu-se nos mesmos moldes dos casos estudados por José Machado Pais (2001): o “paraquedista”, indivíduo que se inicia na actividade, começa por exercer a actividade num parque onde os rendimentos são menos elevados.

O entrevistado embora considere que a actividade que exerce é um “desenrasque” leva muito a sério o seu desempenho, considerando-se como um prestador de serviços, merecedor de uma gratificação. Adopta uma postura de zelo, perante os veículos, demonstrando um certo brio profissional, característico do conceito de actividade informal que mencionamos no nosso estudo. A sua actividade pauta-se pelo brio profissional numa tentativa de ressurgimento da invisibilidade, mantendo-se assim o indivíduo vinculado à sociedade. Apesar de referir que a actividade é um “desenrasque”, refere-se a ela utilizando os termos actividade, serviço e mesmo profissão. Sublinhando que se dedica a arrumar automóveis por se tratar da única maneira lícita que dispõe para angariar dinheiro, desvincula-se da criminalidade a que a sua figura muitas vezes foi (e ainda é) associada.

Rafa percebe que depende da generosidade dos automobilistas para obter os seus rendimentos e que, muitas vezes, a gratificação dada não é apenas pelo serviço prestado mas sim, por compaixão.

Na sua opinião, a figura do arrumador de automóveis ainda se encontra bastante associada aos conceitos de criminalidade e insegurança, embora a habituação da sociedade à presença do arrumador tenha levado a um decréscimo dessa correlação.

Através da entrevista foi possível aferir que o indivíduo tem pouco conhecimento sobre a legislação referente à actividade que exerce, nomeadamente na percepção que tinha sobre a necessidade de fazer descontos para a Segurança Social. O entrevistado quando

confrontado com a explicação sobre a legislação fica um pouco confuso, mas a sua motivação para o licenciamento não se alterou, referindo que apenas o faria caso fosse pressionado severamente pelos agentes da autoridade.

4.6.3. Arrumador-toxicod dependente e arrumador-abstinente

Sendo o objectivo deste estudo a compreensão da actividade do arrumador de automóveis em duas fases distintas da sua vida, a de toxicod dependência e a de abstinência, na discussão dos resultados será efectuada uma comparação das variáveis relacionadas com a actividade com o intuito de uma melhor compreensão dos fenómenos envolvidos. Assim, as variáveis em comparação são:

- a) As rotinas diárias;
- b) A relação com os automobilistas
- c) A percepção que os automobilistas têm do indivíduo;
- d) O relacionamento com outros arrumadores;
- e) A relação com as figuras do controlo social formal;
- f) Vantagens e desvantagens da actividade;

Rotinas Diárias

O consumo de droga é o centro da actividade e da vida pessoal do indivíduo enquanto arrumador toxicod dependente. Como nos casos estudados por Pais (2001), a sua rotina diária molda-se ao redor dos consumos, na lógica de “arrumar-consumir-arrumar” em que o destino dos seus rendimentos é unicamente a compra de estupefacientes. O horário de exercício da actividade é alargado, prolongando-se desde a manhã até altas horas da noite. De modo a angariar o máximo de dinheiro possível, são adoptados outros locais de actividade em certos horários favoráveis, como neste caso a marisqueira. A ressaca física dita a necessidade de arrumar e quando não é obtido o numerário suficiente recorre-se a pequenos crimes, justificáveis, na opinião do indivíduo, por se tratarem de uma necessidade.

O dia-a-dia do arrumador abstinente faz-se em função da toma da metadona e dos apoios sociais e institucionais que afeere. Assim, o momento mais valorizado do seu dia é quando se desloca para a instituição onde procede à toma diária assistida de metadona, enfatizando também o convívio com os outros utentes, não descurando o horário de funcionamento da instituição onde, diariamente, almoça. O dinheiro que angaria na actividade destina-se às despesas do agregado familiar e do seu dia-a-dia, como tabaco ou café. Como não consome, não necessita de tanto dinheiro e em curtos períodos de tempo, sendo os seus horários bastante mais curtos. O indivíduo enfoca o cuidado pessoal e a higiene como um dos factores de extrema importância no desempenho da sua actividade, como igualmente referenciado nos estudos de Matias e Fernandes (Matias e Fernandes, 2009) e Fernandes e Araújo (Fernandes e Araújo, 2009).

Relação com os automobilistas

Na fase de toxicodpendência, como exercia a sua actividade num local muito movimentado da cidade, os automobilistas quase nunca eram os mesmos, eram os denominados “clientes de ocasião”. Assim, não era possível estabelecer vínculos relacionais com os automobilistas. As gratificações eram elevadas, mas como não se criavam vínculos, eram efectuadas por um sentimento de insegurança em relação ao arrumador e medo de retaliação contra os automóveis. Adoptava posturas de compreensão e amizade, percebendo que dependia da boa vontade dos automobilistas para angariar fundos com o objectivo do consumo de droga.

O arrumador de automóveis em fase de abstinência, como também se situa num parque automóvel mais reduzido, cria laços com os automobilistas referindo que a persistência no contacto pessoal e a habituação à sua presença potencializam as relações de confiança entre arrumador e automobilista. Estas relações de confiança fazem com que estabeleça uma espécie de contrato verbal com alguns clientes, que o gratificam semanal ou mensalmente. Considera-se uma figura de protecção ao veículo e assume responsabilidades se algum delito ocorrer enquanto se encontra no parque. Valoriza a simpatia e a humildade e sente obrigação de zelar pelos veículos, mesmo quando não lhe é dada gratificação.

Percepção que os automobilistas têm do indivíduo

O arrumador refere que, na sua fase de toxicod dependência, recolhia opiniões muito variadas. Tanto poderia ser considerado um mal necessário como uma “praga”, definições que, segundo o próprio, não o afectavam emocionalmente. Refere que alguns automobilistas consideravam que era melhor arrumar automóveis do que roubar.

O arrumador menciona que actualmente, enquanto abstinente, não tem uma concreta opinião formada sobre a maneira como os automobilistas o percebem, mas que deverá ser considerado como uma figura de protecção. O arrumador menciona que os casos em que consegue detectar medo por parte do automobilista, referem-se a pessoas não habituais no parque e que o medo é dirigido à figura do arrumador e não do indivíduo.

Relacionamento com outros arrumadores

O arrumador de automóveis toxicod dependente funciona numa lógica de concorrência com os restantes colegas de actividade que, por vezes, tomam proporções de conflito. Apesar de tudo, existe uma solidariedade grupal relacionada com os consumos, pois podem facilmente juntar-se para cometer pequenos delitos quando não obtêm o dinheiro suficiente para alimentar o “vício”. Ao contrário do mencionado no estudo de Pais (Pais, 2001), o entrevistado refere não existir qualquer tipo de hierarquia na “mina”, apenas um respeito mútuo entre os arrumadores que já se encontram no mesmo local há algum tempo.

O arrumador de automóveis abstinente também refere uma lógica de concorrência, mas mantém uma consciência de ética e solidariedade grupal, no que se refere à ocupação de territórios alheios. Considera que não se vê a mudar o seu território porque além de valorizar as relações com os clientes fixos, não gostava que outros lhe tentassem “roubar” o local.

Relação com as figuras de controlo social formal

A relação entre arrumador toxicodependente e os agentes da autoridade caracteriza-se por ser uma relação conflituosa. A autoridade exerce o seu poder sobre o indivíduo, despojando-o do seu dinheiro contra a sua vontade, mantendo-os nas esquadras durante largos períodos de tempo numa tentativa dissuasora de praticarem a actividade.

Por sua vez, o indivíduo considera que, actualmente, a relação baseia-se no respeito e que os agentes patrulham o local com objectivos de vigilância e preocupação com a ordem pública. Refere que, como não obtêm queixas da actividade, mantêm uma postura permissiva e passiva.

Vantagens e desvantagens da actividade

Para o arrumador em fase de toxicodependência, o dinheiro acumulado, de forma rápida e que permite o consumo, é o principal benefício da actividade. As desvantagens caracterizam-se pela deterioração da saúde devido aos consumos, a quantia elevada gasta na droga e também o enriquecimento dos traficantes.

O arrumador abstinente também considera que o dinheiro fácil é a principal vantagem e que a falta de protecção social na reforma, na doença e no desemprego são as desvantagens mais visíveis.

Síntese

Após a análise da actividade do arrumador, verificou-se que o indivíduo percepção-se como um prestador de serviço merecedor de uma gratificação, um trabalhador que exerce uma actividade informal. Através da análise comparativa é possível verificar que a imagem do arrumador sofreu muitas modificações em termos de percepção. Com a presença contínua de um mesmo arrumador num mesmo local, criam-se laços afectivos entre arrumadores e automobilistas e estes passam a vê-lo como uma figura de protecção e não de medo. Actualmente, a percepção da figura do arrumador como figura do crime e do medo tem evoluído positivamente, embora as pessoas tendam a criar mais vínculos e a adoptar diferentes posturas quando sabem que o arrumador se encontra em

fase de abstinência. Também os agentes da autoridade apresentam uma maior tolerância em relação à actividade, sobretudo quando esta não se encontra relacionada com a toxicoddependência.

4.6.4. Perspectivas de Futuro

O entrevistado refere não possuir projectos de futuro a longo prazo. Como se encontra em fase de abstinência, opta por viver centrado no seu dia-a-dia pois, por experiências anteriores, sabe que é mais difícil manter-se abstinente do que voltar a consumir. O único objectivo a curto prazo que menciona, é o da colocação de uma prótese dentária, explicável pela sua valorização da apresentação e higiene pessoal no exercício da sua actividade.

Reflexões Finais

O presente estudo teve como foco a actividade de um arrumador de carros, com o objectivo de aferir conhecimentos em dois momentos distintos da vida do participante: a toxicodependência e a abstinência. Para isso, dissecou-se primeiro a sua história familiar, com o objectivo de obter respostas sobre os motivos que levaram o indivíduo a adoptar o comportamento desviante que o levaria a optar por esta actividade. De seguida, pretendeu-se caracterizar a actividade nos momentos de vida do indivíduo enquanto toxicodependente e enquanto abstinente, com o intuito de obter uma possível comparação sobre as rotinas, os relacionamentos e as percepções que compõem esta actividade. Como último objectivo, pretendeu-se averiguar a existência de perspectivas de futuro no indivíduo.

Na análise dos resultados obtidos, verificou-se que o indivíduo pertence a uma família com um historial vincado de ruptura e conflito. A separação dos progenitores, a reclusão do tio e do progenitor, a ligação destes à toxicodependência, a falta de vínculo emocional com ambos os progenitores, são razões suficientes para motivar uma carência a nível de socialização primária. Esta carência pode despoletar efeitos nos mecanismos de adaptação social, projectando situações como o insucesso escolar e a adopção de comportamentos desviantes, como o alcoolismo ou, neste caso, a toxicodependência.

Foi também possível verificar que embora o indivíduo seja o mesmo, as suas percepções e vivências enquanto arrumador foram bastante diferentes nos dois momentos da sua vida. Constatou-se que o arrumador em fase de toxicodependência é perspectivado de uma forma mais negativa pela população, devido à não criação de vínculos relacionais que não o permitem a desvinculação do estigma a que estão sujeitos, enquanto que o arrumador-abstinente trabalha no sentido da criação e manutenção de relações de confiança. Verificou-se também que as relações com os agentes da autoridade são bastante distintas, sendo preponderante a toxicodependência do indivíduo que determina um maior controlo e repressão policiais. Mais significativo foi a mudança da percepção dos automobilistas em relação à figura do arrumador que, enquanto toxicodependente era visto como uma figura do medo e da insegurança e que na sua abstinência passou a ser considerado como uma figura de protecção aos veículos. Esta mudança teve como grandes motivos a maior abertura dos automobilistas à figura do arrumador, e também a posição de resistência deste, insistindo no seu vínculo à

sociedade, através da persistência da sua presença e do seu contacto diário com a população.

Foi possível analisar a ausência de projectos futuros, motivada pela necessidade de vivência diária em abstenção, peso carregado todos os dias com grande afirmação. Embora os seus fantasmas e as cicatrizes da toxicodependência se encontrem bem presentes na memória, a tentação de consumir e a falsa sensação de reparação provocada pela droga encontram-se sempre presentes.

Este estudo permitiu auferir conhecimentos sobre a realidade de um actor social que, pela associação da sua actividade à criminalidade e insegurança, se tornou uma figura com um carácter negativo, mergulhando na invisibilidade da cidade. Este sujeito, estigmatizado, luta pela sua afirmação social mas também humana, sendo necessário uma maior compreensão e intervenção social sobre este fenómeno.

Torna-se assim necessária uma intervenção em todas as vertentes da sua realidade e não apenas centrada no indivíduo, envolvendo a sua família no processo, bem como os recursos disponíveis na comunidade. A intervenção deverá ser feita por uma equipa multidisciplinar como a que, de momento, acompanha o sujeito (formada por médico, psicólogo, enfermeiro, psiquiatra e assistente social de referência) numa perspectiva global e não redutora. A redução do fenómeno problemático ao indivíduo, não irá permitir a compreensão dos seus problemas sociais na totalidade, visto que eles se encontram interligados, tornando assim a intervenção social incompleta.

Fundamental será a presença constante do profissional da área social no acompanhamento destes casos. O profissional deverá formar uma relação de confiança com os elementos envolvidos, tornando possível o envolvimento da família no processo de intervenção, mantendo o compromisso e retenção dos clientes no programa de intervenção. Esta relação de confiança terá efeitos na aprendizagem e na mudança, em ambas as partes, pois o significado da relação produzirá resultados na influência entre o profissional e os membros da família. A confiança traduzir-se-á num sentimento de igualdade, passando as famílias multiproblemáticas a ver o profissional como um amigo e não apenas como um especialista da área, emergindo-as do isolamento social e libertando-as dos rótulos estigmatizantes e do estatuto de famílias com necessidades. O profissional deverá funcionar como modelo positivo do relacionamento interpessoal, adoptando uma postura de informalidade até ao limite em que a controla de forma a

garantir que a informação é percebida para permitir a inclusão e o envolvimento das famílias. Torna-se então necessário um contacto permanente com a família, demonstrando persistência e transmitindo a sua disponibilidade para a intervenção e ajuda.

O profissional deverá também reconhecer as competências da família perante um problema, encorajando conversas sobre os objectivos e soluções a atingir, de forma a inclui-la nas tomadas de decisão, respeitando as suas opções e valorizando os seus esforços.

Outro dos aspectos fundamentais na intervenção a nível social é a fomentação de laços sociais entre os indivíduos da própria família e entre os indivíduos e o exterior. O fortalecimento dos laços intrafamiliares orientarão os indivíduos para tomadas de decisão e acções enquanto um grupo, uma estrutura familiar única, com a envolvimento de todos os membros. Isto torna-se fundamental, pois os problemas que atingem uma família atingem os indivíduos e funcionando a família como uma unidade, a intervenção e cumprimentos dos objectivos serão muito mais eficazes. Em termos de relações sociais com o exterior, estas são muito importantes, pois poderão ter um papel protector e reparador nos indivíduos, fortalecendo a sua motivação e confiança para ultrapassar as problemáticas com que se deparam.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra, Quarteto
- Bruto da Costa, A. (2007). *Exclusões Sociais* (6ª ed.). Lisboa, Gradiva Publicações.
- Câmara Municipal do Porto. [Em linha]. Disponível em <<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/2046>>. Consultado em [12/05/2012].
- Câmara Municipal do Porto (2008). Código Regulamentar do Município do Porto. [Em linha].Disponívelem <http://www.cm-porto.pt/users/0/51/almada_fb4039b5bcbc8b8dd30df3ec4348a414.pdf>. [Consultado em 14/05/2012]
- Câmara Municipal do Porto .(2012). Código Regulamentar do Município do Porto – Anexos – G_1 Tabelas de Taxas. [Em linha]. Disponível em <https://cmpexternos.cm-porto.pt/apex/f?p=100:24:1836807218884940::NO::P24_REG_ID_PARTE,F100_ID_MENU:52821,52821>. [Consultado em 02/06/2012]
- Cardoso de Sousa, F. e Abrão, A. M. (org.). (2007).*Criminalidade e toxicodpendência no Algarve: um estudo exploratório*. Loulé, GAIM
- Decreto-Lei nº 310/2002 de 18 de Dezembro
- Dias, L. N. (2007). *As drogas em Portugal: o fenómeno e os factos jurídico-políticos de 1970 a 2004*. Coimbra, Pé de Página Editores.
- Fernandes, L. (2004). “Bases Ecosociais do sentimento de insegurança”,*Educação, Sociedade & Culturas*. (21), pp. 93-112.
- Fernandes, L. e Araújo, T.(2012), “Trabalhos de margem no centro da urbe: o arrumador de automóveis”, *Etnográfica*.16 (1), pp. 5-30.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Goffman, E. (1988). *Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 4ª edição. Rio de Janeiro, Editora Guanabara

- Lakatos, E. M. e Marconi M. A. (2006). *Sociologia Geral*, 7ª edição. São Paulo, Atlas
- Lessard-Hébert, M. et alli. (2005). *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*, 2ª Edição. Lisboa, Instituto Piaget.
- Machado, C. e Manita, C. (2009). “Fear of Crime: Methodological considerations and results from a biannual survey in the city of Oporto”. *The European Journal of Psychology applied to Legal Context*, 1 (1), pp. 69-99
- Matias, M. e Fernandes, L. (2009). “Desarrumar o medo... O arrumador de carros como figura do medo na cidade”, *Toxicodependências*, 15 (3), pp. 9-22.
- Nogueira Dias, F. (2002), *Sociologia da Toxicodependência*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Organização Internacional do Trabalho. (2005). *A OIT e a Economia Informal*. Lisboa. Organização Internacional do Trabalho.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto, Ambar.
- Palácios, J. e Rodrigo, M. J. (1998). La familia como contexto de desarrollo humano. In M. J. Rodrigo & J. Palácios (Coords.), *Familia y desarrollo humano*. Madrid, Alianza Editorial.
- Peixoto, P. (2008). Centros históricos e riscos urbanos. *Actas do V Congresso Nacional de Sociologia*. pp. 136-144.
- Pinto, M. C. (2011). “Arrumadores: não há programa que lhes arrume a vida” in *Público*. [Em linha]. Disponível em <<http://www.publico.pt/Local/arrumadores-nao-ha-programa-que-lhes-arrume-as-vidas-1475641?all=1>>. Consultado em [02/06/2012]
- Poiars, C. (1998). *Análise psicocriminal das drogas – O discurso do legislador*, Porto, Almeida & Leitão.
- Quintas, J. (1997). *Drogados e consumos de drogas: análise das representações sociais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Saraceno C. e Naldini M. (2003). *Sociologia da Família*. 2ªed. Lisboa, Editorial Estampa.

Sousa, L.(2005).*Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra, Quarteto.

Sousa, L. et alli. (2007). *Famílias Pobres: Desafios à Intervenção Social*. Lisboa, Climepsi Editores

Vala, J.(2003). Análise de Conteúdo. In Silva, Augusto Santos & Pinto, José Madureira. *Metodologia das Ciências Sociais*. 12ª Edição. Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento.

ANEXOS

ANEXO A

Guião da entrevista

Guião de Entrevista

Objectivo:

Auferir conhecimentos sobre a actividade do arrumador de automóveis em dois momentos distintos da sua vida: a toxicodependência e a abstinência

I. Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

- 1.1. Caracterização familiar durante a infância e adolescência
- 1.2. Relação Intra-Familiar
- 1.3. Percurso escolar e relação com a Escola
- 1.4. Relações com a comunidade
- 1.5. Entrada no mercado laboral
- 1.6. Primeiras experiências de consumo e toxicodependência

II. O arrumador-toxicodependente e a actividade na “mina”

- 2.1. Início da actividade de arrumador de automóveis
- 2.2. Descrição da actividade na “mina” e rotinas diárias
- 2.3. Influência dos consumos de droga na actividade
- 2.4. Relacionamento com os outros arrumadores
- 2.5. Relacionamento com os automobilistas e percepção da imagem que estes têm de si
- 2.6. Relação com as figuras do controlo social formal
- 2.7. Adesão ao projecto “Porto Feliz”

III. O arrumador-abstinente e a actividade no parque automóvel

- 3.1. Actividade de arrumador de automóveis em fase de abstinência e rotinas diárias
- 3.2. Relação com os automobilistas

- 3.3. Percepção da imagem que os automobilistas têm do sujeito
- 3.4. Auto-imagem
- 3.5. Relação da figura do arrumador com criminalidade e toxicodependência
- 3.6. Relação entre arrumadores de automóveis
- 3.7. Relação com as figuras de controlo social formal
- 3.8. Vantagens e desvantagens da actividade

IV. Perspectivas de futuro

- 4.1. Projectos de Futuro

ANEXO B

Transcrição da entrevista

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Pergunta (P): Qual é a sua primeira memória de infância?

Resposta (R): Memória? Que eu tenho neste momento? quando me lembro da minha infância?

P: Sim, assim a primeira coisa que te lembres de... quando eras mais novo.

R: Pá, o que eu me lembro bem da infância... eram os meus amigos. Deles lembro-me.. é das melhores memórias que eu tenho e das que me lembro mais vezes... é dos meus amigos de infância.

P: Mas de quê? De jogares à bola com eles ou de andares aí a passear, a brincar?

R: De brincar com eles, fazer de tudo. Nós juntavamo-nos todos aqui e depois fazíamos de tudo... brincavamos de tudo... passeava, tudo... o convívio.

P: E, fala-me um bocado da tua estrutura familiar durante a tua infância.

R: É assim.... eu morei sempre com os meus avós paternos.... eram eles que eram a minha base familiar... depois tinha os meus pais separados... e os meus tios também a morar comigo...e essa... mas a minha base familiar eram os meus avós, eles é que eram o meu suporte... os meus... o meu encarregado de educação na escola e tudo... e a minha mãe era... via-a de quinze em quinze dias, de mês a mês... ela não era muito... um suporte... um bom suporte... os meus avós eram.

P: E... sabes as causas que motivaram a separação dos teus pais?

R: Foi o meu pai ter ido preso.. isso afectou, afectou-os logo, e pronto... E a minha mãe...quando ele saiu não continuou a vida com ele... Pronto, foi a prisão dele, foi a causa

P: Entao... ele esteve preso enquanto a tua mãe estava grávida ou foi antes?

R: Foi quando a minha mãe estava grávida. E depois de eu nascer, mais quatro anos... Esteve lá cinco... mais ou menos, quatro anos e meio...

P: E... qual foi o motivo, se não te importas de dizer?

R: Foi tráfico de droga.

P: E como caracterizavas a tua infância?

R: Oh pá, uma infancia... um bocado perturbada, sempre com os fantasmas da minha família, o meu pai e o meu tio, por causa da droga... e os bons momentos passados com os meus amigos... os meus amigos de infância...e sempre que estava junto com os meus

avós para mim era um motivo de felicidade, a minha infância resume-se a isso, nesse aspecto.

P: Ok, e o teu tio também teve algum problema legal, ou...?

R: Algum problema ilegal? Teve, teve, também teve, também esteve preso. Por tráfico também.

P: E qual era a substância que eles traficavam?

R: Heroína e cocaína.

P: E, como é que era a relação com a tua mãe? Já me disseste que a vias apenas de quinze em quinze dias...

R: Ou de mês a mês... não era uma relação muito... muito fraterna, muito... não havia assim uma ligação muito forte. Gostava de a ver mas não havia aquela ligação de mãe e filho.

P: Mas era por indisponibilidade dela ou...?

R: Era... por indisponibilidade dela... a maior parte das vezes. Enquanto eu era miúdo ela é que tinha que me vir buscar, não era eu que podia ir ter com ela. Por isso, eu deduzo que fosse indisponibilidade. Quando eu comecei a crescer, até aos meus... a partir dos meus catorze anos, já era eu que a procurava muitas vezes, ia ter com ela muitas vezes. Mas, na infância, era por indisponibilidade dela... penso eu.

P: E ela trabalhava na altura?

R: Era educadora de infância.

P: E a tua mãe visitava-te aqui em casa, ou... levava-te para casa dela?

R: Vinha-me buscar e levava-me...levava-me com ela.... iamos para a praia, iamos para os jardins... iamos... passear... passava o fim-de-semana com ela e depois ela trazia-me novamente a casa.

P: E como é que era a relação com o teu pai?

R: Era uma relação de distância... Apesar de morarmos na mesma casa, era uma relação de distância.

P: Tu, na altura, sabias as... os motivos porque ele tinha sido preso...

R: Na altura, não...Depois, mais tarde, com os anos, fui-me apercebendo de situações e pronto, e... cheguei a essa conclusão que nao era difícil... de chegar.

P: E como é que era a relação com os teus avós?

R: Uma relação muito boa... Era uma relação ótima... a minha avó era... mais do que uma mãe para mim... o meu avô, pronto, era mais ríspido mas... sempre meu amigo ao máximo... era uma relação muito boa... e foi uma desilusão enorme para eles... acho que foi maior até do que a dos próprios filhos... a vida por que eu enveredei...

P: E, diz-me uma coisa, eles sempre trabalharam?

R: Sempre! A minha avó deixou de trabalhar depois quando ficou ao meu... eu fiquei ao cuidado deles. Passado praí três anos, por minha causa. O meu avô preferiu que ela viesse para casa do que continuasse a trabalhar.

P: E o que é que ela fazia?

R: Era empregada doméstica. O meu avó era serralheiro mecânico de 1ª. Trabalhava numa fábrica... não ganhava mal.

P: E aos três anos, a tua avó ficou com a tua tutela, com a tua responsabilidade?

R: Não, mas deixou de trabalhar para tomar conta de mim. Com a minha tutela tinha ficado logo aos dez meses de idade. Ficou logo... ela... e o meu avô responsáveis por mim.

P: Mas foi, por acordo com a tua mãe ou foi ordem do tribunal?

R: Foi a minha mãe, a minha mãe é que veio... perguntar se... se eles não se importavam de ficar comigo... Tinha 15 anos na altura, e... E não tinha condições. E eles aceitaram.

P: Então a tua mãe o teu pai tiveram-te muito cedo...

R: Muito cedo! O meu pai já tinha dezanove, mas a minha mãe tinha quinze.

P: E como era a relação com o teu irmão?

R: Era uma relação boa, ainda hoje é uma boa relação. É um bom miúdo, pá... E eu... é meu irmão e eu gosto muito dele. Foi sempre uma relação muito próxima e eu tentei-o sempre... tentei sempre que ele visse o lado certo e o lado errado para não cometer os mesmos erros que cometeu o pai, que cometi eu... E ele... não podia cometer esses erros, e... foi sempre uma... uma ligação muito próxima. Ainda hoje é! Apesar de ele não morar agora comigo, mas... sempre que pode está aí, vem aí...

P: Quantas vezes, por semana ou por mês, estás com ele?

R: Por semana... Pá, uma vez de quinze em quinze dias estou com ele. Que ele vem aí ver a avó e ver-me a mim...

P: E agora passando um bocado para a tua fase na escola... Como é que... como é que defines a tua carreira na escola?

R: Podia ser uma carreira melhor... Que eu havia... eu tinha capacidades, não gostava era das aulas. Ia para a escola, não ia às aulas... volta e meia, vinha suspenso... não

gostava mesmo das aulas. E pronto, podia ter sido mais bem aproveitado. Mesmo assim, ainda fiz o nono ano. E, lá está, se eu... fosse um aluno que gostasse da escola, provavelmente podia ter feito mais.

P: E fizeste tudo seguido, até ao nono ano?

R: Não, que chumbei uma vez no oitavo... e fiz até ao nono... depois, no nono chumbei, e não fui mais para a escola... chumbei duas vezes.

P: Ah, então não acabaste o nono ano...

R: Acabei o nono ano! Não, não acabei o nono ano! Frequentei o nono ano! Frequentei o nono ano!

P: Então reprovaste uma vez no oitavo...

R: Reprovei....

P: E uma vez no nono e não chegaste a completar..

R: Reprovei, reprovei...

P: E, reprovaste também por faltas, por desistir?

R: A segunda vez foi! Chumbei por faltas.

P: E a primeira?

R: A primeira vez, não! A primeira vez chumbei... por negativas... mas a segunda vez já foi por faltas...

P: E, que... como é que... quais eram as disciplinas que mais gostavas?

R: História, Educação Física, Educação Visual e Tecnológica. Eram essas as que eu mais gostava. As que eu menos gostava eram a Matemática, Ciência, Físico-Química, isso já... não ia a essas aulas, mesmo...

P: E como é que eram as tuas relações na escola? Fizeste muitos amigos?

R: Fiz muitos amigos, mesmo. Que ainda hoje alguns, pronto, são meus amigos, independentemente... da vida que eu levei... alguns ainda... ainda consigo estar com eles, conversar com eles... e... ter uma certa amizade por eles. Porque eu acho que na escola era uma pessoa até... querida, meu... como tinha muito que também eu... eu tinha estimação por eles... alguns... que eu ainda hoje, guardo com... com boas recordações... da escola...

P: E em relação aos professores? Davas-te bem com os professores e com os funcionários da escola?

R: Não, meu... nem com todos... depende... havia professores que era na boa e havia outros que eu... flipava com ele à força toda... não... tinha a mania que era... lá está, era putó! Às vezes para me armar, outras vezes para... por ser do contra... para, sei lá... era chavalo... não é?

P: Mas arrependes-te agora?

R: Claro! Na altura, um gajo... uma pessoa podia... devia ter pensado de outra forma, não é? Hoje podia... podia estar na situação que estou na mesma, mas... podia não estar, não é? Sei lá... sabes que os estudos é uma coisa importante! Agora tenho essa consciência, na altura queria lá saber ou...

P: E diz-me uma coisa, e tinhas alguns passatempos? Praticavas desporto, música?

R: Praticava desporto, jogava futebol... joguei no Progresso e no Infesta...

P: Quanto tempo?

R: Dos nove anos... até aos dezassete. Na altura, depois comecei a consumir drogas e a jogar, e o caraças... Mas depois, desisti completamente! Deixei, deixei para trás. Gostava de ir à discoteca, dançar...

P: E não é compatível, não é?

R: Pois, exactamente....

P: Uma vida com...

R: Não dava... não dava mesmo, e depois eu fumava, os meus colegas não fumavam e, vê lá, eu consumia drogas e eles... nem sonhavam, não é? Que eu ainda fazia as coisas muito às escondidas...

P: Mas qual era o tipo, na altura?

R: Heroína fumada!

P: E chegaste a....

R: E charros!

P: E quanto tempo é que foi, de... de praticares desporto e consumires ao mesmo tempo?

R: Foi praticamente um ano, mais ou menos. Foi um ano. Depois acabou esse ano de futebol e, no ano a seguir, já não... já não apareci, já não... já não queria mais jogar a bola... queria era droga!

P : E as relações de proximidade, de vizinhança... tinhas muitos amigos aqui no sítio onde moras?

R: Tinha, e tenho! Assim muitos, muitos, também não! Mas tenho alguns, por quem eu tenho ainda amizade e sei que eles têm amizade por mim. Aqui, na zona, no bairro onde eu moro.

P: Mas foram amizades que se mantiveram desde o tempo em que eram crianças até... hoje?

R: Até hoje... mas foi como eu já disse, e... muitas vezes não havia tanta proximidade porque eu... não há tanta proximidade porque eu próprio afastei-me deles... completamente... e se calhar por isso não há tanta proximidade... podia haver mais...

P: Voltando à fase em que... desistiu de estudar... depois do nono ano, quando desistiu da escola... O que fez a seguir?

R: Fui trabalhar, fui logo trabalhar. Fui trabalhar como empregado de... como... como... ajudante de camionista, no Pingo Doce... e foi logo o que eu fui fazer, foi trabalhar... não demorou muito...

P: Mas foi por iniciativa própria, foi por pressão da família...?

R: Não não, foi por iniciativa própria. Eu não queria estudar mais, se não queria estudar mais, então eles disseram “Então vais ter que ir trabalhar!”. E eu encarei isso na boa e fui trabalhar.

P: E foi... foste tu que arranjaste o emprego, que andaste à procura...?

R: Tinha um tio meu que era camionista lá, e arranjou-me... para ir para lá como ajudante.

P: E, diz-me uma coisa, davas-te bem com... com o teu patrão e com os restantes empregados?

R: Dava, dava-me bem... eu é que... é que me vim embora de lá, porque já andava agarrado à heroína e... e não dava para conciliar as duas coisas... comecei a faltar muitas vezes, comecei a... ir trabalhar... ganzado e o caralho... e as pessoas começaram-se a aperceber e o caralho... e eu, pronto, optei por deixar de ir... ao fim de um ano e meio praí... mais de um ano e meio.

P: Então... referes que a causa de teres deixado de trabalhar foi por teres consumido...

R: Sem dúvidas, por andar... por andar a consumir heroína... e cocaína, depois também comecei a consumir cocaína, pronto...

P: Afectava-te muito o trabalho?

R: Claro que sim! Claro que afectava! Eu se não tivesse a minha dose de manhã cedo para ir trabalhar, não ia trabalhar... tinha que ter a minha dose... logo de manhã...

P: E, nessa altura, já me referiste que consumias heroína e cocaína... e de que maneira? Era fumada?

R: Era fumada! Andei praí três anos a fumar e ao fim de três anos comecei-me a injectar.

P: Qual é que era a frequência? Quando trabalhavas... de consumo?

R: Pelo menos... pelo menos, duas vezes por dia! Uma... uma de manhã e outra ao final da tarde, quando vinha de trabalhar.

P: Como é que... com que idade é que começaste a consumir? E qual a substância?

R: Eu comecei com catorze anos a fumar haxixe e depois com dezasseis já... quase com dezassete comecei a fumar heroína e cocaína. E pronto, até aos dias... com desintoxicações, com paragens... até agora... agora já estou outra vez há um tempo sem consumir... mas pronto, sei perfeitamente que... não me posso descuidar que senão... já sei como é... é como das outras vezes.

P: E diz-me uma coisa: como é que tiveste o teu primeiro contacto? Foi por curiosidade...?

R: Foi com amigos. Amigos que já consumiam e eu... a ver algumas vezes eles a consumir, por curiosidade, pedir para experimentar, e pronto... e gostar, e continuar até...

P: Isso foi com as duas? Tanto com o haxixe como com a heroína?

R: Exactamente! Exactamente! Primeiro foi com a heroína, e depois mais tarde com a “coca”. Mas coisa pouca! Ao fim de meio ano, ou quê, experimentei e... e pronto, e... comecei a consumir as duas e... dando prioridade à heroína, porque era a que me dava ressaca física, não é? Mas sempre que havia um dinheirito a mais, vinha a “coca” também.

P: Então com dezassete anos começaste a consumir heroína... Com que frequência é que era?

R: Pá, ao primeiro, fumava de mês a mês... durante meio anos, andei assim, de mês a mês, depois... de semana a semana... andei assim também praí dois ou três meses, até que pronto... comecei a... sempre que começava a arranjar dinheiro... mil paus... já... já não pensava em comprar tabaco, em ir beber uma cerveja, ou isto ou aquilo... Com uns mil paus, já era para ir dar um fumo... de heroína... isso... e começou a ser diário... uma constante. Ao fim de um ano, andava a consumir todos os dias.

P: E tinhas muita facilidade em arranjar ou tinhas que te deslocar para longe?

R: Ao primeiro, tinha... tinha que pedir... a pessoas que eu tinha alguma confiança para me comprarem... que eu não me queria expôr porque eles conheciam o meu pai, o meu tio... e eu tinha medo que lhes dissessem e os meus avós ficassem a saber. Por isso... ao

primeiro dava a algumas pessoas... conhecidas... pedia-lhes para eles me comprarem. Depois, ao fim de um... de um tempo, pronto, de as pessoas saberem, aí já não, aí já... já comecei a ser eu a comprar... já não dava o dinheiro a ninguém.

P: Com que idade, mais ou menos, que idade é que tinhas quando a tua família soube pela primeira vez que consumias? Eles já sabiam, primeiro, que consumias haxixe?

R: Eles saber não sabiam, não tinham a certeza, mas...

P: Desconfiavam?

R: o meu avô muitas vezes dizia: “tu vens com uns olhos... vens com esses olhos todos vermelhos...”. Mas, pronto... Mas, nunca... eu estou convencido que eles pensavam: “É um charro...”, e pronto... E, até aí... não se importavam. Percebes? Mas, pronto... Depois, quando... quando eu comecei a trabalhar com o meu tio e começou a dar problemas... passados praí três anos de eu andar, já... foi quando eles souberem... quando o meu tio abriu o jogo com eles... trabalhava comigo como camionista, e pronto, e... e eles ficaram a saber.

P: Então foi o teu tio que os informou do teu consumo. Que idade é que tinhas, mais ou menos, nessa altura?

R: Tinha perto de vinte anos.

P: Mas, nessa altura, já tinhas deixado de trabalhar, ou ainda estavas a trabalhar?

R: Já tinha deixado de trabalhar, já tinha deixado.

P: E qual é a opinião deles... Qual era a opinião deles sobre os teus consumos? Eles falaram contigo?

R: Claro que falaram! Falaram, ralharam... entraram em choque... o meu avô até, até ficou doente. Nem queria acreditar. Pá, e tentaram-me chamar à... à realidade, à razão, só que já era um bocado tarde. Eu já... já estava mesmo a começar a... a ficar agarrado mesmo até ao pescoço. Já estava já... já tinha consumido... diariamente, era obrigatório. E, pronto, e... nunca mais tive força para... para dar um “basta!” definitivo. Vamos ver se é desta!

P: E o teu pai chegou a falar contigo?

R: Chegou. Também me alertou. Ele foi logo... a seguir ao meu avô, que soube na hora, ele foi logo a pessoa... que veio falar comigo... que me tentou... esclarecer... alertar enquanto não era muito tarde. Só que eu, enfim...

P: E a tua mãe? Sabia também que consumias?

R: Também ficou a saber, depois. Ela... veio aí um dia e a minha avó abriu o jogo com ela, pronto... e... e ela ficou a saber, também ficou tristíssima... pá... já não havia muito a fazer, não é?

P: E diz-me uma coisa...

R: Da minha parte, é que havia a fazer. Se não fosse eu a fazer, pronto...

P: Diz-me uma coisa então, como é que foi a tua vida depois de teres desistido do emprego do Pingo Doce?

R: Ó pá, andei aí uns meses a receber o subsídio de... de desemprego. Que ainda era... ainda era oitenta e tal contos.... que eu ganhava cento e trinta contos, por mês... ainda era oitenta e tal contos. Ainda ia dando para eu... me controlar, me tentar... em vez de gastar tudo em dois dias, não... era mais controlado. Podia pegar em dez contos no primeiro dia e fazer uma festa, mas depois... sabia que... que tinha que tirar a ressaca diariamente e gastava dez euritos por dia e ia passando. O problema foi quando acabou o fundo de desemprego.

P: Quanto tempo... lembras-te mais ao menos quanto tempo é que estiveste a receber?

R: Eu estive a receber nove meses... acho que foi nove meses. Quando acabou é que eu... me vi naquilo que estava realmente metido e... e disse “Tenho que arranjar dinheiro de alguma forma! É obrigatório!”.

P: Mas, diz-me uma coisa: em que é que gastavas o dinheiro do subsídio? Era todo para os consumos?

R: Era para os consumos. Todo. Não dava... não dava nada... não dava nenhum... eu recebia e era eu que controlava o dinheiro. O dinheiro, normalmente, chegava-me meio mês, mais ou menos.

P: E o resto do mês?

R: Ah, ia pedindo ao meu avô, à minha avó... pronto, não é? E eles iam-me orientando... E depois, o meu pai vendia droga e eu fui para lá. Fui para lá. Em vez de andar aí a... a fazer-me à vida, a roubar ou o caralho, fui para a beira dele. Consumia de borla, diariamente. Ainda estive lá... um ano e tal.

P: Mas era aqui?

R: Era aqui no Porto. Não era ali naquela casa, era noutra casa... era aqui num bairro, de S. Tomé. E pronto... e... depois... ele voltou a ser preso novamente, e eu comecei a arrumar carros.

P: E quanto tempo é que ele esteve preso da segunda vez?

R: Hum... Seis anos.

P: Então depois quando te acabou o subsídio, tiveste então com o teu pai. Durante quanto tempo?

R: Foi praí um ano.

P: Um ano. E depois foi a partir...

R: Um ano e pouco...

P: ... desse ano que começaste a...

R: Depois ele foi preso, ao fim desse tempo e eu comecei a arrumar os carros.

P: Que idade é que tinhas?

R: Pá, deveria ter praí vinte anos... vinte e um... mais ou menos... à volta disso.

P: E onde é que começaste a arrumar os carros?

R: Primeiro foi aqui em cima da ponte, junto à Universidade. Depois fui para o Hospital de São João.

P: Quanto tempo é que tiveste aqui junto do viaduto?

R: Não sei, sei lá... praí... um ano escolar. Uma... uma época...

P: Mas, foste tu que viste a potencialidade...?

R: Sim, ali... sim... sim...

P: ... ou foi alguém que te indicou?

R: Não, fui que... não, que não havia ali ninguém, fui eu que... ao primeiro... pá, não ganhava muito, dava para eu ganhar aí vinte euros por dia... mas depois falaram-me para ir para o São João, que lá é que dava e eu... aos poucos fui ganhando lá... o meu... espaço e realmente ali é que dava para...

P: Mas quem é que te indicou?

R: Foi... foi uma pessoa que arrumava lá também carros que me disse: “Pá, vai para ali que aquilo está sempre... a entrar e a sair pessoal... e aquilo ali é uma mina.” E era... E realmente, era. Eu fazia ali setenta euros por dia, meu. Tinha manhãs de chegar ali às sete da manhã, às nove horas estar a ir-me embora com trinta euros.... para o São João de Deus. Não é?

P: E durante quanto tempo estiveste ali no Hospital de São João?

R: Foi até a Polícia deixar de... começar a deixar de arrumar lá carros... ainda hoje não se arruma lá carros. Foi passado praí... quatro anos ou quê... a Polícia... deixou de... não deixava ninguém arrumar carros e ali no São João ainda hoje não deixa.

P: E diz-me uma coisa, porque é que escolheste a actividade de arrumador?

R: Porque eu... tinha... tinha o exemplo do meu tio qua andava sempre a roubar, estava sempre preso... e eu tinha medo... da prisão, meu. Era uma coisa que me criava um certo medo. E eu optei por pedir. E vi que não dava, é assim... não dava para eu

“desbundar”... enquanto que uma pessoa a roubar pode ter uma sorte, vir uma “fezada” boa... e desbunda... “n”... mas sabia que tinha sempre para o meu dia-a-dia e eu preferia ter aquele certo do que andar aí sujeito a ir parar a Custóias. E pronto, e...

P: E quais eram os benefícios, na altura, de estares ali a arrumar? Era o dinheiro sobretudo?

R: Era o dinheiro, claro que era! E eu ressacava, e eu, pronto, estava agarrado... de duas em duas horas tinha dinheiro para ir consumir... andava lá até altas horas da noite... saía de um sítio ia para outro, ia para a frente dos cafés até à meia-noite, uma da manhã...

P: Mas ali na zona?

R: Sim, na zona do Hospital.

P: E quais achas que eram as... as desvantagens de estar ali?

R: Era o dinheiro que era ganho, era todo mal gasto. Essa era a grande desvantagem... Estava a foder a minha saúde... e... e estava a enriquecê-los, meu, na realidade era mesmo isso. E principalmente a dar cabo da minha saúde, isso era o ponto... o pior ponto, é óbvio. Era chapa ganha, chapa batida!

P: Tudo o que ganhavas, gastavas?

R: Gastava! Todo na droga... todo!

P: E, diz-me uma coisa, eras o único arrumador lá? Não, pois não?

R: Não, haviam dezenas deles! Dezenas, mesmo! À volta do Hospital... aquilo é enorme... eram dezenas...

P: E, diz-me uma coisa, existia algum tipo de hierarquia entre os arrumadores? Como é que tu... conseguiste ganhar o teu espaço?

R: Comecei por ir aproveitar as deixas dos outros. Os outros chegavam a uma certa hora e iam consumir e eu... tentava aproveitar as horas que eles não estavam. Depois, mais tarde, ao fim de praí um ano de eu andar assim, a ganhar, sei lá, trinta euros, trinta e cinco por dia... seis contos... a fazer as deixas dos outros, houve um que foi preso. E eu, como andava ali na... nas traseiras do Hospital, aquele lugar foi logo para mim, que eu não deixei logo... “Não, este é meu!”. E estive ali, depois...

P: Ganhaste o teu espaço...

R:... até a Polícia... e depois, ali as consultas era só de manhã... até ao meio da tarde... e, e à semana... e eu, ao fim-de-semana... e ao meio-dia e à noite, ainda consegui ir para a frente de uma marisqueira lá, junto ao Hospital, que é a Mauritânia.

P: Do outro lado...

R: Em frente ao IPO. Ainda consegui engatar ali aquele bocado, para me desenrascar à noite e aos fins-de-semana.

P: Trabalhavas todos os dias?

R: Todos os dias! Todos os dias!

P: Diz-me mais ou menos, como era o teu dia?

R: Pá, punha-me a pé às sete da manhã, dava um caldo, ia para o meu posto de trabalho, estava lá até aquilo encher, aquilo enchia, ia consumir ao Bairro... vinha... ficava ali a fazer as vagas... chegava por volta da hora do almoço... onze e meia, mais ou menos, ia lá novamente, vinha outra vez para o restaurante, ficava no restaurante, ia outra vez, vinha ao fim da tarde... ia outra vez para o restaurante... e à noite, ia outra vez... e era esse... era assim o meu dia-a-dia! Chegava à meia-noite e vinha para casa, para a cama.

P: E, nessa altura, como é que fazias as refeições? Vinhas a casa?

R: Muitas vezes, nem comia... andava lá fora, fazia uma sandes e... comia uma sandes, bebia uma cerveja e andava... o dia todo...

P: E quanto dinheiro é que amalhavas, mais ou menos por dia?

R: Ali no Hospital ganhava sessenta euros por dia, setenta... era conforme.

P: E, consideras que... a droga ditava o teu dia-a-dia?

R: Completamente! O meu dia... a minha vida moldava-se àquilo... era... eu vivia para aquilo, simplesmente... sem... sem hipótese!

P: E quando não conseguias... não conseguias juntar o dinheiro necessário para os consumos? Chegaste a cometer alguns pequenos delitos, ou assim?

R: Cheguei! Não sou nenhum santo... também cometi os meus pecados! Não como... como outras pessoas que fizeram depois daquilo uma prática... de vida... eu não! Eu fui mesmo em algumas necessidades, em algumas horas de aperto... e pronto, e... foi... foram poucas, muito poucas... mas cheguei a cometer algumas... apesar de poucas, cometi algumas.

P: Mas eram tipo furtos às viaturas, ou...?

R: Viaturas e residências. Algumas... estabelecimentos.

P: Mas sozinho ou fazias acompanhado?

R: Acompanhado... quando ia, normalmente, ia acompanhado. Um espia, o outro... Um espia, o outro faz o trabalho.

P: E, diz-me uma coisa, como é que era o relacionamento... lá no Hospital de São João com os outros arrumadores?

R: Eu não tinha muito... muitos problemas. Mas... mas soube de alguns casos de... terem que.. andar à pedrada para... para conquistar o lugar... para terem o lugar deles, porque... por vezes, vinham gajos de fora que... que sabiam que aquilo que dava... e que também queriam. E, por vezes, um gajo... eu, é como te digo, eu nunca tive nenhum problema desse género. Mas soube de casos de alguns que tiveram... que andar mesmo... engalinados para... não é? “Aqui sou eu, e sou eu, e sou eu!”.

P: E os mais antigos lá a trabalhar... achas que eles tinham também um bocado uma relação de poder? Vocês viam-nos com...

R: Não...

P: ... com mais respeito?

R:... não... não...nem...nem nada que se pareça, eles tinham o lugar deles, nós tínhamos o nosso... cada um fazia a sua vida... nem eles vinham para cima de ninguém, nem nós íamos para cima deles. Cada um tinha os seus lugares bem determinados.

P: E, diz-me uma coisa, como é que era o relacionamento com... com os automobilistas?

R: Pá, eu sempre... sempre tentei que fosse o melhor possível. Porque, na finalidade, são eles que nos dão a ganhar. E eu julgo que temos mais a ganhar em ser compreensivos e em ser... prestáveis... acho que temos mais a ganhar. Principalmente, no meu caso, que são diariamente sempre as mesmas pessoas... e umas passam às outras... e nós ficamos bem vistos. Penso que é melhor... a prática da compreensão, da amizade... acho que é o melhor.

P: Diz-me uma coisa, como é que achas que... os automobilistas te viam?

R: Sei lá, alguns devem dizer: “Ei, olha, está aí a melga, está aí este gajo, ouve lá... lá vou ter que dar uma moeda...”. Sei lá, há outros que... indiferença... É-lhes igual estar ali ou não estar.

P: Mas, na altura... porque ali era um ponto maior de passagem, não é? É diferente, porque tu aqui tens alguns clientes fixos e lá era diferente...

R: Era diferente... muito diferente... e... a maioria dava, e dava boas gorjetas porque só vão ali uma vez por ano... um exame de rotina... e têm medo... tinham medo que lhes fizesse alguma coisa ao carro. E pagavam... e pagavam bem e davam e...

P: E como é que os automobilistas viam a tua actividade? Chegaste a ter alguma conversa com algum sobre o que fazias?

R: Sim, sim, chegaram-me a dizer que éramos um mal necessário... chegaram-me a dizer que mais valia aquilo do que andar a roubar... ó pá, tinha pessoas que...acho... ou tenho a certeza... para eles...é como te digo, era um mal necessário. Tenho outros que era uma praga... aquilo... a Polícia não devia deixar arrumar, a Polícia não... era uma praga, era uma chaga da sociedade. Tipo isso...

P: E diz-me uma coisa, sentias-te respeitado ou sentias algum tipo de preconceito contra ti?

R: Chegou a haver, é... é óbvio... havia... cheguei a ter situações... de me mandarem trabalhar, de... chamarem-me “chulo”, cheguei também a ter... ó pá, só que eu cagava de alto... cagava e andava para aquilo que eles dizem, para mim era-me indiferente... desde que não me faltassem ao respeito... estava-me a cagar para eles.

P: E tinhas algum tipo de relacionamento com os funcionários ou comerciantes dos locais ali á beira? Por exemplo, da Marisqueira que referiste...

R: Da Marisqueira, eles davam-me o jantar, todos os dias. Traziam-me naquelas “cenas” de embalar a comida... sempre... um bocado... do meu jantar. E tinha um bom relacionamento, e pediam-me para ir buscar moedas, pediam-me... pediam-me “n” de favores e eu fazia, tudo numa boa! E eram os próprios... a querer que eu fosse para lá, para o parque estar seguro, para os clientes continuarem a lá ir... e saberem que não havia problema com o carro... que ali também havia muitos assaltos. Pronto, e... e os clientes, tinha muitos que eram... clientes assíduos, e que olhavam...

P: E já te conheciam...

R: E já me conheciam... Exactamente!

P: E confiavam em ti?

R: Confiavam! Plenamente! Ainda hoje tenho a certeza... que oitenta por cento dos carros que vão para onde eu estou ali, é porque sabem que o carro está seguro.

P: E diz-me uma coisa, durante quanto tempo estiveste ali no Hospital a arrumar automóveis?

R: Sei lá, quatro anos, praí... seguidos...

P: Referiste que mudaste... que tiveste que mudar por causa da presença...

R: Da Polícia! Não deixava estar a arrumar carros. Mesmo! Levavam-nos para a esquadra, tiravam-nos o dinheiro, confiscava o dinheiro... davam-nos lá “secas” de seis horas... ao fim de seis horas, mandavam-nos embora...

P: E qual era a justificação que eles davam?

R: Era de nós andarmos ali a arrumar carros... não podíamos! E sempre que nos vissem ali, haviam de pegar em nós... levar-nos... dar-nos grandes “secas”, tirar-nos o dinheiro, até nós aprendermos. E é assim! E eles, de dez em dez minutos, estão a passar ali... nós estamos ali... o pouco dinheiro que a gente fizesse... quer dizer... ainda ia estar a por na caixa das esmolos, e... coisas assim desse género! Pegar no dinheiro e obrigar a por na caixa das esmolos... enfim...

P: Da igreja?

R: Sim, da... ali no Campo Lindo, tinha uma capela em frente... e eles obrigavam-nos a por o dinheiro... ou pegavam nas moedas e... pegava... eles tinham máquinas de chocolates e de cappuccinos e de... e tiravam chocolates e bolachas e davam-nos para a gente comer: “Come, anda lá, ao menos comes!”. Quer dizes, faziam isso... o que queriam do nosso dinheiro.

P: Diz-me uma coisa, então... e depois disso... como é que.. arranjas-te... foste para outro local, arranjaste outra actividade...

R: Depois disso, tive uma... fui para o Porto Feliz. Fiz uma desintoxicação e arranjam-me trabalho na LIPOR.

P: E diz-me uma coisa, mas aderiste ao projecto Porto Feliz por tua iniciativa ou por...?

R: Vieram ter comigo. Vieram ter comigo...

P: Quem?

R: Umas... umas das técnicas do projecto. E eu fui!

P: Tinhas mais ou menos vinte e quatro anos nessa altura, não era?

R: Era, era.

P: E quanto tempo é que estiveste no projecto?

R: Estive lá três anos!

P: Estavas a dizer-me então que... depois de aderir... como é que foi essa adesão? Fizeste logo a desintoxicação...?

R: Fiz! Foi um tratamento...

P: Conta-me um bocado do processo.

R: Foi um tratamento... uma desintoxicação de dez dias... de internamento... ao fim de dez dias, alta médica... acompanhamento psicológico... tomar antagonista todos os dias... e era isso, basicamente. E, ao fim de um “x” tempo de casa, e de abstinência... tentar arranjar trabalho...

P: Mas, moravas nalguma instituição, nalguma comunidade?

R: Não cheguei... não morava porque tinha casa, mas... eles... o resto do pessoal que não tinha casa vivia em comunidade.

P: Tinhas um horário fixo para estar lá no..?

R: Não, não... tinha que lá ir da parte da manhã... e se quisesse lá almoçar, almoçava... e era basicamente isso... e, de tarde, tínhamos actividades... desporto, praia...

P: E quanto tempo demorou desde aderires ao projecto até começares a trabalhar?

R: Quanto tempo é que demorou...?

P: ... desde que iniciaste a...

R: Ah, até começar a trabalhar... Dois anos, prá! Dois anos e pouco...

P: Então estiveste esses dois anos sem consumir, só depois disso... mas tiveste alguma formação para o emprego...?

R: Não, não... foi por intermédio do Centro de Emprego... fui para lá... era para trabalhar em reciclagem... e pronto, e eu fui... e trabalhei lá, e pronto...

P: Mas isso ainda através do Porto Feliz?

R: Exactamente!

P: E diz-me uma coisa então, trabalhavas na LIPOR, a fazer a reciclagem... quanto tempo é que estiveste lá?

R: Estive lá sete meses... ou oito... sete ou oito...

P: E depois...?

R: Foi assim à volta disso... depois apareceu um problema de saúde, e eu andei de baixa... e quando acabou a baixa, já tinha... já não tinha trabalho... e fui outra vez para o... para o fundo de desemprego... estive meio ano pelo fundo de desemprego...

P: Quanto é que ganhavas lá na LIPOR? Mais ou menos...

R: O ordenado mínimo...

P: Consideras que o Porto Feliz foi um projecto benéfico para ti?

R: Era um bom projecto. Não só para mim, como para muitas outras pessoas! Tive pena que acabasse, sinceramente.

P: Quais achas que foram as vantagens e as desvantagens do projecto?

R: Tiraram muitos arrumadores da rua, deram casa a muitos que não tinham, porque eram sem-abrigos... E, basicamente, essas foram as vantagens.

P: Vês alguma desvantagem do projecto?

R: Claro que não! É óbvio que não! O IDT não sei... nem sei como é que teve coragem para acabar com isso...

P: E o que é que achas que falhou no projecto, para este ter terminado?

R: Ele há... pelo que eu sei, terminou por causa de verbas... mas... tirando... tirando as verbas, não estou a ver outra... outra coisa para acabar, o projecto. Tinha pernas para andar aquilo!

P: E diz-me uma coisa, qual é a tua opinião sobre a problemática da droga?

R: A minha opinião... a minha opinião é que é muito boa, mas é uma grande destruidora... destrói tudo! O nome que ela tem, heroína, é muito falso... é a nossa heroína, mas também é a nossa desgraça! É isso...

P: Ok... E quanto tempo é que... estiveste no Porto Feliz?

R: Dois anos... dois anos e meio, mais ou menos.

P: E porque... abandonaste o projecto quando ele acabou ou por iniciativa...?

R: Não, não... Já abandonei, já... ainda aquilo não tinha acabado. Foi quando comecei a trabalhar... deixei de lá ir, depois dos tratamentos que tive que fazer, quimioterapia, etc., deixei de ir... deixei, deixei de ir... deixei.

P: E como é que foi a tua vida, então... nessa fase em que estavas a receber a baixa... depois disso...

R: Depois vim novamente para aqui... para o sítio onde estou...

P: Mais ou menos que idade é que tinhas?

R: Sei lá... vinte e seis anos, praí...

P: E... nessa altura, que começaste aqui a trabalhar... perto da universidade... já consumias novamente ou ainda não?

R: Depois voltei a consumir novamente... quando vim para aí... Porque eu depois quando... quando deixei o Porto Feliz, passado uns tempos, voltei a consumir novamente...

P: Passado quanto tempo, mais ou menos?

R: Sei lá... meio ano... nem tanto... ao fim de dois meses, dois meses praí... voltei a consumir, não tomava o antagonista e... comecei novamente a consumir.

P: E depois... daqui... quando estavas aqui, durante quanto tempo é que continuaste a consumir?

R: Depois foi até aos meus... trinta e... dois anos, mais ou menos e há coisa de um ano para cá é que eu tenho andado melhor, tenho andado mais controlado...

P: Mas... fizeste a desintoxicação?

R: O programa da metadona.

P: Já me tinhas referido que foi no Centro de Terapêutica Combinada do Joaquim Urbano...

R: Exactamente... foi lá... e é onde ainda hoje ando... é... é lá.

P: Qual é... Mas anteriormente, já me tinhas referido que já tinhas estado lá desde 2004 a 2006...

R: É verdade! Eu andei lá... andei lá... andando mesmo, quando andava no... no Joaquim Urbano... no Conde Ferreira! Quando me foi detectado o cancro na pele, eu passei a ser seguido lá... Isso foi no Joaquim Urbano... e ainda andava no Porto Feliz. Foi nesse tempo que eu... entrei para... para o Hospital. Depois... abandonei... duas ou três vezes e agora de há um ano para cá que tenho andado direitinho...

P: E... qual é a tua opinião sobre o programa do... o projecto do CTC?

R: Acho que é um bom projecto, olha, é um projecto... de reinserção... porque é uma... é um sítio onde se pode conviver, onde uns podem puxar pelos outros... e é muito importante para a toma da medicação. Acho que aquilo... é fundamental neste momento, na cidade do Porto, para doentes... infectados...

P: Ok, diz-me uma coisa... Tu segues lá também... és acompanhado por técnicos lá?

R: Sim, o psiquiatra, médica e psicóloga.

P: E...

R: E enfermagem... e enfermagem...

P: E és acompanhado também por alguma assistente social lá?

R: E por... e olha, assistente social...

P: Diz-me uma coisa, disseste-me que... também já tinhas entregue os papéis para auferires o Rendimento Social de Inserção...

R: O rendimento mínimo... ainda não tive qualquer... qualquer resposta... ainda estou à espera que me chamem, a qualquer momento, penso eu, que me vão chamar... para lá ir, para me dizerem alguma coisa, ou sim ou não, não sei, não faço a mínima ideia.

P: Mas fizeste essa requisição há pouco tempo?

R: Já fiz há uns meses, já... praí há meio ano, ou mais.

P: E foi a primeira vez?

R: Não, eu... não, já requeri uma vez e foi-me chumbado, pediram-me toda a documentação do meu agregado familiar... só a reforma... só o salário do meu avó... na altura, que ainda trabalhava... disseram-me logo que não... e tentei agora, novamente.

P: E, diz-me uma coisa, referiste também que estás lá na... que és seguido nas consultas em infecciologia, não é? Tu... qual é também a tua opinião sobre o funcionamento do Hospital em si?

R: É como eu te disse, o Hospital... acho que funciona muitíssimo bem, acho que na cidade... é o melhor... posto de... posto de atendimento para doentes nessa situação. E o funcionamento daquilo, julgo que se aquilo acabar como se... se... se pensa que vai acabar... acho que é uma perda muito grande para os utentes que andam lá no Hospital.

P: Ok.. Como é que podes dizer que é o teu dia-a-dia, actualmente?

R: Pacato... Actualmente é levantar, ir tomar a metadona, conviver lá um bocado... almoçar... passar a tarde em casa, jantar e dormir. É o meu dia-a-dia. É casa-metadona, metadona-casa! Actualmente... actualmente...

P: E, diz-me uma coisa, e... estás a falar actualmente porque... estamos no período de férias daqui da universidade...

R: Férias escolares... férias escolares... não há movimento...

P: E normalmente, nos dias de aulas? Como é que é o teu dia-a-dia?

R: Ir tomar a metadona, conviver... até... onze e meia... onze horas... vir, almoçar... ir ao centro almoçar... e de tarde, ficar ali toda a tarde, a arrumar os carros e vir embora ao final da tarde... sete horas, mais ou menos... sair de lá.

P: Vais almoçar a uma instituição, não é?

R: É! Ao Coração da Cidade.

P: Foi por... tua iniciativa que foste lá, foi através do Centro de Terapêutica Combinada...?

R: Não, eu soube... soube da existência do... daquela... daquele refeitório... a minha avó... é uma pessoa já com uma certa idade... não tem já paciência para cozinhar... ela pouco cozinha... e eu para lhe tirar trabalho, pronto, comecei a lá ir... a lá ir fazer a refeição do meio-dia.

P: Normalmente, o que é que costumavas almoçar lá?

R: Lá, sempre a sopa... uns bolos... uma fruta... uns iogurtes... basicamente é isso!

P: E ainda trazes alguma coisa para casa?

R: Por vezes, uns iogurtezitos, um bolo ou dois, ainda vou trazendo... e pão!

P: E o jantar, como é que...?

R: O jantar é à base de sandes. A minha avó... compra o pão... faz duas ou três sandes, uma tigela de sopa... uma peça de fruta, e está feito o jantar. Também tinha onde ir fazer o jantar... se eu quisesse... ia ali ao Marquês, à Igreja do Marquês, também já cheguei a lá ir... comer a tigela da sopa e trazer duas sandes para casa, para a noite, para reforço. Eu é que... a minha avó faz à noite... e eu escuso de ir para lá...

P: E passas também um bocado de tempo com a tua avó...

R: Exactamente... estou por casa...

P: E diz-me uma coisa, e...

R: E ao fim-de-semana almoço em casa... ao sábado e ao domingo.

P: Fazes então as quatro refeições do fim-de-semana sempre em casa?

R: Sempre em casa!

P: E diz-me uma coisa, durante o período escolar quanto dinheiro, em média, costumavas angariar por dia?

R: Actualmente... ando a fazer uma média de vinte euros... porque não vou manhãs... e porque isto está mau! Está mesmo mau! Se está mau para toda a gente, para mim também vai estar mau! E, as pessoas... baixaram na contribuição, outras deixaram de dar, outras nunca deram por isso não é agora que vão dar... e tenho dias que para ganhar vinte euros tem que correr muito bem...

P: Mas então... só trabalhas aqui à semana, não é?

R: À semana... ao fim-de-semana não trabalho... nem de manhã trabalho... porque é... é hora de ir à metadona, de... e de estar a conviver um bocado... com os amigos.

P: E qual é o destino do dinheiro que angarias aqui a arrumar automóveis?

R: É assim, agora dou ajuda à minha avó para pagar as contas de casa... aluguer... que agora ela é viúva... aluguer... telefone... tv cabo... as contas de... de casa... dou-lhe uma ajuda, compro o meu tabaco, fumo a minha ganza... e é... e o meu dinheiro é para isso... para o meu café... e está... está tudo bem...

P: Eu ia perguntar-te se ainda consumes algum tipo de substância...

R: Haxixe, haxixe...

P: Mas diariamente?

R: Sim, diariamente!

P: É a única neste momento?

R: Neste momento é a única.

P: E aqui no... no parque, tens clientes fixos...?

R: Quase... por norma são clientes de... que são o ano todo, que vêm o ano todo, pode haver ... um caso por outro de... de pessoas que vêm a um... vêm a... só fazer um mestrado, vêm só à sexta-feira... vêm a um congresso, ou qualquer coisa assim do género... e vêm uma vez de vez em quando mas, por norma, são sempre as mesmas

peças. Mais um motivo para eu não ganhar tanto, porque... vêm todos os dias... muitos não podem dar todos os dias, outros... a mesada também não é grande, e eu só tenho que compreender, não é?

P: E tens alguma hierarquia de clientes? Dás preferência a alguns?

R: É óbvio! É assim, eu tenho lá clientes que me dão um euro todos os dias... eu não ia... não ia ser hipócrita ao ponto de dizer que preferia que estacionassem lá os gajos que me dão vinte cêntimos ou um cigarro, não é? Por mim, só estacionava lá quem me dá um euro, não é? Não é?

P: Tens alguma espécie de contrato com alguns?

R: Não, não... Ah, tenho, tenho! Tenho! Com alguns clientes?

P: Sim.

R: Tenho! Tenho lá pessoas que me pagam à semana e outros que me pagam ao mês.

P: Mais ou menos, assim...

R: É assim, tinha lá pessoas que me davam um euro por dia que começaram a dar-me cinco euros por semana, dois euros e meio por semana que não podem dar tanto... outros a darem-me dez euros por mês... outros a darem-me cinco euros por mês... outros a darem-me um euro e meio por semana... tenho alguns casos assim.

P: E diz-me uma coisa, qual é a tua relação com... agora os automobilistas ali no parque?

R: Eu julgo que é uma boa relação. Em primeiro, eles têm que me ver... como uma pessoa que está ali para zelar pelo... pela viatura deles... não me podem ver como uma pessoa que só está ali para lhes “chular” o dinheiro, como alguns pensam... não! Eu estou ali, se acontecer alguma coisa, eles podem vir ter comigo... que se eu vir, se eu estiver ali presente, eles não vão ficar mal. E pronto, e sabem que o carro está seguro, ali comigo! Primeiro é isso que eu quero que eles vejam isso em mim. E depois, se quiserem... contribuir... com a ajuda que eu acho que... que não lhes ficava mal, eu agradeço, senão puderem... a mim, não é por isso que o carro deles não vai ficar seguro.

P: Consideras que já tens uma relação de confiança, sendo clientes fixos?

R: Muita confiança! É assim, pode haver ainda casos de pessoas que ainda olhem para mim com desconfiança... que eu aceito, perfeitamente... mas, no geral, julgo que... transmito confiança.

P: E diz-me uma coisa, e com os moradores... também que residem ali?

R: Eles, principalmente! Se eu não tiver uma boa relação com eles, à priori, não andava ali... que eles corriam-me dali... com os moradores acho que é a melhor relação que eu podia ter... é aí que tenho...

P: Tens mais relação com os moradores do que com os professores, os funcionários e... ?

R: Sem dúvida! Tenho, claro que tenho! E mesmo eu... quero que seja assim para não haver... nada a apontar-me.

P: E sentes que tens uma responsabilidade para com os automobilistas e as suas viaturas?

R: As pessoas quando põem ali o carro não é para eu ajudá-las a estacionar o carro, que elas sabem estacionar o carro perfeitamente, não é? Se eu não estiver ali... o carro é estacionado na mesma, não é? E eu tenho... sinto obrigação de zelar pelo bem-estar do carro. Tenho!

P: Tens alguma técnica especial ou alguma prática comum na actividade que exerces?

R: Não! Não tenho técnica... aquilo não há técnica nenhuma... ser simpático, humilde... e é a base do sucesso para andar... para agarrar esta profissão (risos).

P: Tens alguns conhecimentos adquiridos durante a tua vida que te deem uma mais-valia na actividade que exerces?

R: Tenho a escola da vida! Tenho... o que eu aprendi... diariamente na minha vida... basicamente é isso! Os princípios pelos quais eu me rejo! Mais nada!

P: Qual é desses o que dás mais valor?

R: Pá, a humildade!

P: E quando os automobilistas não te dão moeda? Tentas apelar ao seu sentimentalismo ou usas alguma tática para conseguir que eles te deem?

R: Por vezes, persistência! Alguma persistência... se não der hoje, pode ser que dê amanhã... se não der amanhã, pode ser que dê amanhã, mas tentar sempre, sempre, pode ser que haja algum dia em que o gajo tenha vergonha e diga: “Foda-se, o gajo já merece, não desiste!” e lá acabe por dar. Tenho casos assim. E até começam a dar. Muitos por nunca me... por não me conhecerem, por terem medo, sei lá... mas depois com o tempo e com a confiança acabam por dar... mas, de resto, não há técnica nenhuma... é isso, persistência... um bocadinho...

P: Quais são os... utilizas algum comportamento especial para tornar a tua tarefa ali mais eficaz?

R: Não! Sou eu próprio... mais nada, é a minha maneira de ser, as pessoas que... que param ali, conversam comigo, tanto conversam comigo... aquelas conversas tanto são iguais ali como noutra lado qualquer... é... sou eu mesmo, mais nada... quem gostar de mim como eu sou, muito bem, quem não gostar, olha... nós não agradamos a toda a gente...

P: Tens algum cuidado especial com a tua aparência quando vais...?

R: Isso é o... isso é o principal! Porque é assim, eu já presenciei casos de pessoas com as mãos sujas... a receber uma moeda, as pessoas até têm medo de... de encostar as mãos, não é? Eu acho que, ó pá, a higiene, o trato é... é um... é meio caminho andado...

P: E diz-me uma coisa, costumavas arrumar carros noutros locais em dias de grandes eventos, por exemplo, concertos, jogos de futebol?

R: Futebol... nos jogos de futebol no Dragão... eu vou para lá...

P: Mas já tens um lugar fixo ou tens que...?

R: Tenho um lugar fixo lá, vou sempre para a mesma rua... para a Avenida dos Combatentes...

P: E lá consegues amealhar?

R: Lá consigo amealhar... em duas horas o que ganho aqui num dia! É pena é que só seja duas vezes por mês, às vezes uma... isso é que é pena! Devia ser diariamente!

P: E já me disseste então que já recebeste género, por exemplo, géneros alimentares como pagamento do serviço prestado... como o exemplo ali do jantar do restaurante... Há outros casos assim? Tens algum estabelecimento, algum acordo agora?

R: Aqui... aqui na faculdade... por vezes, acontece alguns automobilistas dizerem-me “Olhe não tenho dinheiro, mas trago-lhe alguma coisa do bar, se quiser, para comer!”. E eu nunca digo que não, digo sempre que sim!

P: Mas são usuais esses casos?

R: Sim, não é... não é uma coisa diária, não é? É uma coisa esporádica, mesmo...

P: E como é que achas que os automobilistas te vêm agora?

R: Sei lá... Como o homem que olha pelo carro deles, sei lá... não faço a mínima ideia... acho que cada um tem a sua maneira de pensar, não é? Para alguns posso ser um... um gajo bacano... para outros posso ser um... cabrãozola, sei lá... não faço a mínima ideia...

P: Mas...

R: Não tenho uma opinião formada sobre isso...

P: ... quais são as reacções que as pessoas têm em relação à tua presença ali como arrumador?

R: São as minhas?

R: Quais são as reacções das pessoas?

R: Algumas são reacções porreiras... boas por me verem, diariamente... por me verem bem... tenho boas reacções... tenho outros que chegam ali, vêm-me dão a volta e vão para cima...

P: Era isso que eu te queria perguntar, achas que as pessoas aproximam-se e vão falar contigo, afastam-se...?

R: Tenho... tenho pessoas que... que se dão super bem comigo, tenho outras... não é... penso que não é por ser eu, penso que é por ser um arrumador que está ali... simplesmente, não param ali... e vão embora para outro sítio...

P: E, actualmente, achas que os automobilistas te dão moeda pelo serviço prestado ou por receio que o automóvel seja roubado ou...?

R: Não...

P: ... ou até por compaixão?

R: Cada... aqui... aqui... penso que alguns casos por compaixão, por pena... outros casos pelo serviço prestado...

P: Então... é bastante diferente então de quando estavas ali...?

R: Muito diferente... muito diferente...

P: Mas achas que foi pela altura em que estavas lá ou pelo local?

R: Pelo local... só mesmo pelo local... como eu te disse, ali, no Hospital... passam centenas de pessoas diferentes todos os dias... são clientes de ocasião... ali não, são clientes diários, de meses, de anos alguns! É totalmente diferente!

P: Então consideras que também te dão moeda pelo serviço prestado?

R: Também... e muitos... se for... se for um cliente de ocasião também por medo...

P: Mas então são raros os casos... conheces a maior parte dos moradores e...?

R: Exactamente! Exactamente!

P: É mais pela segurança da...?

R: Exacto! Pelo serviço que eu presto...

P: Ok... Sentes que és tratado de maneira diferente ali, como és tratado, por exemplo, num café? Ou que és tratado como um prestador de um serviço? Como vês a tua actividade?

R: Como uma pessoa que presta um serviço... ali... ali... por uma pessoa que presta um serviço...

P: E a população em geral? Não falando nos clientes fixos que tens ali, aqueles mais... que aparecem poucas vezes lá, achas que olham para ti com alguma desconfiança, ou achas que a imagem do arrumador já se encontra um bocado mais limpa, já não... já não se encontra exclusivamente associado um bocado também à criminalidade e à toxicodependência como se via há uns anos atrás?

R: É assim, eu penso... penso que, actualmente, já não está tão associada, apesar de ainda estar muito associada a isso... eu penso que ainda está muito associada à toxicodependência... e à criminalidade... mas... no meu caso... no meu caso, também pelo sítio onde eu estou que é um bairro, as pessoas também temem um bocado... não conhecem, não são daqui... não sabem se é sossegado, se não é... e com um pouco de... de hesitação acabam por... por me dar... nos primeiros tempos... depois, lá está onde.. onde eu quero chegar, com o tempo... chegam... pelo meu serviço... pelo serviço que eu presto, por alguma amizade, alguma simpatia... é isso...

P: Então consideras que os automobilistas do parque já te conhecem, já não fazem essa associação do conceito de arrumador ao de toxicodependente e criminoso?

R: Exactamente! À medida que o tempo vai passando, é assim... se eu estiver associado a drogas, eles acabam por perceber... que eu estou associado às drogas... se não for o caso, eu acho que eles também conseguem atingir... que não é o caso... uma coisa é eu andar lá sujo, a definhar, magro... todo... todo “comido”, outra coisa é andar bem, limpo, bem vestido... minimamente apresentável.

P: E diz-me uma coisa, e em relação aos outros arrumadores, na tua opinião, achas que existe mais concorrência ou solidariedade?

R: Agora não há... não,não, não... nada de... solidariedade não há nenhuma, aquilo... se puderem comer, comem-te o lugar! É, meu! Isso é...

P: Há muita competição?

R: E quanto... e quanto melhor for o lugar então... claro que há! Não é o haver muita competição, mas se tu te desleixares um bocado... se deixares... eu se deixar de aparecer no meu local de trabalho uma semana... posso ter a certeza que quando lá for, já tenho lá um concorrente à minha altura (risos)...

P: Já te aconteceu isso? De alguém...

R: Aqui não, mas no Hospital já tive... esse caso... chegar lá ao fim de três dias e já ter lá... “Não, aqui sou eu!”, e eu “O quê?” ... não...

P: E nas férias ou nos períodos menos movimentados porque não optas por te mudar para outro sítio?

R: Lá está! Porque é assim, eu para me mudar para outro sítio, tinha que me mudar para um sítio que desse muito dinheiro... e os sítios que dão dinheiro... já estão ocupados... e o que eu não gosto para mim também não gosto para os outros, também não ia daqui

para a praia, chegar lá e armar confusão... com uma pessoas que está lá há anos... como eu também não gostava que viessem para aqui... e criassem esse tipo de conflito...

P: E então, como é que são os teus rendimentos agora? Para o teu dia-a-dia?

R: Como é que são?

P: Sim... Neste tempo menos movimentado, como é que arranjas dinheiro para...?

R: É assim... por vezes, vou até ao parque, tento encontrar pessoas que me ajudam... Às vezes até meus vizinhos... para o tabaco... para o café... e pouco mais... a minha avó, de vez em quando... nem sempre... também não pode ser... mas eu tendo tabaco... passo o dia... e tendo para a minha ganzita...

P: Mas então já é... já não te dão dinheiro pelo trabalho prestado...

R: Neste caso, não... dão-me dinheiro mesmo por compaixão... e por... por uma certa amizade que têm por mim... uma certa pena... e vão-me dando...

P: E como é que te sentes em relação a isso?

R: Ó pá, é assim... é complicado... daí o facto de eu não ir todos os dias para lá... porque... estás a ver eu a chegar à beira de um morador e a pedir-lhe um euro todos os dias... o gajo mandava-me foder... “Ouve lá, vai trabalhar!”... assim, de vez em quando, um euro hoje a um... amanhã a outro... daqui a duas ou três semanas se for ter com a mesma pessoa, ela é capaz de me orientar na mesma um eurito, agora se for lá todos os dias... é complicado... e tenho pessoas que me dão cinco euritos... tenho lá um polícia que, ao fim do mês, dá-me vinte euros...

P: Aqui no parque?

R: Sim, mora lá no bairro... agora está reformado, mas está reformado há três ou quatro meses... ele era mesmo polícia... e ajuda-me... tenho assim casos, assim desses...

P: E diz-me uma coisa já praticaste algum acto de vandalismo nalgum automóvel por não te terem dado dinheiro?

R: Eu nunca... eu nunca... nunca vi... mas sei de casos de pessoas... às vezes nem... nem é preciso não dar moeda, é preciso ver alguma coisa no carro, que chame a atenção, mesmo que o homem ou a mulher tenha dado moeda, vai na mesma... percebes? Foda-se... conheço “n” de casos...

P: E qual é a tua opinião sobre isso?

R: Pá, isso é o pior que pode haver. As pessoas... se confiam em ti, se põem ali o carro, pronto... estás a... estás a dar na... foda-se... estás a... faltar ao respeito mesmo de uma maneira... estás a... a cuspir no prato que comes, meu... quer dizer... comes daquele prato... estás a cuspir naquele prato... pá, não pode ser, não é? Acho que é um bocado baixo.

P: E diz-me uma coisa, consideras que as pessoas te vêem como uma figura de medo e insegurança para elas e para os veículos?

R: Algumas pessoas... não digo... digo... digo que sim... que é capaz de... de isso acontecer. Mas tenho muita... a maioria não... não vejo, não vejo com esse... com esse pensamento.

P: E, além daquela vez ali no Hospital de São João, que tinhas problemas com a Polícia... já alguma vez foste multado pela tua actividade de arrumador?

R: Já, já fui multado no Cemitério... no Dia dos Fiéis... andava lá...

P: No de Paranhos?

R: No de Paranhos... andava a arrumar carro e... apanhei uma coima de trinta euros.

P: Foi a única vez?

R: Foi a única vez!

P: Aqui nunca tiveste esse tipo de problema?

R: Não... nunca, nunca... já, já... vão lá com frequência, o carro patrulha, perguntar se está tudo bem, se há algum problema... mas de resto...

P: Mas nunca te multaram?

R: Não, não, nunca!

P: Vão mais para ver como tu estás?

R: Exactamente! Se está tudo bem... se está tudo... e eles como não têm queixas de lá... volta e meia passam lá... só para ver... para averiguar se está tudo em ordem.

P: Qual é a tua relação com as forças de autoridade? Tanto com a PSP como com a Polícia Municipal?

R: Eles têm a faca e o queijo na mão... nós não podemos ser muito espertos... que a esperteza não nos leva a lado nenhum, é a esperteza saloia... por isso... manter uma certa distância, também para não haver da parte deles muita confiança... mas... nunca lhes faltar ao respeito e... manter sempre a nossa postura... e o resto logo se vê...

P: E achas que a postura da parte da Polícia também já mudou desde os tempos em que levavam os arrumadores para as esquadras e lhes tiravam o dinheiro, até hoje?

R: De alguns, acredito que sim! Mas... acredito que... que muitos... devem, podem ter mudado a sua maneira de pensar, mas há pessoas que a maneira de pensar é sempre a mesma, não há volta a dar. Antigamente, tu quando... eu quando consumia drogas, nos princípios, se a Polícia me apanhasse a consumir, tirava-me a droga, “botava” fora... hoje em dia... se te apanhar a consumir já tem consciência de que aquilo faz falta e que

não... não podem fazer isso e não fazem isso... a maioria... por isso... depende de... depende do polícia...

P: Mas sabes de alguns casos actualmente em que algum arrumador tenha ido para a esquadra, ou...

R: Não...

P: ... isso já não acontece?

R: É assim, depende do sítio onde tu estás, se fosses para o Hospital de São João arrumar carros, podes ter garantida uma viagem até à esquadra mais próxima... isso é ponto assente! Se for no sítio onde eu ando, já não... porque já não é uma zona tão movimentada como o Hospital de São João... é um bairro social... sem... sem... só com uma entrada e uma saída... não há movimento... o único movimento que há lá é moradores ou pessoas, estudantes para estacionar o carro... e já estou... e... e eles... não chateiam... não chateiam muito... desde que haja, que esteja tudo... dentro da legalidade, não haja roubos, não haja queixas de automobilistas que eu sou malcriado, que eu falto ao respeito, isto ou aquilo...

P: E concordas com o facto da Câmara Municipal do Porto exigir o licenciamento dos arrumadores?

R: É assim... isso... é um pau de dois bicos, mas... em certa parte, até concordo! É assim, se cada um... tiver o seu nome associado a uma rua... pode ser chamado às suas responsabilidades, não é? E no caso, lá está, dos outros quererem tomar conta do sítio onde tu estás... tu estás ligado ali naquela rua, tu podes chamar a Polícia que a Polícia intervém... e corre com quem lá estiver, não é? Tem os seus, os seus... as suas coisas boas e as suas coisas más... é assim, tu para te legalizares tens que fazer descontos, tens que fazer uma série de coisas e... não tem assim muita lógica...

P: A lógica da Câmara era... o único rendimento que tinhas era basicamente o que os automobilistas te davam... a partir daí não tinhas que fazer descontos...

R: Só tinha que... eles só tinham que saber quem era a pessoa que estava naquela rua, não é? E mais nada... pronto...

P: E já alguma vez, pensaste em licenciar-te?

R: Não, nunca pensei nisso! Não.. é assim, se eles me chateassem hoje, amanhã, depois... me passassem multa... eu aí pensava duas vezes e dizia “Não, foda-se, antes de perder aqui o lugar vou tratar das coisas...”, mas como eles nunca pressionaram muito nesse sentido de “Legaliza-te!”, “Tens que te legalizar!”, “Vais para a esquadra!”, “Se amanhã vier aqui, e se estiveres...”, eu aí andava da minha perna e tratava das coisas...

P: Achas que se houvesse um controlo mais apertado da Polícia, os arrumadores tinham uma tendência para se licenciarem ou que muitas pessoas iriam deixar a actividade e, porventura, podiam-se dedicar a “fazer à vida” de outra maneira?

R: Também pode... também podia acontecer isso... por exemplo, se a Polícia andasse mais em cima... acho que havia mais... pessoas a legalizarem-se, mas também havia muita gente que “cagava de alto” para isso e que... e que fazia da vida outro... fazia... outro modo de vida para arranjar dinheiro, aí isso sem sombra de dúvida...

P: Achas que isso poderia levar a um aumento da...

R: Criminalidade! Acredito que sim!

P: E como é que vês a actividade que desempenhas? Vês como uma profissão, como um biscate...?

R: Como um desenrasque! Porque... é a única maneira que eu vejo... lícita para eu ganhar dinheiro, não muito, mas para o meu dia-a-dia... por isso é mais um desenrasque...

P: E o que é que te leva a manteres esta actividade?

R: O não ter trabalho... o passado... e uma forma de arranjar dinheiro fácil...

P: Quais é que são os principais benefícios actualmente? São esses que...

R: Exactamente! São esses... o não ter que prestar contas, o não ter que fazer descontos... são os principais benefícios... actuais... depois, o não ter uma reforma, o não ter uma baixa, não ter um... nada, um fundo de desemprego... são os contras, não é? Sem dúvida!

P: E seres uma espécie de um profissional liberal, não teres horário, achas que isso influencia também?

R: Claro que sim! Se não quiseres ir às sete, vais às oito... não tens o patrão a chatear-te a cabeça, isso também é fixe... é óbvio...

P: Mas...

R: Não teres um horário para cumprir... tens aquele horário que sabes que dá mais, e pronto, estás lá naquela hora...

P: Mas depois também há a parte chata do Inverno, da chuva e do frio...

R: E do calor!

P: Calor extremo....

R: Exactamente! Isso tens que... que arranjar equipamento próprio... eu, quando vem o Inverno, tenho um impermeável, umas galochas, e estou ali na boa... ó, pá... e como eu, acho que outros também devem fazer isso... no Verão, ponho um chapéu na cabeça, para o calor... basicamente... muita água...

P: Tens cuidados especiais...

R: É, é, o normal... não quero beber cerveja, porque se sempre que tiver sede beber cerveja, ando sempre bêbedo, não é?

P: E como é que, actualmente, é constituído o teu agregado familiar?

R: A minha avó, o meu pai, o meu tio e eu...

P: Moram então todos ali em tua casa, não é?

R: É!

P: Como é que é a situação profissional deles? As actividades que eles desempenham?

R: A minha avó é reformada, o meu pai trabalha nas feiras... é empregado... e o meu tio é desempregado, vive do Rendimento Social de Inserção...

P: Mas de longa duração já?

R: Já, já... já praí há dois anos...

P: O que é que o teu tio fazia dantes?

R: Não fazia nada... era desempregado...

P: E tu não acompanhas o teu pai, nas feiras?

R: Não, não! Ele é empregado, não é patrão...

P: E em relação à tua família mais alargada... disseste-me que costumavas ver também o teu irmão...

R: E a minha sobrinha...

P: Semanalmente?

R: Sim... ou de quinze em quinze dias... vou vendo com frequência... ele mora em Gaia, tem o trabalho dele também em Gaia... sempre que pode, está aí...

P: E como é que actualmente é a tua relação como teu pai?

R: É melhor um bocado... ele também agora não consome, anda na metadona também, não anda onde eu ando mas... é uma relação melhor, um bocado... não é... lá está, no fundo não é uma relação de pai para filho, como não era antigamente, mas pronto... vai-se vivendo...

P: Ele consumiu sempre mesmo depois de estar preso, consumiu?

R: Sempre! Há coisa de, sei lá, quatro ou cinco anos é que parou...

P: Quais são, neste momento, as principais fontes de rendimento do teu agregado familiar?

R: A reforma da minha avó, o meu dinheiro dos carros e algum que o meu pai ganha... nas feiras...

P: E o teu tio?

R: Tem o rendimento social...

P: E contribuem todos para as despesas da cas?

R: Um bocado cada um... o meu pai nem tanto porque também não trabalha todos os dias... e pronto... dá só quando trabalha... mas vai dando.

P: Ele faz muitas feiras por semana?

R: Faz três.... não é muito...

P: E a relação com o teu irmão e com a tua sobrinha?

R: É fixe, é boa... é uma relação boa!

P: Já tiveste algum problema com a justiça?

R: Não, nunca tive problemas com a justiça, não... tirando aquelas “cenas” de ir para a esquadra... e vir numa rusga num bairro e... eles aparecerem e meterem-me dentro da carrinha e levarem-me... agora... ir a julgamentos, etc. ... isso nunca tive, esses problemas...

P: E agora relativamente a planos futuros, quais são os teus planos de futuro?

R: Neste momento, não tenho planos! É o meu dia-a-dia, deixar-me andar bem, abstinente... e levar um dia de cada vez, não tenho, não faço grandes planos... o meu grande objectivo passa por eu tratar da minha boca...é uma... é a minha primeira prioridade, neste momento...

P: Para mudares os dentes?

R: Pôr uma prótese dentária... é a minha grande prioridade de futuro... o resto... depois vai-se ver...

P: consegues imaginar-te daqui a dez anos? Como é que vais ser?

R: Sei lá... espero... espero... se não estiver melhor, que não esteja pior do estou actualmente... é o que eu espero... não faço grandes planos para o futuro, daqui a dez anos...

P: E gostarias de voltar a estudar ou ter formação profissional?

R: É como eu já te disse, uma formação profissional só se fosse remunerada... porque eu... actualmente, um curso para só ficar com mais habilitações não queria... nem quero!

P: E que temas ou áreas te interessam mais?

R: Temas?

P: Sim, se estudasses alguma coisa, qual seria...?

R: Desporto!

P: Desporto?

R: Desporto!

P: Gostavas de tirar um curso universitário de Desporto?

R: Gostava, gostava!

P: E tens algum projecto ou sonho por concretizar? Daqueles sonhos de...?

R: Adorava dar a volta ao mundo, não é? Para conhecer... conhecer países... fazer uns bons cruzeiros... toda a gente tem... todos nós temos sonhos... ter dinheiro para satisfazer os meus caprichos... basicamente era isso...

P: Sobretudo são esses das viagens?

R: Principalmente! Então não gostava! Acho que... toda a gente gostava de... poder... este ano ir para aqui, daqui a uns meses ir para outro lado... conhecer esta cidade, aquela cultura, aquela gastronomia... acho que isso era fantástico!

P: Mas já viajaste?

R: Já! Já, já estive na Ilha da Madeira, apesar de ser Portugal... é intercontinental... estive em Palma de Maiorca... e estive em Marrocos.

P: Mas foi com a família, foi com amigos?

R: Foi com a minha mãe... a passar férias...

P: Mas quando eras adolescente?

R: Era adolescente! Comecei a ir com os meus dez anos, até aos meus dezasseis, mais ou menos...

P: E já alguma vez pensaste, agora que estás abstinente, no dinheiro que gastaste todo, já podias ter concretizado esses sonhos?

R: Tinha uma boa casa... um bom carro... e se calhar, quem sabe, ter feito metade das viagens que eu gostava de ter feito... até digo metade, já nem digo todas... para não ser um sonho mesmo daqueles cor-de-rosa... para ser um sonho assim, azul-bebé...

P: Diz-me uma coisa, quais foram os momentos na vida que mais te marcaram?

R: A morte do meu avô!

P: Foi há pouco tempo, certo?

R: Foi... foi o que mais... o que mais me marcou, principalmente pela negativa...

P: Coincidiu também com a fase em que já estavas abstinente na altura... E não continuaste a consumir... Conseguiste dar a volta?

R: Consegui! Mas... senti... sei lá... eu nem sei bem o que senti, ouve lá... foi um misto de emoções... uma tristeza muito grande, uma ansiedade muito grande... mas consegui agarrar-me à minha avó e... levar a... o barco para a frente...

P: Ela deve ter sentido muito a perda...

R: Exactamente! Ainda hoje, ainda hoje sente!

P: E em relação à tua mãe?

R: Também me custou, mas... não foi como o meu avô... também me custou bastante, era minha mãe, e eu gostava dela, mas... foi diferente, foi diferente... foram sentimentos diferentes...

P: Por causa da relação de proximidade que tinhas com o teu avô que não tinhas com a tua mãe?

R: Exactamente, exactamente!

P: E sabes as causas que levaram à morte da tua mãe?

R: Foi suicídio... agora o que é que levou... não sei, não faço a mínima ideia...

P: Como é que tiveste conhecimento?

R: Foi o... o marido dela que veio ter comigo e que... que me disse o que se tinha passado... Veio-me informar.

P: Mas nessa altura já não tinhas um contacto tão próximo com a tua mãe?

R: Já não ia lá com a frequência que costumava ir... já ia lá de vez em quando... ela... às vezes... era mais ela que me ligava para saber de mim... porque eu já... eu só queria... era má vida!

P: E davas-te bem com o marido dela?

R: Dava! E dou-me bem com ele.

P: Tens contacto com ele?

R: Tenho! Falo com ele algumas vezes, ele volta e meia vem ter comigo para irmos jantar ou almoçar... para conversar um bocado.

ANEXO C

Matriz Conceptual alusiva à 1ª Unidade de Análise do Guião

Matriz Conceptual alusiva à 1ª Unidade de Análise do Guião

Categoria: Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Subcategoria: Caracterização familiar durante a infância e adolescência

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Base Familiar	Separação dos progenitores	“Eu morei sempre com os meus avós paterno... eram eles que eram a minha base familiar” “(...) depois tinha os meus pais separados”
	Progenitores muito novos	“(...) a minha mãe é que veio... perguntar se eles [os avós] não se importavam de ficar comigo... Tinha quinze anos na altura (...) E não tinha condições. (...) O meu pai já tinha dezanove anos, mas a minha mãe tinha quinze anos.”
Suporte/ Encarregado de Educação	Mãe ausente	“(...) mas a minha base familiar eram os meus avós, eles é que eram o meu suporte (...) o meu encarregado de educação na escola e tudo.” “(...) a minha mãe (...) via-a de quinze em quinze dias, de mês a mês (...) ela não era muito... um suporte... um bom suporte.”
	Problemas com a justiça/ detenção	[causa que motivou a separação da separação dos pais] “Foi o meu pai ter sido preso. (...) Foi quando a minha mãe estava grávida. E depois de eu nascer, mais quatro anos.”
Tráfico de droga	Família alargada	[motivo da detenção do pai] “Foi tráfico de droga.” “(...) e os meus tios também a morar comigo.”

Categoria: Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Subcategoria: Caracterização familiar durante a infância e adolescência

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Infância perturbada	Problemas com a Justiça/ Detenção	[Em relação ao tio] “Também estive preso. Por tráfico também. (...) Heroína e cocaína.” “(...) uma infância... um bocado perturbada, sempre com os fantasmas da minha família, o meu pai e o meu tio, por causa da droga.”
	Trabalhos pouco qualificados	“A minha avó deixou de trabalhar depois quando (...) eu fiquei ao cuidado deles. O meu avô preferiu que ela viesse para casa do que continuasse a trabalhar. (...) Era empregada doméstica. O meu avô era serralheiro mecânico de 1ª. Trabalhava numa fábrica.”

Categoria: Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Subcategoria: Relação intra-familiar

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Relação de distância	Ausência de ligação mãe-filho	“(…) não havia assim uma ligação muito forte. Gostava de a ver mas não havia aquela ligação de mãe e filho.” [acerca da relação com o pai] “Era uma relação de distância. Apesar de morarmos na mesma casa era uma relação de distância.”
	Substituição da figura maternal	“Era uma relação óptima... A minha avó era mais do que uma mãe para mim... O meu avô, pronto era mais ríspido mas... sempre meu amigo ao máximo... era uma relação muito boa.”
	Felicidade	“(…) sempre que estava junto com os meus avós, para mim, era um motivo de felicidade.”
	Fraternalidade/ Protecção	“(…) é meu irmão e eu gosto muito dele. (...) Foi sempre uma relação muito próxima e eu (...) tentei sempre que ele visse... o lado certo e o lado errado para não cometer os mesmo erros que cometeu o pai, que cometi eu.”

Categoria: Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Subcategoria: Percurso escolar e relação com a Escola

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Baixa escolaridade	“(…) chumbei uma vez no oitavo... e fiz até ao nono... depois, no nono chumbei e não fui mais para a escola... chumbei duas vezes.”
	Insucesso Escolar/ Absentismo	“A primeira vez chumbei... por negativas... mas a segunda vez já foi por faltas.”
	Absentismo/ Conflito/ Desaproveitamento	“Eu tinha capacidades, não gostava era das aulas. Ia para a escola, não ia às aulas... volta e meia, vinha suspenso... (..) E pronto, podia ter sido mais bem aproveitado.”
	Relações de amizade	“(…) acho que na escola era uma pessoa até... querida. (...) Fiz muitos amigos, mesmo. Que ainda hoje alguns, pronto, são meus amigos... independentemente da vida que eu levei.”
	Relação conflituosa com professores	“(…) havia professores que era na boa e havia outros que eu... flipava com eles à força toda... (..) era puto! Às vezes para me armar, outras vezes (..) por ser do contra.”
	Desinteresse escolar	“(…) os estudos é uma coisa importante! Agora tenho essa consciência, na altura queria lá saber (..)”

Categoria: Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Subcategoria: Relações com a comunidade

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Memórias		“(…) das melhores memórias que eu tenho e das que me lembro mais vezes... é dos meus amigos de infância (...) juntavamo-nos todos aqui e depois fazíamos de tudo, passeava, tudo.”
	Boa relação com a vizinhança	“(…) tenho alguns, por quem eu tenho ainda amizade e sei que eles têm amizade por mim. Aqui na zona, no bairro onde eu moro.”
	Auto-exclusão	“(…) não há tanta proximidade porque eu próprio afastei-me deles.”
	Pertença a um grupo	“Praticava desporto, jogava futebol... joguei no Progresso e no Infesta.”
	<i>Hobby</i>	“Gostava de ir à discoteca, dançar.”

Categoria: Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Subcategoria: Entrada no mercado laboral

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Trabalho pouco qualificado	[quando desistiu da escola] “Fui trabalhar como (...) ajudante de camionista”
	Boa relação profissional	[relação com os patrões e restantes empregados] “Dava, dava-me bem.”
	Toxicoddependência/ Absentismo ao trabalho/ Despedimento por iniciativa própria/ influência da droga	“(...) eu é que... é que me vim embora de lá, porque já andava agarrado á heroína... e não dava para conciliar as duas coisas...comecei a faltar muitas vezes, comecei a... ir trabalhar <i>ganzado</i> (...) e as pessoas começaram a aperceber-se (...) optei por deixar de ir... ao fim de um ano e meio praí... mais de um ano e meio.”
	Consumo de substâncias psicoactivas consideradas pesadas	[causa de ter deixado de trabalhar] “(...) por andar a consumir heroína... e cocaína.”
	Necessidade/ Falta de consumo implicava absentismo/ influência da droga no emprego	“Eu se não tivesse a minha dose de droga de manhã cedo para ir trabalhar, não ia trabalhar.”

Categoria: Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Subcategoria: Primeiras experiências de consumo e toxicodpendência

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Curiosidade/ gostar e continuar	Primeira experiência	<p>“Eu comecei com catorze anos a fumar haxixe e depois com dezasseis já... quase com dezassete comecei a fumar heroína e cocaína”.</p> <p>“Foi com amigos. Amigos que já consumiam (...), a ver algumas vez eles a consumir, por curiosidade, pedir para experimentar, e pronto... e gostar e continuar.”</p>
Prioridade/ ressaca física		<p>“Primeiro foi com a heroína e depois, mais tarde, com a “coca” (...) dando prioridade à heroína, porque era a que me dava ressaca física.”</p>
	Consumo diário	<p>“Ao fim de um ano, andava a consumir todos os dias.”</p>
Injectar		<p>“Andei praí três anos a fumar e ao fim de três anos comecei a injectar.”</p>
	Medo da descoberta	<p>“tinha que pedir... a pessoas que eu tinha alguma confiança para me comprarem... que eu não me queria expôr porque eles conheciam o meu pai, o meu tio... e eu tinha medo que lhes dissessem e os meus avós ficassem a saber.”</p>

Categoria: Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Subcategoria: Primeiras experiências de consumo e toxicodpendência

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Choque/doente		[sobre a reacção dos avós após descoberta dos consumos] “Falaram, ralharam... entraram em choque... o meu avô até, até ficou doente (...) nem queria acreditar (...) tentaram-me chamar à... à realidade, à razão, só que já era um bocado tarde (...) já estava mesmo a começar a ... a ficar agarrado até ao pescoço.”
Esclarecer/ alertar		[sobre a reacção do pai após descoberta dos consumos] “Também me alertou (...) ele foi logo a pessoa... que veio falar comigo... que me tentou... esclarecer... alertar enquanto não era muito tarde. Só que eu, enfim...”
	Reacção da mãe/ tristeza	[sobre a reacção da mãe após descoberta dos consumos] “(...) ela ficou a saber, também ficou tristíssima.”
	Apoio social pecuniário	[sobre o que fez após se despedir do primeiro emprego] “(...) andei aí uns meses a receber o subsídio de... de desemprego.”
	Consciência da toxicodpendência/ necessidade de dinheiro	“Eu estive a receber nove meses (...) quando acabou é que eu... me vi naquilo que estava realmente metido e disse “ Tenho que arranjar dinheiro de alguma forma! É obrigatório!”

Categoria: Background familiar e fase anterior ao início da actividade como arrumador de automóveis

Subcategoria: Primeiras experiências de consumo e toxicod dependência

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	<p>Estratégia alternativa para consumir/ Relação com o pai relacionada com o consumo</p> <p>Pai com problemas com a justiça/ nova necessidade de dinheiro para consumo</p>	<p>“E depois, o meu pai vendia droga e eu fui para lá. Em vez de andar aí a fazer-me à vida, a roubar (...), fui para a beira dele. Consumia de borla, diariamente.”</p> <p>“Depois ele foi preso (...) e eu comecei a arrumar carros (...) deveria ter praí vinte anos... vinte e um...”</p>

ANEXO D

Matriz Conceptual alusiva à 2ª Unidade de Análise do Guião

Matriz Conceptual alusiva à 2ª Unidade de Análise do Guião

Categoria: O arrumador-toxicod dependente e a actividade na “mina”

Subcategoria: Início da actividade de arrumador de automóveis

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Medo da prisão	Início num local de pouco rendimento/ “paraquedista”	“Primeiro foi aqui (...) junto à universidade (...) não dava para ganhar muito, dava para eu ganhar aí vinte euros por dia.” [motivo da escolha da actividade] “(...) tinha o exemplo do meu tio que andava sempre a roubar, estava sempre preso... e eu tinha medo... da prisão (...) enquanto que uma pessoa a roubar pode ter uma sorte, vir uma fezada boa (...) [através da actividade de arrumador] sabia que tinha sempre para o meu dia a dia e eu preferia ter aquele certo do que andar aí sujeito a ir parar a Custóias.”

Categoria: O arrumador-toxicodependente e a actividade na “mina”

Subcategoria: Descrição da actividade na “mina” e rotinas diárias

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Conquista de território	“(…) depois falaram-me para ir para o [Hospital] São João, que lá é que dava e eu... aos poucos fui ganhando lá... o meu... espaço.”
	Rendimentos elevados	“(…) foi uma pessoa que arrumava lá também carros que me disse: “(…)aquilo ali é uma “mina”. (...) Eu fazia ali setenta euros por dia.”
	Conquista de território	“Comecei por ir aproveitar as deixas dos outros. Os outros chegavam a uma certa hora e iam consumir e eu... tentava aproveitar as horas que eles não estavam. Mais tarde, ao fim de praí um ano (...) a ganhar, sei lá, trinta euros(...) houve um que foi preso. (...) aquele lugar foi logo para mim, que eu “Não, este é meu!””
	Benefícios da actividade	“Era o dinheiro, claro que era! E eu rressacava, (...) de duas em duas horas tinha dinheiro para ir consumir.”
	Desvantagens/ Percepção de enriquecimento dos traficantes	“(…) o dinheiro que era ganho, era todo mal gasto. Essa era a grande desvantagem... Estava a foder a minha saúde (...) e estava a enriquecê-los.”

Categoria: O arrumador-toxicod dependente e a actividade na “mina”

Subcategoria: Descrição da actividade na “mina” e rotinas diárias

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Necessidade de horário prolongado	“(…) ao fim-de-semana (…) e ao meio-dia e à noite, ainda consegui ir para frente de uma marisqueira lá, (…) ainda consegui engatar ali aquele bocado para me desenrascar à noite e aos fins-de-semana.”
Favores		“Da marisqueira, eles davam-me o jantar todos os dias (…) e pediam-me para ir buscar moedas (…) pediam-me “n” de favores e eu fazia. E eram os próprios... a querer que eu fosse para lá, para o parque estar seguro.”
Dia-a-dia		“(…) punha-me a pé às sete da manhã, dava um caldo, ia para o meu posto de trabalho, estava lá até aquilo encher, aquilo enchia, ia consumir ao bairro... vinha... ficava ali a fazer as vagas... chegava por volta da hora do almoço (...) ia lá novamente, vinha outra vez para o restaurante, ficava no restaurante, ia outra vez, vinha ao fim da tarde... ia outra vez para o restaurante... e à noite ia outra vez (...) andava lá até altas horas da noite... saía de um sítio para o outro, ia para a frente dos cafés até à meia-noite, uma da manhã (...) era assim o meu dia-a-dia!”

Categoria: O arrumador-toxicod dependente e a actividade na “mina”

Subcategoria: Influência dos consumos de droga na actividade

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Necessidades/ Horas de aperto	Destino dos rendimentos da actividade	[sobre o destino do dinheiro que angariava] “Gastava! Todo na droga... todo! (...) Era chapa ganha, chapa batida!”
	Rotina moldada pelos consumos	[em relação aos consumos] “(...) O meu dia... a minha vida moldava-se àquilo (...) eu vivia para aquilo, simplesmente.”
	Furtos/ Criminalidade em conjunto	“(...) também cometi os meus pecados! Não como outras pessoas que fizeram depois daquilo uma prática(...) eu não! Eu foi mesmo em algumas necessidades, em algumas horas de aperto.”
		[em relação aos delitos que cometeu] “[furtos a] Viaturas e residências.(...) estabelecimentos.(...) quando ia, normalmente, ia acompanhado.(...) Um espia, o outro faz o trabalho.”

Categoria: O arrumador-toxicodependente e a actividade na “mina”

Subcategoria: Relacionamento com os outros arrumadores

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Lugares bem determinados	Conflitos relatados por outros	<p>“Eu não tinha (...) muitos problemas.(...) mas soube de alguns casos de... terem que andar à pedrada (...) para conquistar o lugar, (...) por vezes, vinham gajos de fora que... que sabiam que aquilo dava... e que também queriam.”</p> <p>[questionado sobre se os arrumadores com mais antiguidade mantinham algum tipo de poder] “(...) eles tinham o lugar deles, nós tínhamos o nosso. (...) Cada um tinha os seus lugares bem determinados.”</p>

Categoria: O arrumador-toxicod dependente e a actividade na “mina”

Subcategoria: Relacionamento com os automobilistas e percepção da imagem que estes têm de si

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Mal necessário/ chaga da sociedade	<p>Percepção da dependência das gratificações</p> <p>Atitudes positivas influenciam a gratificação</p> <p>Gratificação por medo de criminalidade contra veículo</p>	<p>“(…) sempre tentei que fosse o melhor possível. Porque, na finalidade são eles que nos dão a ganhar.”</p> <p>“(…) temos mais a ganhar em ser compreensivos e em ser... prestáveis.(…) Penso que é melhor... a prática da compreensão, da amizade.”</p> <p>“(…) a maioria dava, e dava boas gorjetas porque só vão ali uma vez por ano (..) tinham medo que lhes fizesse alguma coisa ao carro(…) e pagavam bem (...).”</p> <p>“Chegaram-me a dizer que eramos um mal necessário (...) que mais valia aquilo do que andar a roubar. (...) Tenho outros que era uma praga (...) era uma chaga da sociedade. (...) Cheguei a ter situações... de me mandarem trabalhar (...) de me chamarem “chulo” (...) para mim era-me indiferente...”</p>

Categoria: O arrumador-toxicod dependente e a actividade na “mina”

Subcategoria: Relação com as figuras do controlo social formal

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Relação de conflito/ Relação de poder	“Da Polícia! Não deixava estar a arrumar carros. (...) Levavam-nos para a esquadra, tiravam-nos o dinheiro (...) davam-nos lá “secas” de seis horas... ao fim de seis horas, mandavam-nos embora. (...) E sempre que nos vissem ali haviam de (...) pegar no dinheiro e obrigar a por na caixa de esmolas(...) eles tinham máquinas de chocolates e de cappucinos (...) e tiravam chocolates e bolachas e davam-nos para a gente comer: “Come, anda lá, ao menos comes!”. Quer dizer, faziam isso... o que queriam do nosso dinheiro”

Categoria: O arrumador-toxicod dependente e a actividade na “mina”

Subcategoria: Adesão ao projecto Porto Feliz

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Adesão ao projecto	“Vieram ter comigo (...) umas das Técnicas do projecto. E eu fui! (...) Foi um tratamento... uma desintoxicação de dez dias (...) acompanhamento psicológico... tomar antagonista todos os dias...”
	Reinserção Social	“(...) até começar a trabalhar (...) era para trabalhar em reciclagem... e pronto, e eu fui (...) estive lá sete meses (...) depois apareceu um problema de saúde, e eu andei de baixa... e quando acabou a baixa (...) já não tinha trabalho e fui outra vez (...) para o fundo de desemprego”
	Opinião sobre o projecto de intervenção e reinserção social	“Era um bom projecto. Não só para mim, como para muitas outras pessoas! tive pena que acabasse, sinceramente.”

ANEXO E

Matriz Conceptual alusiva à 3ª Unidade de Análise do Guião

Matriz Conceptual Relativa à 3ª Unidade de Análise do Guião

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Actividade de arrumador de automóveis em fase de abstinência e rotinas diárias

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Importância institucional	[sobre o projecto de toma diária assistida de metadona que frequenta no Centro de Terapêutica Combinada, do Hospital Joaquim Urbano] “(...) é um bom projecto. (...) e é muito importante para a toma da medicação (...) é fundamental, neste momento, para a cidade do Porto”
	Acompanhado por equipa multidisciplinar	[questionado sobre se era seguido por algum técnico] “Sim, o psiquiatra, médica e psicóloga(...) e enfermagem(...) e olha, assistente social.”
	Estrutura do quotidiano	“Ir tomar metadona, conviver... até... onze e meia... onze horas... vir, almoçar... ir ao centro [instituição de apoio social] almoçar... e de tarde, ficar ali toda a tarde, a arrumar os carros e vir embora ao final da tarde... sete horas mais ou menos.”
	Impacto da crise na sua actividade	“(...) ando a fazer uma média de vinte euros... porque não vou manhãs... e porque isto está mau!(...) Se está mau para toda a gente, para mim também vai estar mau.”
	Destino do dinheiro angariado	“(...) agora dou ajuda à minha avó para pagar as contas de casa... aluguer...telefone...tv cabo...(...) compro o meu tabaco, fumo a minha ganza(...) e o meu dinheiro é para isso... para o meu café...”

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Actividade de arrumador de automóveis em fase de abstinência e rotinas diárias

Registo		Unidade de Análise
Formal	Semântico	Contexto
Zelar		“As pessoas quando põem ali o carro não é para eu ajudá-las a estacionar o carro, que elas sabem estacionar o carro perfeitamente, não é? Se eu não estiver ali... o carro é estacionado na mesma, não é? (...) sinto obrigação de zelar pelo bem-estar do carro.”
Simpático/ humilde/ base do sucesso		“(…) não tenho técnica nenhuma... ser simpático, humilde... e é a base do sucesso (...) para agarrar esta profissão.”
	Não há necessidade de dinheiro imediato	“(…) Alguma persistência... se não der hoje, pode ser que dê amanhã.”
	Percepção da actividade	[como percebe a actividade] “Como um desenrasque! Porque... é a única maneira que eu vejo... lícita para eu ganhar dinheiro, não muito, mas para o meu dia-a-dia”

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Relação com o automobilista

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	“Clientes fixos”	“Tenho lá pessoas que me pagam à semana e outros que me pagam ao mês.”
	Figura de protecção	“Eles têm que me ver... como uma pessoa que está ali para zelar (...) pela viatura deles ... não me podem ver como uma pessoa que está ali só para lhes “chular” o dinheiro”
	Responsabilização	“(…) se acontecer alguma coisa, eles podem vir ter comigo (...) se eu estiver ali presente, eles não vão ficar mal.”
	Ausência de retaliação pela não gratificação/ gratificação merecida	“(…) se quiserem... contribuir... com a ajuda que eu acho que... que não lhes ficava mal, eu agradeço, se não puderem (...) não é por isso que o carro deles não vai ficar seguro.”
	Figura de confiança	“(…) no geral, julgo que... trasmito confiança.”
	Criação de laços	“(…) as pessoas (...) que param ali, conversam comigo (...) aquelas conversas tanto são iguais alo como noutro lado qualquer.”

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Relação com o automobilista

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Laços vs Estigma	“(…) tenho pessoas que se dão super bem comigo, tenho outras... não é... penso que não é por ser eu, penso que é por ser um arrumador que está ali.”
	Habituação retira medo	[razões da gratificação] “(…) penso que alguns casos por compaixão, por pena... outros casos pelo serviço prestado (...) se for um cliente de ocasião também por medo.”

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Percepção da imagem que os automobilistas têm do sujeito

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Figura de protecção	“Como o homem que olha pelo carro deles.”

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Auto-imagem

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Prestador de serviço	“(...) Como uma pessoa que presta um serviço.”

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Relação da figura do arrumador com criminalidade e toxicodependência

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Decréscimo da associação negativa	“(...) actualmente, já não está tão associada, apesar de ainda estar muito associada.”
	Habituação muda a associação negativa	“(...) com o tempo... chegam... pelo meu serviço... pelo serviço que presto, por alguma amizade, alguma simpatia.”
	Imagem ajuda a desconstruir a associação negativa	“uma coisa é eu andar lá sujo, a definhar, magro, (...) todo “comido”, outra coisa é eu limpo, bem vestido... minimamente apresentável.”

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Relação entre arrumadores de automóveis

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Concorrência	“(...) solidariedade não há nenhuma (...) eu se deixar de aparecer no meu local de trabalho uma semana... posso ter a certeza que quando lá fo, já tenho lá um concorrente à altura.”
	Consciência grupal	“eu para me mudar para outro sítio, tinha que me mudar para um sítio que desse muito dinheiro... e os sítios que dão dinheiro... já estão todos ocupados... e o que eu não gosto para mim não gosto para os outros...”

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Relação com as figuras de controlo social formal

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
Postura	Preocupação	“(…) vão lá com frequência, o carro patrulha, perguntar se está tudo bem, se há algum problema...”
	Figura de averiguação	“(…) como não têm queixas de lá (….) volta e meia passam lá (….) para averiguar se está tudo em ordem.”
	Percepção de poder	“Eles têm a faca e o queijo na mão.”
	Pressão policial para licenciamento	“(…) manter uma certa distância, (….) nunca lhes faltar ao respeito, (….) manter sempre a nossa postura.” [sobre o licenciamento da actividade] “(…) nunca pensei nisso! (….) se eles me chateassem hoje, amanhã, depois (….) eu aí andava da minha perna e tratava das coisas.”

Categoria: O arrumador abstinente e a actividade no parque automóvel

Subcategoria: Vantagens e desvantagens da actividade

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Vantagens da actividade	“(…) uma forma de arranjar dinheiro fácil (…) o não ter que prestar contas, o não ter que fazer descontos (…) se não quiseres ir às sete vais às oito... não tens o patrão a chatear-te.”
	Desvantagens da actividade	“(…) não ter uma reforma, não ter uma baixa (…) um fundo de desemprego (…) são os contras não é?”

ANEXO F

Matriz Conceptual alusiva à 4ª Unidade de Análise do Guião

Matriz Conceptual Relativa à 4ª Unidade de Análise do Guião

Categoria: Perspectivas de Futuro

Subcategoria: Projectos de Futuro

		Unidade de Análise
Registo		Contexto
Formal	Semântico	
	Ausência de planos/ Preocupação em não consumir	“Neste momento não tenho planos! É o meu dia-a-dia, deixar-me andar bem, abstinente... e levar um dia de cada vez.”
	Ausência de projectos a longo prazo	“Não faço grandes planos para o futuro, daqui a dez anos (...) se não estiver melhor, que não esteja pior do que estou actualmente.”
	Objectivo a curto prazo	“Pôr uma prótese dentária... é a minha grande prioridade do futuro.”
	Preocupação monetária	“(...) uma formação profissional só se fosse remunerada (...) um curso para só ficar com mais habilitações não queria.”
	Percepção do dinheiro gasto nos consumos	[se tivesse poupado o dinheiro todo que gastou em consumos de droga] “Tinha uma boa casa... um bom carro (...) metade das viagens que eu gostava de ter feito.”